

ESTHER RODRIGUES

MÃOS LIMPAS
CORACAO
QUENTE



UM BRASILEIRO NO KREMLIN

MÃOS LIMPAS, CORAÇÃO QUENTE

Um brasileiro no Kremlin

Esther Rodrigues

Ímã Editorial | MOTOR Rio de Janeiro

Sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 3.0 Brasil (CC BY-NC 3.0 BR)

This book was produced using [PressBooks.com](https://pressbooks.com).

Dedico esse livro à memória de meu pai, Augusto Rodrigues, minha referência, que amava os livros e que em mim soube despertar o interesse e o amor pela literatura, meu grande incentivador, meu amor e admiração.

Dedico esse livro a minha mãe Dulce, minha referência, que com seu belo exemplo de vida, me ensinou o pensar, o saber viver e conviver, meu amor e admiração.

Dedico esse livro a Obertal, que foi um divisor de águas na minha vida, ao incentivar-me a escrever usando sua memória e lembranças de sua vida em Moscou, despertando em mim a coragem de expor pensamentos através desse livro, meu amor e admiração.

Agradecimentos, “com açúcar e com afeto”

Para meus amados filhos, genros e netos Alessandra, Priscilla e Henrique, Breno e Roberto, Rodrigo, Gustavo, Lucas e Pedro, Sandra, Jane, meu editor Julio, meu patrocinador Roberto, meus apoiadores Angela, Maria Alice, Paulo e Sonia, Nelsinho Rodrigues, Ruy Castro, Tio Nelson, Tia Elza, Tia Elza Dantas Motta, minhas queridas irmãs Sonia, Maria Helena, Leila, Maili, Angela, Elza, Tére e minha madrinha Maria Alice, meu carinho sempre e, finalmente, a todos os familiares, amigos e leitores, que apostaram em mim.

“Cabeça fria, mãos limpas e coração quente.”

Lema da KGB e de todos os serviços secretos desde os tempos dos czares. É o que resolve.

SUMÁRIO

-
-
- [*A autora*](#)
- [1. O início da estrada](#)
- [2. O golpe vazio](#)
- [3. Desvio do caminho](#)
- [4. Penetrando na KGB](#)
- [5. 1968](#)
- [6. Visões totalitárias](#)
- [7. A liberdade](#)
- [8. Tragédia à esquerda e à direita](#)
- [9. Marxismo à la russa](#)
- [10. Ménage à trois, SNI, CIA e KGB](#)
- [11. Privatização no estilo russo](#)
- [12. Guerra Fria, Comunismo e Integralismo](#)
- [13. O vômito soviético](#)
- [14. O fim do mito socialista soviético](#)
- [15. A catedral, enfim](#)
- [16. Espalhando o totalitarismo](#)
- [17. A falência ideológica](#)
- [18. Epílogo](#)

- [*Stalin*](#)
- [*Projeto MOTOR*](#)

A AUTORA

Maria Esther Paes Barreto Rodrigues é formada em biblioteconomia e dedicou boa parte de sua vida à família, que inclui três filhos e quatro netos e ao trabalho voluntário em hospitais e asilos.

Recentemente, decidiu que transformaria o prazer de escrever para amigos em algo concreto. Em seu primeiro livro, essa contadora de histórias, se inspirou na vida do seu atual marido Obertal Mantovanelli para realizar uma pesquisa sobre a União Soviética e trazer dados históricos que agregassem informação, cultura e diversão a seus leitores.

Vinda de uma família de jornalistas renomados, a começar pelo seu avô — o pioneiro Mário Rodrigues, dono dos jornais *A Manhã* e *Crítica*, empastelado na Revolução de 1930, seu pai Augusto Rodrigues, criador e diretor da *Manchete Esportiva* e que foi também Secretário de Redação do jornal *O Globo* e seus tios Mário Filho, dono do *Jornal dos Sports* e Nelson Rodrigues, nosso dramaturgo maior.

Nesse ambiente, com a sua inata curiosidade, Maria Esther, desenvolveu uma imensa capacidade de observar, ver, ouvir e contar e usa esse talento para mostrar ao leitor a longa e difícil estrada para a catedral, percorrida por Obertal.

E assim, Maria Esther, como diria seu pai Augusto Rodrigues, foi dominada pela saga dos Rodrigues.

O INÍCIO DA ESTRADA

“Para que serve o caminho se não leva à Catedral?”

Essa pergunta estava num calendário na estação central de trens de Tbilisi, na Geórgia, no Cáucaso, num dia frio de final de janeiro. O ano era 1975.

Ao mesmo tempo me perguntava:

— Que diabos estou fazendo aqui?

A impressão que eu tinha era que o inverno era siberiano e o impulso que me motivara a aceitar trabalhar na União Soviética, um gesto suicida. Percebi, naquele momento, que meu conceito de coragem tinha acabado de mudar. Vendo aquele calendário no meio do meu caminho (que de certa maneira coincidia com o que dizia o poeta Carlos Drummond de Andrade), havia uma pedra traduzida em um ditado georgiano no meu caminho de vida à procura da Catedral. Aventurar-se só é possível por caminhos desconhecidos. A vida só faz sentido se levar à Catedral do conhecimento. Comecei a ver além de Gericinó.

O relógio da estação marcava sete horas da manhã. Se a pontualidade aqui fosse igual à britânica, isso queria dizer que eu deveria me apressar para pegar o trem que sairia em exatos três minutos com destino a Moscou.

Quando criança, o que eu mais gostava de fazer era correr. Minhas pernas compridas ajudavam e a vontade de alçar voo um dia, mais ainda. Cheguei um pouco ofegante, é verdade, mas a tempo de pegar o meu lugar na janela e por fim admirar a bela vista.

Vim de longe, dos cafundós do Judas. Nasci em Anchieta, um bairro pobre do Rio de Janeiro, uma Anchieta que não existe mais. Sem água corrente, sem esgoto e sem luz elétrica. Tempo dos lampiões e bombas para tirar água do poço e da febre amarela. Mas, tempo também das músicas de Noel Rosa, Carmem Miranda, Luiz Gonzaga. Dos sambas e canções de Ari Barroso e do grande Villa-Lobos. Só que em Anchieta não havia nada disso. É subúrbio carioca, tão bem descrito por Nelson Rodrigues, como pátria em chuteiras, viúvas porém honestas, bonitinhas mas ordinárias, engraçadinhas e seus pecados, com suas vizinhas gordas, cheias de varizes, penduradas nas janelas, vendo a vida passar, meninos correndo atrás de bolas e pipas. Uma padaria e quitanda, com o comércio e a única escola pública muito aquém do sofrível.

Me chamo Obertal, como meu pai. Mas, meu apelido, quando criança, era Tazinho, até que um dia, quando fui para escola, aos sete anos, descobri meu nome real, Obertal, que quer dizer “vale superior” nos Alpes austríacos, mas que na verdade verdadeira era um nome de um médico austríaco muito popular em Campos dos Goitacazes, que era o Obertal original e culpado disso tudo — e muitos obertais há nascidos em Campos. É que esse médico nascera numa estação de trem chamada Obertal, nos já citados Alpes austríacos. O médico, por um passe de mágica, transformou-se num cavalo de corrida que foi campeão por muitos anos no Jockey Club do Rio de Janeiro e, depois de dar muitas alegrias a seu proprietário e meu amigo Sergio Livramento, hoje vive feliz, no interior de Minas Gerais, onde exerce as nobres funções de reprodutor e de ganhão que sempre foi, modestamente. Mal do nome. Traduzindo: foi um acidente geográfico eu ter nascido em Anchieta, poderia ter nascido na Áustria...

Então, o que Anchieta tinha em comum com Moscou?

O trem, é claro. Só que, em Anchieta, o meu destino era o Colégio Pedro II, via Central do Brasil, com pouco acesso à vista, afinal eu era criança e o trem quase sempre estava superlotado, mas, ao passar pela estação de Marechal Hermes, admirava-me com seus táxis conversíveis dos anos 1920, (estamos no final dos 1940) e com sua Escola de Aeronáutica Militar, de onde saíam os pequenos aviões de

treinamento que iam alimentar meus sonhos em Anchieta. Agora, o meu destino era Moscou, de onde também era difícil olhar para fora mas por outras razões, que serão explicadas mais adiante.

Quando menino, eu gostava muito de subir em uma caixa d'água de onde eu podia ver uma linda serra azul, chamada Gericinó, e ficava imaginando o que haveria além do horizonte. Porque era para lá que eu queria ir um dia. Muito, muito longe...

Voltei à realidade. Não estava delirando, nem sonhando acordado. Estava em solo russo a caminho do horizonte...

A paisagem eram campos cobertos de neve com casas aparecendo e desaparecendo seguindo caminhos e trilhas invisíveis. Rostos corados, cheios de contentamento e paz, corpos que vestiam roupas diferentes e pesadas, exército de crianças e belas mulheres...

A imagem que se tinha na época era uma imagem permitida, reflexo da Guerra Fria. As fotos nas revistas ocidentais estampavam mulheres gordas e feias, trabalhando em obras ou limpando as calçadas das ruas. E dizer que havia algo de diferente disso era “coisa de comunista”.

À distância, pescadores no lago congelado, sentados com suas enigmáticas pequenas varas de pescar, davam movimento às bordas das florestas. Alguns alces iam em direção à superfície do lago, em meio a imensidão branca da estepe.

Me senti forte e livre. Uma onda de alegria eufórica me invadiu. Finalmente eu estava descobrindo o que havia atrás daquela serra de Gericinó. E eu estava gostando muito.

Algumas lembranças iam e vinham como flashes fotográficos.

Quando finalmente saltei na estação, me veio à mente a cena de Ana Kariênina atormentada se jogando embaixo do trem e seu fim trágico.

Aos dez anos, ou um pouco mais, indo para a escola, correndo atrasado forçando meus músculos além do limite, pulo e sou jogado embaixo do trem como Tolstoi joga Ana Kariênina.

Mas dei mais sorte. Além de ferimentos leves e traumas doloridos, meu estado era bom. Era ótimo. Eu tinha sobrevivido a um acidente de trem. E não contei a ninguém, nem a meus pais, nem mesmo a meus irmãos, para não assustá-los e não arriscar a minha liberdade recém-adquirida. Cheguei em casa cansado, mas em paz e estranhamente empolgado.

Sabia que o que quer que tivesse acontecido me causara um enorme impacto. Ganhara uma segunda chance. E não iria desperdiçá-la. Volto do devaneio. A minha nova e estranha realidade.

A sensação seguinte foi de frio, dedos endurecidos se enfiando pelos bolsos do inadequado casaco e gelando a pele.

Levanto a mala de maneira desajeitada, e sinto os músculos doloridos por ter ficado tempo demais exposto ao relento, sem luvas. Sinto-me uma besta, quase um pobre coitado.

Pessoas riem, falam, abraçam-se e se beijam calorosas como no Brasil.

De repente, me lembro de uma frase que diz: “Você pode dizer adeus a sua família e a seus amigos e afastar-se milhas e milhas ao mesmo tempo, carregá-los em seu coração, em sua mente, em seu estômago, pois você não apenas vive no mundo, mas o mundo vive em você.”

— Será?! Deixei tudo para trás.

De algum modo, uma criança novamente. Do menino que nunca teve permissão de ser uma pessoa confiante e cheia de entusiasmo, senti-me um Tarzan em seu grito de guerra pronto para enfrentar com coragem os novos desafios.

Chego em Moscou revigorado. Nada como uma bela paisagem para o coração aquietar-se. Se bem que o que diferencia um dia para o outro, na estepe, é a noite que os separa, pois você viaja e viaja e passa sempre pela mesma paisagem. Como dizia Tolstoi, não muda. É claro que esse ambiente todo se reflete na formação da personalidade do russo. Ela é diferente de outras. Kharan Khatashurian, compositor russo-armênio autor da dança do sabre, música vibrante, referindo-se a Heitor Villa-Lobos, disse-me:

— É um gênio, mas também, num país com aquela natureza é possível ser gênio. Ser gênio na estepe é que é difícil...

Penso em Dostoiévski e sua famosa frase: “A beleza salvará o mundo.” Como uma bela música, livro, filme, gesto, atitude ou obra em geral do homem ou de Deus, pode ser tocante, fazer bem a alma. A beleza sem retoques, sem perder a sensibilidade. Mas, como tudo na Rússia, o seu mistério particularmente mágico transforma a mente do observador, que pode passar a ver tudo quase belo. A natureza russa usa a neve para pintar uma paisagem com uma expressão de beleza. Dostoiévski salta mais uma vez à minha frente e sussurra, daquele jeito que só os russos são capazes: “Entendeu por que digo que só a beleza salvará o mundo?” Hoje, eu seria um cicerone trágico, por isso não quero voltar à minha Rússia.

A partir desse momento, aprendi a olhar e ver a Rússia na sua grandiosidade, limpando-a de todas as distorções e preconceitos que formam o olhar daqueles estrangeiros que normalmente a visitam. A estreiteza do poder soviético não conseguiu destruir a natureza russa em sua inteireza. Slava Bogu! (Graças a Deus).

Estou me sentindo impregnado da cultura russa. Também, já faz onze anos que cheguei em Moscou pela primeira vez.

Saí do Rio rumo a Moscou, via Paris, em janeiro de 1964.

Durante minha curta permanência na cidade, tive a oportunidade de conhecer duas figuras emblemáticas: Vinicius de Moraes e José Lewgoy, na chancelaria da nossa embaixada, Vinicius, na época, era conselheiro na Unesco e eu o cumprimentei.

Ele me perguntou o que eu estava fazendo ali, e lhe contei que tinha recebido instruções do Itamaraty para obter informações sobre a União Soviética, no que nosso saudoso poetinha prontamente retrucou:

— Não perca seu tempo, meu caro, vá aproveitar Paris.

Respondi, surpreso:

— Mas, eu tenho que cumprir as instruções...

No que veio um diplomata com um “infelizmente nós não temos nada”.

Vinicius me lançou com um olhar: “Eu não disse?”

Não me fiz de rogado e perguntei-lhe por que não ia a Moscou.

— Pois é, Moscou —, repetiu.

— O Vasco, sempre que passa por aqui, me convida para ficar lá com ele. — Mas, penso: “O que vou fazer em Moscou?”

— Eu sou um homem de esquerda estragado pelos vícios da burguesia, e aí, não existe nada comparável a Paris. E, além do mais, aquilo lá, deve ser muito chato...

Aliás, uma história que o Embaixador Celso Souza e Silva gostava de contar referindo-se a um amigo talvez imaginário:

— O relevo mais alto que tem lá são os Montes Urais, cujo pico é ridículo. Deve ser muito chato...

Bom, com todo esse incentivo, pego o TU-104 da Aeroflot, cuja frente era transparente para observação e eventual espionagem com máquinas fotográficas. Era um modelo militar transformado em primeiro avião comercial a jato do mundo, a única coisa soviética que deu efeito no mundo, como o Sputnik deu também pavor aos americanos.

O avião se aproxima de Moscou.

Vejo aquele campo branco com quadrados de cercados e *izbas* (casas feitas de troncos) em um dos ângulos, e aquilo se repete, monótono. Era uma verdadeira cooperativa de fazendas. A paisagem também era monótona. O que não é monótono na União Soviética? A própria monotonia.

Aí, me dei conta da realidade. Então sorri. Era mais como se estivesse chegando ao mundo irreal. Estava com a alma no chão. Fecho o casaco contra o corpo e aperto o passo. Nova vida. Grande horizonte. O outro lado da distante Serra Azul de Gericinó. Pura ilusão.

Dadas as circunstâncias políticas do Brasil, sou recebido por toda a embaixada.

O encarregado de negócios era Miguel Osório de Almeida, ministro conselheiro na época. (O Embaixador Vasco Leitão da Cunha estava no Rio.) Pegamos o carro da embaixada e a paisagem continuava branca.

O serviço de neve devia ser muito bom, pois as ruas ficavam limpas o tempo todo. Os carros não podiam correr. A velocidade máxima era de 60km, o que dava uma ideia de cidade sem pressa, de ritmo diferente, único.

Para agravar a situação, havia poucos carros particulares. Só carros oficiais e caminhões.

Os russos usavam o metrô, o ônibus e o táxi como meio de transporte. Táxi não era caro, porque o taxista ganhava gorjeta dos turistas.

A arquitetura não era lá essas coisas. Os prédios eram blocos quadrados amarelados ou com tijolo natural, formando em seu conjunto a mais monótona paisagem urbana. Na verdade, eu só viria a encontrar coisa parecida na Barra da Tijuca e em Brasília...

As calçadas eram lotadas de pessoas que aparentavam força, boa disposição e incansáveis. Mero engano, mais tarde eu aprenderia que se tratava de uma massa de pessoas perdidas no seu mundo interior, sem vislumbrar esperança no futuro.

Uma multidão de chapkas, gorros de pele com protetores de orelhas, pescoços, peitos envoltos em cachecóis, mãos e pés protegidos por luvas forradas e por válinkas, botas de feltro terminadas em galochas, únicas a resistir ao frio moscovita.

A cidade se torna instigante de uma hora para outra, debaixo de um manto branco. A imagem do sol batendo na neve e refletindo nos prédios, contrastando com o azul intenso do céu, é de grande encantamento.

Recordo-me do impacto que senti quando vi o Kremlin e a Praça Vermelha. É a síntese da beleza russa, e o que é mais interessante é que foi feito em uma boa parte por arquitetos italianos.

Moscou, uma das cinco maiores cidades do mundo, capital da então União Soviética, é, também, seu principal centro político, cultural e econômico. Seu coração e monumento maior é o Kremlin, um inigualável conjunto de edificações, que constitui um orgulho de todo o império. Diante do Kremlin estende-se a Praça Vermelha, onde se dão os principais acontecimentos cívicos e populares da cidade. E ali, em frente aos muros da cidadela, fica a Catedral de São Basílio, transformada em Museu-Catedral Pokrovski após a Revolução de 1917, e que é um dos maiores exemplos da arte nacional russa. É na Praça Vermelha, ainda, que se acha o túmulo de Lênin, em destaque, fundador do Estado Soviético, e que se tornou uma espécie de santuário visitado, anualmente, por milhares de pessoas e, junto ao muro, o de Stalin repousa ao lado de outros líderes soviéticos. Além desses belos monumentos, lá está o local de execuções, tão utilizado no tempo da monarquia.

Lembro-me, como fiquei impressionado com as cúpulas em forma de cebola e as torres multicoloridas da Catedral de São Basílio, uma das principais atrações a chamar a atenção dos turistas em Moscou.

Dizem que O czar Ivã, o Terrível, teria mandado cegar os arquitetos e artesãos responsáveis pela construção da Catedral de São Basílio, para que não pudessem construir outra mais bonita...

No início de sua história, toda a Moscou situava-se dentro do Kremlin. Seus primeiros muros foram construídos em carvalho, no ano de 1156. Em meados do século XIV, depois de um grande incêndio, o muro foi reconstruído em pedra. Seguiram-se as mudanças arquitetônicas e históricas, e o Kremlin tornou-se a residência oficial dos czares. Lá está a Praça das Catedrais, com os templos dedicados a São Miguel Arcanjo, à Assunção, à Anunciação e ao Manto da Virgem, além do Campanário de Ivã, o Grande, com 81 metros de altura.

Todas essas catedrais e edifícios religiosos hibernaram após a Revolução de 1917. Fechados por ordem do governo, passaram a servir de depósito para materiais de construção e ferramentas e

posteriormente foram transformados em museus.

Hoje, com o fim do totalitarismo, a Igreja Ortodoxa Russa recuperou o papel importante de outras épocas e os templos funcionam normalmente.

Foi realmente impactante perceber o grandioso panorama do Kremlin, coração de Moscou e de toda a Rússia, com suas torres quais épicos gigantes guarnecidos de verdes elmos, os majestosos palácios, as catedrais de cúpulas douradas, a reluzir ao sol.

A curiosidade sempre foi uma característica forte da minha personalidade, e não preciso dizer que uma das primeiras coisas que fiz ao chegar à Embaixada do Brasil, em Moscou, foi mergulhar no estudo do Kremlin e da história russa e, a partir daí, não consegui mais deixar de tentar desvendar os mistérios da Rússia.

Há mais de oitocentos anos — exatamente em 1147 — o Príncipe Yuri Dolgoruki, Senhor de Vladimir e Suzdal, escrevia a seu amigo, o Príncipe Sviatoslav Severski: “Venha ver-me, irmão, em Moscou.” Foi essa a primeira vez que apareceu nas crônicas o nome da atual capital da União Soviética, que nesses oitos séculos de existência se transformou no centro mais importante do maior país do planeta.

A capital soviética se estende pelas margens do rio Moskva e de seu afluente Yausa, e seu centro nervoso é a Praça Vermelha, onde se encontra o Kremlin (cidadela), erguido no lugar onde se achava a primitiva fortaleza do Príncipe Yuri. Em torno do Kremlin foram-se formando artérias circulares que correspondem aos lugares em que se localizavam as antigas muralhas da cidade. Para essas artérias encaminham-se amplas avenidas radiais, como a Lênin, a Volgogrado, a da Paz, que desemboca na autoestrada Yaroslavl, a Kutuzovsky, que prossegue na rodovia Moscou-Minsk, ou a Leningrado, que termina na autoestrada Volokolamsk.

Como contei, dentro das muralhas do Kremlin encontra-se um precioso conjunto de catedrais e palácios. A mais antiga dessas construções é a catedral da Assunção de Maria (Uspenski Sobor), construída em madeira em 1326 por Ivã Kalita, e mais tarde — cerca de 150 anos depois — reedificada em pedra. É um dos mais importantes monumentos representativos da antiga arte nacional russa. Diante da Catedral da Assunção está a Catedral de São Miguel Arcanjo (*Arkanguelski Aobor*), que data de 1333. A Catedral da Anunciação (*Blagoveschenski Sobor*) é uma das mais antigas de Moscou, datando sua construção de 1307. Junto a essa catedral se encontra sobre um sólido pedestal o famoso sino (*kolokol*) do czar, que, com mais de 18 metros de circunferência e seis metros de altura, é considerado o maior do mundo. Mas o edifício mais belo do Kremlin, pela sua riqueza arquitetônica, é o Grande Palácio, imponente monumento construído entre 1838 e 1849. Ao lado do Grande Palácio dos Congressos, erguido em 1961 e cujo salão de convenções é capaz de abrigar até seis mil pessoas. Lá, no Grande Palácio, tinha suas sedes o Conselho de Ministros e o Soviete Supremo da União Soviética.

Volto a janeiro de 1964 quando Miguel Osório, ministro conselheiro na época, e eu, pegamos o carro da embaixada e a paisagem continuava branca.

Miguel me perguntou meio aborrecido:

— O que você veio fazer aqui? Ver o posto?

Respondi que não estava entendendo.

— Como você não está entendendo? Eu te convidei para vir para cá e não obtive nenhuma resposta.

Surpreso, disse:

— Não chegou a mim convite algum.

Miguel insiste:

— Mas eu mandei através do Wander fazer o convite...

— Mas, eu não recebi convite nenhum. Wander não me transmitiu nada. Tanto que eu aceito vir para cá, se o convite ainda estiver de pé.

— Não, vamos esperar você conhecer o posto. — E ficou calmo.

Já minha ansiedade aumentava conforme avançávamos em direção à embaixada, em meio a uma

tempestade de emoções.

As árvores haviam sido cortadas na Guerra para aquecer as casas.

Quando esta acabou, praticamente não havia árvores em Moscou. Em contrapartida, as pessoas após a Guerra em 45 engordaram fortemente. Começaram a comer trigo e pão branco.

Avistei crianças atravessando um lago congelado. Os vultos das árvores sem folhas, quase invisíveis, na névoa que se formava, lembravam catedrais com pináculos escuros. Em alguns lugares, a visibilidade estava tão difusa que era como se as árvores fossem uma ilusão de ótica. Homens e mulheres desconhecidos para mim e entre si.

Depois de um tour rápido, aproximávamos da nossa embaixada e eu, que nunca me identificara com o país, sentia que o nevoeiro me isolava ainda mais. Depois de várias horas de viagem, meu sentimento era de um grande distanciamento.

Finalmente, chegamos na embaixada, prédio antigo, que tinha pertencido a um comerciante, que fazia parte da seita dos “Velhos Crentes” e mostrava-se preocupada em manter as tradições da Rússia, preferindo ter um estilo de vida austero e religioso. Para construir suas residências, escolheram um tipo de arquitetura que abandonava o neoclássico do começo do século XIX e fazia renascerem os traços irregulares dos padrões caóticos e irresistíveis do russo medieval ou bizantino.

Há muitos exemplos dessas réplicas do que foi a arquitetura dos séculos XV e XVI em algumas grandes residências moscovitas. Um deles é a Embaixada da França e outro é o prédio da Embaixada do Brasil, que possui uma linda fachada de cerâmica policromática, típica do estilo novo-russo do final do século XIX.

Fiquei surpreso de me sentir repentinamente feliz em um lugar tão estranho para mim. Não era um cenário acolhedor. Assombrosamente vazia, a embaixada me pareceu bonita, quase um recanto de outro planeta, e, ao entrar nela, tinha rapidamente um aspecto diabólico. Mas eu gostava do lugar exatamente por isso. E, mais interessante, eu me senti seguro ali. A paisagem era como um monstro de aparência feroz que me oferecia proteção.

Talvez por isso, pouco tempo depois, foi lá que plantei um fantasma desse comerciante, que teria se matado e lá viveria até hoje.

Também tudo em madeira entre um andar e outro. No inverno, a madeira simplesmente range. E o contínuo que ouvia aqueles estalos, tremia. Tinha fricotes, pobre coitado...

Acabei inventando que o comerciante teria se enforcado no gancho que havia na sala de cinema, e à noite andaria por ali.

E assim, o pobre do contínuo nordestino, com seus fantasmas, acrescentou mais um a sua vida, e ficava na varanda com frio até não aguentar mais de medo. E, até hoje, as pessoas acreditam.

Até a moça da criptografia, Marta Helena, acreditava nessa história, e, mesmo eu dizendo que, na verdade, o fantasma era meu, que eu tinha inventado, não adiantava.

O fantasma já havia tomado corpo e vida própria.

E assim, durante os vinte anos, no total, que viria a passar em Moscou, vi se materializar o fantasma do comerciante sepultado entre as madeiras do piso da nossa embaixada, em camadas de feltro negro, perambulando por esta cidade esquecida, fantasmagórica e ecoante. Isso fascina, pois é um fantasma que se contrapõe ao descrito por Marx, o fantasma do comunismo, que assombrava a Europa de 1848, em seu Manifesto.

Há indícios de que o esplendor do seu espírito perturba os funcionários da casa até hoje...

Paciência. Amarra-se o burro à vontade do dono... Mas, fantasminha camarada como é, parece amigável e inofensivo. Até prova em contrário...

O paradoxo me diverte. Descobri que tudo que se relata, verdadeiro ou não, é pelo menos provável, como é o meu fantasma em um país que se proclamava ateu e que, em vias de consequência, não podia admitir a existência de almas e muito menos de almas mortas, o que dizer das penas...

Somente o paradoxo moscovita: eu alcançara Moscou e ria quando me lembrava de que tinha chegado lá vindo de Anchieta, tomando o trem via Central do Brasil.

Guerra Fria é como um espelho de duas faces com imagens deformadas.

Ninguém sabe como é o outro lado. O que eu fiz foi tentar me livrar desse espelho. Eu sabia que o lado ocidental não era o bicho-papão que a União Soviética mostrava e nem a União Soviética era o que os ocidentais pensavam. E eu levava paulada por todos os lados...

Ronaldo Sardenberg fez uma obra na embaixada, arrumou e ficou muito boa. Prédio do final do século XIX, início do século XX, que com o poder soviético tinha se transformado numa casa coletiva, como foi retratado no filme *Doutor Jivago*.

Antes, o prédio tinha sido Instituto de Aviação da União Soviética, depois casa coletiva, e quando o Embaixador Vasco conseguiu a casa, ela ainda estava habitada por centenas de pessoas, que quando saíram deixaram suas marcas: tudo imundo. Foi remodelada posteriormente...

Agora eu estava sem nenhum refúgio. Não poderia contar com aquela sólida e tranquilizadora presença para manter afastadas as mil e uma pequenas inquietações que o cotidiano provocava. De agora em diante, ficaria isolado. Isolado e exposto.

Saí à rua. Debaixo das quietas árvores da larga calçada, senti o peso do desafio que tinha à minha frente. Muito maior que a Serra de Gericinó. Uma neve fina cobria minhas botas enquanto vagava sem pressa por entre as massas de moscovitas que se chocavam comigo, paravam e desviavam de mim, ansiosos para pegar ônibus e metrô. Depois de uma viagem de 14 horas, com escala em Paris, e de deixar as malas na embaixada, onde residiria, fui passear pelas ruas da maneira como tinha lido nos livros e ouvido nas músicas.

Até hoje, passados mais de quarenta anos, ainda consigo recuperar, pela memória dos sentidos, as sensações que experimentei no meu primeiro dia de Moscou. O vento frio do inverno batendo no rosto, o som dos meus passos sobre as madeiras que rangiam do piso da sala da embaixada, o gosto da vodca e do caviar.

Um cartaz anunciava, no Teatro Bolshoi, o balé *O Lago dos Cisnes*, que assisti inúmeras vezes, para absorver o impacto que causou em mim, com uma leveza de estilo e uma beleza na música que me acompanhou por muito tempo.

Tentando guardar para sempre aquele momento, disse para mim mesmo: “Lembre-se desse instante. Está começando um novo ciclo. Uma nova vida. Criando uma nova conexão, um novo elo com esta terra.”

Foi um momento emocionante de reconhecimento. Não há palavras para se descrever o caminho alternativo. Não há mais limitações na vida. É a libertação. Deixo tudo para trás. Sinto que ganhei nova perspectiva. E isto me deu muita esperança. O mundo parece maior do que me parecia. Sinto diferentes emoções. Sei onde começa e termina o horizonte. No mesmo lugar. Tomei a liberdade de fazer a minha vida ao meu modo. Bater num ponto nevrálgico onde precisa se respirar.

Quando você aceita o que você quer negar, perde o medo. Um escritor, ao escrever, cria um mundo.

A minha vontade é criar mundos e descobrir o meu mundo, o meu universo. Nós somos muitos. A morte é quase uma metáfora da vida. Gosta de criar vidas possíveis. Inclusive a minha.

Será que sou um personagem de Dostoiévski? Preciso escrever para ver se consigo libertar todos os meus eus que estão em mim.

Nasci nos anos 1930, numa família católica, que depois se tornou espírita, tradicional, patriarcal. Eu era um menino solitário cercado de mulheres. Meu pai era guarda-civil, trabalhador que havia sido alfabetizado já adulto por minha mãe, e que passou a amar os livros de Machado de Assis a Dostoiévski e incentivou a mim e a meus irmãos à leitura e ao estudo.

Minha mãe era filha de italianos, seu horizonte não era muito largo e sofria com as escapulidas do meu pai, que era um mulherengo inveterado. Foi ela que disse a frase que mudou em definitivo o meu destino. “Se não der para o estudo, vai ser um operário honesto.” Nossa, como isso bateu fundo... Eu

podia até estar fazendo um bicho de sete cabeças, mas foi um negócio de subir pelas paredes, de me tirar do sério. Para mim, no ambiente em que vivia, operário era um sujeito que acordava às 3h da manhã para pegar no batente às 7h, num trabalho monótono e sem perspectiva e só terminar às 18h, e que ganhava uma miséria. Pedi ao meu pai que trouxesse blocos de papel e lápis e passei a copiar o livro de Antologia de meu irmão sem cessar, embaixo do pé da mangueira, minha árvore favorita, que ficava no nosso quintal em Anchieta.

Não preciso dizer que passei com louvor para o Colégio Pedro II. Operário honesto, uma ova! Minha madrinha era lavadeira, batalhadora, mágica. No mundo dela tudo era possível. Ficou proprietária de dois terrenos por usucapião. Construiu duas casas literalmente com o suor de seu trabalho e me trazia sempre balas e afeto.

Toda criança tem uma imaginação criativa e diversificada. Quando nasci éramos cinco: meus pais, Obertal e Olinda, meus irmãos Olival e Lily. E assim seria até os meus nove anos, quando nasceu Estela, mas, aí, é outra história. Só tenho lembranças a partir dos quatro anos: uma cabeça de vaca olhando pela janela de uma velha casa de pau a pique no caminho no campo entre a casa de meu avô e minha avó e a de meu tio Chico. Lembro-me deles, mais de minha avó Stella. De meu avô Ernesto, só do seu bigodão, do tio Chico, que viveria até os 55 anos, tempo suficiente para que eu crescesse e passasse a conhecê-lo bem, era inteligente, aprendera odontologia como autodidata, contrariando meu avô que o queria ver “puxando o cabo da enxada” lavrando a terra. Meu avô não gerava filhos, e sim mão de obra.

Lily tinha 6 anos quando nasci — resultado: cuidou de mim desde pequenininho — nunca fui bebê tipo filhinho da mamãe... Ela sempre gostou muito de mim, o que não impedia que me pusesse virado para o sol para que eu dormisse mais rápido... Só ela dizia que eu era inteligente e, como eu era muito magro e opilado, dizia que sonhara que eu aparecia forte e alto para ela e que assim seria no futuro... Transmitia-me esperanças enquanto outros diziam que eu morreria, por ser muito fraco... Quando minha irmã Estela nasceu, eu tinha nove anos. Estelinha era lindíssima e o seu berço, na verdade, era a gaveta da cômoda do quarto de meus pais, onde viera ao mundo. Uma bebezinha de olhos verdes e um rostinho de anjo.

Meu irmão Olival era calado, não falava com ninguém, só prestava atenção virando seus olhos verdes para um lado e para o outro, de onde viesse a fala. E assim foi pela vida afora até o dia em que reclamei e me respondeu que devíamos ouvir mais do que falar. Só pouco tempo antes de vir a falecer abriu a boca e falou, sempre de forma sábia. Naqueles momentos dei-me conta do quanto de sapiência deixei de colher e ficava profundamente triste, pois sabia que ele viria a falecer em pouco tempo. Bebia suas palavras quando recitava sonetos de Camões e Fernando Pessoa intermediados por citações da mitologia grega e de filosofia clássica e cantava com sua bela voz os clássicos da música brasileira e americana.

Olival viu na carreira militar o caminho para estudar engenharia. Entrou para o Exército, onde fez o curso técnico da Academia Militar das Agulhas Negras tendo em vista cursar o Instituto Militar de Engenharia. Assim o fez: formou-se em engenharia de telecomunicações. Após vários percalços, sentiu que o Exército não era o melhor lugar para servir ao País. Parecia um paradoxo mas, não era. Ele mesmo custou a aceitar esse fato. Um engenheiro é visto pelos oficiais das armas como um simples paisano fardado, mesmo que esse paisano tenha um altíssimo espírito cívico. Pediu demissão, após 19 anos de serviço ativo, foi para reserva de segunda classe, sem qualquer remuneração, e ingressou na Embratel, empresa estatal pioneira em telecomunicações. Ali, realizou-se, após integrar todo o sistema de comunicações da Região Centro-Oeste e da Amazônia ao Brasil. Até então, só o sistema-rádio militar propiciava as comunicações daquelas partes longínquas do nosso País.

Meu irmão ficava feliz quando tinha que viajar para aquele mundo. Uma das histórias que contou foi ocorrida quando se encontrou com um índio em pleno Xingu. Com suas palavras: “Um índio verdadeiro, vou tirar uma fotografia com ele. Preparei a máquina no automático e caminhei para ele e ouvi: ‘Só

pagando”... Certamente, algum brasileiro civilizado já tinha passado por ali. Olival foi sempre uma lição para mim e deixou muitas saudades.

A generosidade de meu pai era imensa quando dizia que éramos imensamente ricos mesmo sem termos um tostão. Vivíamos na maior pindaíba. Minha bisavó italiana chegou ao Brasil, viúva, com três filhos e um na barriga, e como imigrantes foram encaminhados para o Espírito Santo.

Famílias Mantovanelli e Poton. Meu avô materno chegou adolescente aqui e minha mãe nasceu em São Miguel, onde viveu até casar. Me casei novo, aos 21 anos. Nunca imaginei que o destino iria me lançar como uma bola pelo mundo.

Lembro-me bem de que, ainda garoto, tinha o costume de subir nos galhos mais altos das árvores e ficar olhando para longe, muito longe, até minha vista alcançar. Lembro-me dos galhos da minha mangueira. Sou capaz de ainda hoje, passados anos e anos, ir subindo por eles conseguindo, do alto, ver o que me cercava e imaginar o que se ocultava atrás da serra azul de Gericinó e dos morros que me limitavam o horizonte. Dali, também, podia assistir aos voos rasantes dos aviões de treinamento da Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos.

A minha mangueira representou muito da minha infância e pré-adolescência: barra fixa para ginástica, cenário para o Tarzan que tomava conta de mim, laboratório para observar a vida das aranhas, fornecedora de gostosas mangas-espada, fantasia para minhas primeiras ereções. Ou seja, tudo o que encanta a imaginação de uma criança. Tive sempre muito carinho por ela. Cuidava para que uma praga vegetal não a matasse — a erva de passarinho trazida, como o seu nome revela, pelos pássaros que a espalhavam pelas cúpulas das árvores mais altas. Com um facão raspava suas raízes entranhadas nos galhos da minha árvore e arrancava seus ramos, que disputavam espaço com as minhas folhas. Tinha orgulho de mostrar ao meu pai o resultado do meu trabalho.

A vida que levava era pobre, mas transcorria em um terreno de 100 metros de comprimento por 22 de largura, cheio de árvores frutíferas, entre elas, laranjeiras, limoeiros e um pé de lima da pérsia. Também tinha um pessegueiro da Índia. Nunca mais vi dessa fruta na minha vida. Mas o seu gosto ficou. Algo proustiano. A casa era simples, sem forro no teto, de forma que se podia ver, à noite, os morcegos dependurados nas telhas francesas. Talvez por isso, nunca tive medo de bichos domésticos, além de morcegos, lagartixas, camundongos, sapos, rãs, aranhas, gafanhotos e toda a bicharada que me fez companhia na infância.

Naqueles tempos começaram a acontecer coisas que me abalaram, marcaram para toda vida. Ouvi no rádio de uma vizinha, Dona Dolores Narizinho — só ela tinha rádio na redondeza —, a notícia de que o Brasil declarara *Lichter* ao Eixo — Alemanha nazista, Itália fascista e Japão militarista. Até então, eixo, para mim, era parte dos carros e das carroças... Vieram os efeitos práticos: racionamento de alimentos, tecidos, combustíveis, fabricação e venda de fogos de artifícios. O chamado esforço de guerra.

Cabe esclarecer o porquê do Narizinho da Dona Dolores. Certamente ela deve ter sofrido alguma doença que atrofiara o seu nariz, isso há muito tempo, e muito tempo para mim era alguma coisa mais do que sete anos, a idade que eu tinha naquela época. Mas, o que me marcou mesmo na Dona Dolores é que ela tinha uma meia dúzia de gansos que me elegeram como objeto de suas perseguições. E a casa dela era caminho obrigatório para a minha. Mal me viam e lá vinham grasnando com todo “ódio” que podiam expressar contra minha pobre figura de garoto magricela e opilado. Se só corressem, tudo bem. Mas eles voavam e eu tinha de livrar-me deles até alcançar o portão de minha casa. Ali, aprendi a correr para ultrapassar as armadilhas e escapar dos riscos que a vida nos prepara.

O “esforço de guerra” foi o primeiro sinal visível do desafio e da desigualdade que vivi... O esforço só atingia a pobres e remediados — os altos funcionários federais, estaduais e municipais e mais as famílias ricas não sabiam o que era racionamento.

Agora, vem-me ao pensamento um lugar que fica muito além de Anchieta e da serra de Gericinó que

encobria o horizonte e tornava-o um mistério. Venci-os, cheguei a Moscou, e, lá, outros mistérios revelaram-se para mim. Na verdade, até chegar a Moscou tive que vencer muitas barreiras. Vencê-las foi um grande exercício físico e, principalmente, mental. A vida é um grande mistério formado por uma infinidade de barreiras. Desvendá-las requer determinação e obstinação.

O GOLPE VAZIO

Naqueles tempos, 1964, estava deixando um Brasil no início de um processo político que o mergulharia numa terrível ditadura. Ao dizer “um Brasil”, quero deixar marcadas páginas muito infelizes da sua história. Aquele foi um Brasil desconhecido em que a liberdade ia sendo esmagada e mutilada. Um terror para quem ousasse pensar e agir diferente. Moscou era vista, pela esquerda, como a capital de uma nova forma de Estado, criador e construtor do socialismo marxista-leninista, onde só havia lugar para a igualdade. A Moscou em que cheguei, nesse sentido, mostrou-se um blefe. Meu amigo Nikolai, veterano da Segunda Guerra Mundial, costumava dizer-me: “Aqui somos todos iguais, só que uns mais iguais que outros...” Ali, a obra de esmagamento e mutilação da liberdade já estava acabada. Liberdade nunca foi uma palavra de livre curso na Rússia. Nos tempos do czarismo dependia do humor do soberano absolutista. Nos tempos soviéticos não tinha vigência, pois constituía um valor da sociedade burguesa já liquidada, e nos tempos atuais depende da “administração governamental”. A liberdade é administrada.

Na noite do dia 1º de abril de 1964, no Brasil, em tumultuada sessão, o Congresso declarou vaga a presidência da República. E na madrugada do dia 2, o senador Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso, em apressada cerimônia no Palácio do Planalto, empossou o deputado Ranieri Mazzili como presidente da República, apesar de o titular da presidência, João Goulart, ainda estar em território nacional. Configurava-se o golpe.

A maior parte da oficialidade que conspirou contra Goulart não tinha comando de tropas, ou chefiava forças pouco expressivas. A oposição militar antijanguista aglutinava-se no Estado-Maior, na Escola Superior de Guerra, nos serviços de informações, na Academia Militar e nos serviços burocráticos. As ligações de Jango com os líderes sindicais de esquerda eram a principal razão da oposição militar. Segundo o jornalista Paulo Schilling, Goulart foi deposto porque não ordenou aos militares legalistas que resistissem: “Bastava o Jango permitir o bombardeio das tropas do Mourão e que Aragão liquidasse Lacerda para aquele surto de rebelião cessar.” João Goulart não seria capaz de dar uma ordem que resultasse no derramamento de sangue de brasileiros.

O presidente João Goulart chegou a cogitar o afastamento de seu maior inimigo civil, Carlos Lacerda. Mas, agindo como árbitro de centro, se afastasse o governador da Guanabara (de direita), seria fatalmente obrigado a afastar também o de Pernambuco, seu aliado Miguel Arraes (de esquerda).

Em 1963, quase dez milhões de pessoas apoiavam o presidente. Um ano depois, o poder cai-lhe das mãos sem nenhuma resistência. Por que cargas d’água depuseram Jango?

A “ameaça” à propriedade privada, aliada à ampla mobilização popular, o temor da reforma agrária e a quebra da hierarquia militar foram os fatores determinantes da perda de equilíbrio do governo Goulart. Para responder à avalanche de reivindicações sindicais, as classes empresariais acabaram se aglutinando no Ipes (Instituto de Pesquisa Econômica e Social), em aliança com os militares descontentes. Na esfera militar, quatro eventos acabaram por minar as bases de sustentação do governo, fazendo com que as facções legalistas e de centro acabassem por aderir à conspiração contra um governo que estaria conduzindo o país ao caos e ao comunismo, destruindo os fundamentos das Forças Armadas — a disciplina e o respeito à hierarquia: o primeiro foi a revolta dos sargentos, em 1963; o segundo, o comício do dia 13 de março de 1964 (em que reivindicava o direito ao voto e a elegibilidade dos sargentos); o terceiro, a rebelião dos marinheiros, a 26 de março, e o quarto, o discurso presidencial no Automóvel Club, no dia 30.

A derrubada de Jango foi planejada e realizada exclusivamente por brasileiros — civis e militares. Mas a Embaixada dos Estados Unidos acompanhava atentamente os acontecimentos, e Lincoln Gordon,

embaixador americano no Brasil, mantinha o presidente Johnson a par da evolução da conspiração. Era opinião dominante na embaixada que os conspiradores se melindrariam diante de qualquer ato que pudesse parecer uma ingerência americana nos assuntos internos do Brasil. Havia, contudo, a possibilidade de uma guerra civil. Assim, a embaixada elaborou dois planos de apoio à facção antijanguista.

O primeiro consistiria no fornecimento de petróleo, pois temia-se que os trabalhadores da Petrobras danificassem as refinarias. O segundo seria o envio de uma força-tarefa naval para as costas brasileiras. No dia 31 de março, uma reunião em Washington deliberou também o fornecimento de armas e munições. Uma esquadra, liderada pelo porta-aviões *Forrestal* e com destróieres de apoio, recebeu ordens para partir de Norfolk, na Virgínia, no dia 1º de abril, trazendo um carregamento de armas para os rebeldes. Além disso, dois petroleiros deveriam ser enviados. Mas era necessário que todo esse carregamento chegasse rapidamente. Então, sete aviões de transporte C-135, oito aviões de caça e oito aviões-tanque foram preparados para chegar ao Rio, no mesmo dia, trazendo 110 toneladas de armas portáteis e munição.

Esses preparativos receberam o nome em código de “Brother Sam” (Irmão Sam). A operação seria desencadeada apenas no caso de as forças contrárias a Goulart passarem por dificuldades. Às 17h30 do dia 1º de abril, Lincoln Gordon enviou um telegrama ao Departamento de Estado dos Estados Unidos: “Acreditamos que está tudo terminado, com a rebelião democrática 95% vitoriosa.”

No dia 2, informou a Washington que toda a resistência no Rio Grande do Sul tinha terminado. Na tarde do dia seguinte, essa operação foi cancelada com instruções para se “preservar o disfarce de treinamento Quick Kick (Rebate Rápido)”, com o que se encobria toda a operação. Não foi preciso interferir no Brasil. Ouvi de oficiais superiores (majores e coronéis) que caso os militares americanos tivessem invadido o território brasileiro, especialmente no Rio Grande do Sul, se produziria uma cisão entre os militares que poderia resultar em uma guerra civil, inclusive, com a participação da Brigada Militar do Rio Grande do Sul em apoio a João Goulart.

No dia 2 de abril de 1964, enquanto o deputado Ranieri Mazzili ocupava provisoriamente a presidência da República, a junta militar, composta pelos ministros general Artur da Costa e Silva (Guerra), tenente-brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo (Aeronáutica) e vice-almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald (Marinha) assumia o controle da nação. O expurgo do “populismo subversivo” foi a primeira providência do Supremo Comando da Revolução, que no dia 9 de abril baixou o Ato Institucional nº 1. Redigido por Francisco Campos (redator da Constituição de 1937, conhecido integralista, mas competente. Tempos depois, foi chamado para redigir o Ato Institucional 2, e recusou-se dizendo: “Vocês não souberam usar o primeiro Ato e não adiantará o segundo Ato porque a ele se sucederão o terceiro, o quarto, o quinto...”). esse dispositivo concedia ao Executivo poderes especiais para cassar mandatos e suprimir direitos políticos por até dez anos, para decretar estado de sítio sem aprovação parlamentar e para forçar o Congresso a aprovar emendas constitucionais. Esse Ato Institucional, que vigoraria até 31 de janeiro de 1966, marcava eleições presidenciais diretas para 3 de outubro de 1965. No dia 10 de abril, foram suspensos por dez anos os direitos políticos de uma centena de pessoas, entre as quais Goulart, Jânio Quadros, Brizola, Arraes, Prestes.

O AI-1 prometia “restaurar a ordem econômica e tomar as urgentes medidas destinadas a drenar o bolsão comunista, cuja purulência já se havia infiltrado na cúpula do governo”. Foram punidos políticos (muitos membros de cúpulas partidárias), altos funcionários civis e militares, empresários, sindicalistas, magistrados e intelectuais de renome. Uma vez derrubado João Goulart, a nova elite no poder imediatamente tratou de fazer um grande expurgo em todos os setores sociais importantes — Forças Armadas, serviços públicos em geral, magistério, jornais, rádios etc. Ocorreram punições de todo tipo — milhares de cassações e suspensões de direitos políticos em IPMs (Inquéritos Policiais Militares) e CGIs (Comissões Gerais de Inquéritos), incluindo aposentadorias de civis e reformas de militares.

Para levar a cabo a tarefa de mapear os inimigos do novo regime, a Revolução contou com os serviços dos informantes. Segundo Stanislaw Ponte Preta, “a redentora” incentivou a política do dedurismo, isto é, a arte de apontar com o dedo um colega, um vizinho, o próximo, enfim, como corrupto ou subversivo. E, conforme o relatório enviado por Mário Neiva Filho, nomeado diretor da Rádio Nacional no dia 2 de abril de 1964 por Costa e Silva, “elaboramos com a colaboração, na qualidade de informantes, dos Senhores César de Alencar, Hamilton Frazão e Celso Teixeira, a relação de todos aqueles que deveriam, como medida de segurança, ser afastados do serviço e das dependências da Rádio Nacional. Dessa relação constavam, entre dezenas de outros, os nomes de Herivelto Martins, Mário Lago, Jorge Goulart, Wanda Lacerda, Dias Gomes, Nora Ney, Oduvaldo Viana, Paulo Gracindo e Jorge Veiga “com seu sucesso — a primeira vez que fui à gafeira tive uma decepção, em pleno salão, foi quando uma crioulinha rejeitou-me a contradança me dizendo assim: não está vendo logo que eu não me passo, se eu gostasse de dançar com preto...” Penso que Jorge Veiga, com os valores de hoje, seria no máximo acusado de racismo... só que ele era negro.

O jornalista Samuel Wainer, após ter tido seu jornal *ÚltimaHora* depredado, perdeu seus direitos políticos e asilou-se na Embaixada do Chile, onde declarou: “Mil e quinhentos jornalistas encontram-se neste momento em situação difícil no Brasil. Há uma repressão metódica e habilmente dirigida contra a liberdade de imprensa.”

Seguiu-se:

No dia 11 de abril — eleição indireta de Castelo Branco, que toma posse no dia 15.

13 de maio — o Brasil rompe relações diplomáticas com Cuba.

8 de junho — cassados os direitos políticos de Juscelino Kubitschek e de vários políticos e parlamentares.

9 de outubro — termina o prazo do AI-1, com uma lista de 3.535 atos punitivos.

7 de novembro — a UDN indica Lacerda como candidato à presidência.

3 de dezembro — Castelo Branco rompe com o governador Carlos Lacerda.

Em outubro de 1964, instaurado o novo regime, pela primeira vez o Brasil iria receber um estadista estrangeiro importante. E este era nada menos que Charles de Gaulle. As relações entre a França e o Brasil andavam estremecidas: Carlos Lacerda mostrara-se hostil ao Governo francês em pleno aeroporto de Orly e ainda estava viva na memória de todos a pitoresca “guerra da lagosta”, quando o governo de Goulart proibira a pesca desse crustáceo por navios franceses em águas brasileiras. Contudo, a visita do líder francês revestiu-se de grande pompa e houve poucos incidentes: os presidentes do Senado e da Câmara não compareceram à recepção que Castelo ofereceu no Palácio do Planalto, e Lacerda esteve ausente da acolhida na Guanabara. Em Brasília, travou-se um diálogo histórico: “Senhor Marechal”, perguntou De Gaulle, com agressividade quase impertinente, “sempre me preocupou saber o que é um ditador sul-americano e por que a história os registra tão numerosos.” “Senhor Presidente”, respondeu Castelo Branco, “um ditador sul-americano é um homem, não necessariamente um militar como nós dois, que acha extremamente agradável agarrar o poder e extremamente desagradável deixá-lo. Eu deixarei o poder em 15 de março de 1967. E o senhor, que planos tem?”

Mudadas as regras e os participantes do jogo político, através da definição de um novo perfil institucional (subordinação da Câmara e do Senado a um Executivo forte) e de cassações de líderes partidários (embora os partidos continuassem a existir legalmente), o governo Castelo Branco começa a planejar o modelo econômico da Revolução. Esse novo modelo terá em vista o capitalismo moderno e seus homens-chave serão os ministros Roberto de Oliveira Campos (Planejamento) e Otávio Gouveia de Bulhões (Fazenda). A máquina estatal será modernizada, através de uma “limpeza” nos seus quadros, visando-se ao mesmo tempo fortalecer o capitalismo privado e fomentar a entrada de capitais estrangeiros. Atendendo a uma exigência norte-americana (para efeito de concessão de empréstimo), será montado um esquema anti-inflacionário, baseado na diminuição das despesas estatais e na contenção

salarial. Serão retomados estudos sobre reforma agrária. Para concretizar esses objetivos, é criado o Programa de Ação Econômica do Governo (Paeg), a ser executado entre 1964 e 1966.

Os jornais noticiam surpresas a visita de Carlos Lacerda a Juscelino Kubitschek, em Portugal, articulada por Renato Archer, capitão de mar e guerra, que visava a formação de uma “frente ampla” pela volta à legalidade, inclusive com a participação de João Goulart. “Não é a primeira vez, nem no Brasil, nem no mundo, que os inimigos políticos, pela mesma razão que se tornaram inimigos, se tornam aliados”, explica Lacerda. Vítima de uma cassação branca, quando teve roubada sua oportunidade de atingir a presidência, em setembro de 1966, Lacerda procura reerguer-se através de uma aliança com seus antigos adversários.

Procura Jango, no Uruguai, e mantém contatos com o Partido Comunista. Diz que os inimigos precisam dar o exemplo e se entender em torno da volta do país “não à situação anterior, mas a uma situação futura, sair desse buraco em que ele caiu, e partir para um regime democrático”. Mas nem todos aceitam a proposta de Lacerda. A cronista Rachel de Queiroz assim define a Frente Ampla: “Um homem de direita, que já foi de esquerda, se une a um homem de esquerda, para fins de direita.”

Os fatos contados transcorriam-se em um ambiente de surrealismo trópico — social, a festa da esquerda e a cultura engajada. Ao mesmo tempo, a direita excitada perseguia e via perigosíssimos comunistas e demais subversivos ocultos atrás de cada biombo e poste, prontos para desfecharem o golpe final para a limpeza da Nação. Nos comícios e nos bares, o “povão” é o grande tema. Nos salões e quartéis a subversão comunista e a corrupção eram os inimigos a serem eliminados.

Arraes e Simone de Beauvoir, Julião, líder da reforma agrária no Nordeste, e Erich Fromm, Brizola e Jean-Paul Sartre eram alguns dos ídolos da juventude nada transviada do início dos anos 1960. Todo mundo andava em grupo: nos bares de São Paulo, nas praias de Ipanema, nas festinhas e nos comícios. Mocinhas de olhos muito pintados, saia de tergal e blusa de banlon discutiam a validade do “amor livre”, mas quase todas se mantinham imaculadamente virgens. Entre um chope e outro, rapazes de camisa esporte promoviam debates acalorados acerca da importância da experiência cubana, iluminados pelo mito de Fidel.

Alguns estavam organizados em partidos políticos, outros atuavam apenas em entidades estudantis. Brilhava na festa quem falava mais bonito, e ganhava o “papo” na mesa quem tinha lido mais livros. Ler, aliás, era fundamental para o jovem engajado, que andava sempre atualizado com jornais debaixo do braço. Nas festas, regadas a caipirinha, dançava-se pouco: o samba servia apenas de fundo para as discussões altamente intelectualizadas. Esporte era uma coisa igualmente reprimida, pois havia uma crença generalizada de que “atleta é burro”; além disso, quase todo mundo aceitava tacitamente que as atividades ligadas ao corpo tinham algo de “reacionário”, sendo próprias do jovem de direita ou do apolítico. O sentimento predominante em todos os momentos da vida dessa geração era o da solidariedade na construção de uma nova ordem social, na qual o personagem principal seria o trabalhador, operário ou camponês — o “povão”. Para alcançar esse objetivo, era preciso antes combater o imperialismo norte-americano, considerado o arqui-inimigo comum do povo e dos empresários nacionais — o que implicava uma política de aliança com a “burguesia nacional” (tese do PCB).

Reforçando essa tendência estavam as promessas de reforma do presidente Goulart, o aparente apoio dos empresários “avançados” e a incrível sucessão de greves que marcaram o período. O clima era de permanente “festa”, para os jovens de esquerda, que iam do comício ao bar (para alegres “bate-papos”), do bar ao teatro, e do teatro novamente ao bar.

Em março de 1964, enquanto o governo de João Goulart agonizava, a atriz francesa Brigitte Bardot desfrutava férias com seu namorado Bob Zagury, em sua casa alugada na praia de Búzios (RJ). Nascida em 1934, estreou no cinema em 1952, e tornou-se o padrão de mulher dos anos 1960. A revista *OCruzeiro* (4/4/1964) revela seu cotidiano matinal: “Costumava levantar-se entre onze horas e meio-dia,

tomando café numa mesinha ao ar livre, no jardim em frente à casa. Vinha geralmente enrolada só numa toalha, que depois estendia no chão, deitando-se sobre ela, para um banho de sol, ao natural, como em *E Deus criou a mulher* (filme de 1957): prova de que Brigitte se sentia segura em seu abrigo, longe de olhares e objetivas indiscretas, tendo Bob como única testemunha.” Indagada sobre o que achava dos acontecimentos de 31 de março, BB respondeu: “Adorei a revolução de vocês.”

No teatro, o império das alusões; na imprensa, a visão crítica dos humoristas, enquanto Jair Rodrigues cantava o descompromissado “Deixa que digam, que pensem, que falem, eu não estou fazendo nada, você também”, o Teatro de Arena, no Rio de Janeiro, incendiava a imaginação do público estudantil que lotava diariamente as sessões do show Opinião, espetáculo de contestação política escrito por Oduvaldo Viana Filho, Armando Costa e Paulo Pontes, e dirigido por Augusto Boal, ainda em 1964. Com músicas de Zé Kéti e João do Vale, era um imenso painel cultural da época, um texto-colagem, com poesias e depoimentos. Trechos: “Carcará/Pega, mata e come/Carcará/Mais coragem do que homem/Carcará/Não vai morrer de fome.” (Música) “Meu nome é Nara Lofego Leão. Ando muito confusa sobre as coisas que devem ser feitas. Mas é mais ou menos isso — eu quero cantar todas as músicas que ajudem a gente a ser mais brasileiro, que façam todo mundo querer ser mais livre, que ensinem a aceitar tudo, menos o que pode ser mudado.” (Depoimento). Aliás, Nara foi a primeira mulher no Brasil a fazer declaração contra a ditadura, em maio de 1966. Depois veio Maria Bethânia e foi também aquele show de interpretação e presença de palco. “Podem me prender/Podem me bater/Podem até deixar-me sem comer/Que eu não mudo de opinião.” (Música). “Meu nome é José Flores de Jesus (Zé Kéti). Trabalho no Iapetec — oitenta contos por mês. Quer dizer — natal sem peru.” (Depoimento). “E no entanto é preciso cantar/Mais que nunca é preciso cantar.” (Música). “Teve uma coisa que eu descobri — o Brasil era o que a gente fazia dele. [...] O cinema novo ajudou muito a música popular brasileira. (Nara Leão). Nesse mesmo ano, também fizeram sucesso as peças *Amoratória* e *Veredada salvação*, de Jorge Andrade, ambas tratando da relação do homem com a terra. Quanto ao cinema, em 1965, *Osfuzis*, de Ruy Guerra, recebia o Urso de Prata no Festival de Berlim. No plano literário, ganhava impulso a sátira política e de costumes, sendo seu maior porta-voz o humorista Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), crítico implacável dos desmandos administrativos do governo. Seu livro *Ofestival de besteira que assola o país*, escrito em 1965, tornou-se best seller: “A Revolução está descambando para o perigoso terreno da galhofa.” Outro humorista importante do período foi Millôr Fernandes, criador e diretor da revista *Pif-Paf*, que contava com Eugênio Hirsch (artista gráfico) e com caricaturistas como Claudius, Fortuna, Ziraldo, Jaguar e o próprio Millôr. De concepção ágil e criativa, a revista (que seria o modelo do futuro semanário *OPasquim*, lançado em 1969) durou apenas oito números (maio a agosto de 1964). O último *Pif-Paf* publicado trazia a seguinte advertência: “Se o Governo continuar deixando que algumas pessoas pensem por sua própria cabeça e, sobretudo, se o Governo continuar deixando que circule esta revista, dentro em breve estaremos caindo numa democracia.” O teatro foi tumultuado. Ainda em 1965, o Teatro de Arena encenou em São Paulo a peça *Arena contra Zumbi*, escrita por Guarnieri e Edu Lobo e dirigida por Boal. Depois desse sucesso, foi a vez de *Liberdade, liberdade*, peça de Millôr Fernandes, dirigida por Flávio Rangel. Por causa dessa peça, militares da “linha dura” acabaram exigindo o fechamento do teatro. Esses mesmos oficiais assinaram um manifesto contra Castelo Branco por ter permitido que o filme *Veredada salvação*, de Anselmo Duarte, representasse o Brasil no Festival de Berlim.

Os devaneios desses tempos eram tão enlouquecidos que saltei no tempo e recordei que na minha vida inteira ouvi de minha mãe e de “curandeiras” que eu não iria viver muito. Mas, haviam se enganado; eu, que parecia destinado a não durar muito tempo, acabo de completar 76 anos...

Graças a uma biblioteca bem sortida de autores nacionais e principalmente russos, com boas obras intelectuais e filosóficas, graças a esse precioso alimento espiritual, sinto-me salvo. Não esquecerei jamais o deslumbramento, a alegria inexprimível que me proporcionam os livros e o aprender a pensar.

Lembro-me ainda menino, chegando em casa, arrasado, com um ditado cheio de erros sublinhados com tinta vermelha pela professora e mostrando-o a minha mãe, que me consola com uma frase que me marcaria e me impulsionaria para sempre:

“Não liga não, meu filho. Se você não der para o estudo, você vai ser um operário honesto.”

Operário honesto, uma pinoia! Mas, será o Benedito? Mesmo que a vida nos conduza a um destino incerto, temos que percorrer os caminhos. E, eu sonhava. Muito tempo depois, quando comentei sobre isso com ela, minha mãe, já com 95 anos, não se lembrava, mas para mim, foi definitivo.

Pedi ao meu pai blocos de papel e estudei e copiei os livros que me preparariam para o Colégio Pedro II, passaria com louvor e seria o começo da minha ascensão.

Meu pai, guarda-civil, levava uma vida difícil de trabalhador honesto. Minha mãe, dona de casa, filha de italianos ignorantes, atravessava crises cruéis de ciúmes por conta das infidelidades de meu pai.

Aprendi a escrever sem conhecer ortografia. Mas a paixão do saber e a curiosidade que jamais se permitiam afrouxar me fizeram encher os cadernos de anotações, folhear dicionários, a coleção do Tesouro da Juventude, copiar sem cessar o livro de Antologia Nacional, embaixo da minha mangueira.

Me admirava as telhas lá de casa serem francesas, de Marselha, e o vaso sanitário, inglês. (Se traduzia a pobreza da indústria brasileira de então.) Os telhados da casa se tornaram meu local preferido, de onde se via toda a rua cheia de capim e todo o céu. Mas o que mais me emocionava era a própria natureza, que contrastava com as construções simples do subúrbio pobre.

Meu pai procurava me orientar para os estudos e a leitura, e proibia qualquer ajuda minha para seus trabalhos extras com pastas e coleiras para cachorros, de couro. Ainda ressoam nos meus ouvidos: “Você tem que estudar, só estudar, trabalhar é comigo.” Falávamos frequentemente disso e tínhamos, hoje vejo, uma relação profunda de pai e filho. Me dizia sempre que o caminho era o estudo.

As palavras sempre me encantaram e algumas me marcaram, como pão, dinheiro, sem dinheiro, trabalho, fiado.

Minha madrinha, que por quarenta anos ou mais lavava para fora sem parar, trazia-me balas compradas no trem da Central, e muito afeto. Morava no terreno ao lado, ocupado por tantos anos, de que tornou-se proprietária, por direito do usucapião, onde construiu casa, fruto do seu trabalho suado, onde ficavam estendidas roupas coloridas das madames nos varais, que pagavam seus centavos — e todo pobre contava seus tostões. E, de tostão em tostão, construiu mais uma casa ao lado para suas filhas. Dindinha não tinha estudo, mas era inteligente e trabalhadora. Combinação perfeita para não passar fome e ser arrimo de família.

DESVIO DO CAMINHO

Parti um dia para a aventura, levando menos que um salário-mínimo, uma muda de roupa, alguns cadernos, algumas fotos. Diante do avião cargueiro da FAB despedi-me de meu pai aos dezesseis anos, rumo a Porto Alegre, rumo à formação militar.

Depois de dois anos na EPPA (Escola Preparatória de Porto Alegre) em uma licença de final de ano (Natal/Ano Novo) o tempo era curto, não fazia sentido vir para o Rio. Um colega meu da Escola me ofereceu para ficar na casa dele em Uruguaiana. Esse rapaz era um dos colegas mais pobres que eu tinha. Morava numa casa de madeira.

Peguei o saudoso trem a vapor maria fumaça de tarde (levava 24h para percorrer os 600 quilômetros — 30km p/hora) para ir a Uruguaiana. Conheci a cidade, que é histórica, aliás, ali os paraguaios se renderam em 1870, foram expulsos do território brasileiro ao final da Guerra, tendo sido Uruguaiana visitada por D. Pedro II. Terminado o período de licença, peguei meu trem de volta para Porto Alegre, a mesma maria fumaça.

Entreí no trem e tinha lá uns colegas que também estavam voltando para Porto Alegre. Um deles, o Carlos Duarte, acompanhava uma moça, que vim a saber se chamava Maria de Lourdes — Mariazinha, com quem eu viria a viver por quarenta e seis anos.

Eu tinha 18 anos. Era 1 de janeiro de 1954. Ela iria seguir viagem para o Rio de Janeiro. Carlos me apresentou e logo começamos a conversar.

Gostei dela. Bonita, simpática, me contou que tocava piano, falou sobre Uruguaiana e assim foi. O trem demorou e daí para o flerte foi um passo...

Em Porto Alegre, ela se hospedou na casa de uma amiga, na rua Anita Garibaldi, não muito longe da Escola Preparatória, onde eu morava. Comecei a visitá-la. Depois, seguiu para o Rio e voltou para Porto Alegre, onde continuamos nos encontrando. Mais tarde ela retornou a Uruguaiana e aí seguimos nos correspondendo por cartas até que, um belo dia, fui parar no hospital, onde seria diagnosticada uma tuberculose que me afastaria definitivamente do Exército.

Quando escrevi que eu estava sem futuro, que as coisas estavam truncadas e que assim ela estava livre para tocar a vida dela, a resposta de Mariazinha foi pegar um avião e vir para Porto Alegre me visitar no hospital.

Depois, fui para um sanatório em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Foram 8 meses de internação em que pude refletir bastante sobre a minha vida e ler as cartas de amor que recebia diariamente.

Foi um período difícil. Ao mesmo tempo sofrido e esperançoso. As pessoas achavam que eu estava nas últimas...

Eu me sentia solitário. De repente, perdi carreira, perdi tudo. A ausência de saúde me fez descobrir um mundo com saúde. Cheguei a invejar um faxineiro que limpava os corredores do pavilhão em que eu estava: “Ele é mais feliz do que eu e nem sabe.”

Escutei muito rádio. (Rádio Mundial e Rádio Ministério da Educação.) Habituéi meu ouvido à língua espanhola com muitos boleros, o que seria útil no meu futuro, e amadureci muitos anos com essa experiência.

Estava completando 19 anos. Tive sorte. Alguns ficavam por lá 2, 3 anos, outros nem saíam. Quanto a mim, saí curado. Mas marcado por um bom período da minha vida. Hoje, poderia ter sido “um Coronel ou, quem sabe, um general de passado repressor...”

Morria-se muito no hospital. Vi homens jovens, tomados por uma espécie de febre, perderem seu equilíbrio vegetativo, despertarem de qualquer forma para a vida, os olhos brilhantes, e de repente

morrerem em três dias, como que de uma crise interior. Eu mesmo, nos oito meses em que passei hospitalizado, apesar de me sentir fisicamente bem, invejava o faxineiro cheio de vida que via do meu leito, a varrer não só a poeira, mas as bactérias e vírus que nos rondavam. Ele tinha o essencial da vida — a saúde e o direito de ir e vir.

Depois de vários sentimentos contraditórios vividos com a saída do hospital já curado no físico, mas ainda perplexo com a virada de vida, depois de algum tempo reencontrei o caminho, certo de sobreviver. Além da vontade consciente, uma outra vontade, mais profunda e mais poderosa, tinha se anunciado em mim e eu a sentia.

Caminhei para a liberdade numa espécie de encantamento, diante de vitrines baratas das lojinhas do subúrbio pobre do Rio. Os canivetes coloridos me maravilhavam. Contemplei-os por longos minutos. Afinal me decidi por um bem simples.

Anos depois, trocaria aquele velho canivete por um autêntico comprado em Genebra numa loja elegante, afinal, era suíço.

Dois anos e meio depois de partir para Porto Alegre, rumo à formação militar, no momento em que, já desperto do leito do hospital, vítima de uma tuberculose implacável, que mudou meu destino, me sinto de novo como se estivesse no aeroporto me despedindo de meu pai, agora rumo ao destino incerto, a sorte que nos reserva. Estamos esmagados de antemão pelo imponderável, ou fenômeno que não tem nenhum nome, sentimento profundo de impotência.

Uma batalha interna, uma explosão de desespero, sem que eu soubesse o que iria fazer, o que seria da minha vida.

A segurança não estava no Exército? Estava sem um tostão. Ia viver de quê? De brisa?

As raízes do meu pensamento mergulhavam no desespero. Inaceitável a sorte que nos reserva. Sentia-me perdido.

Minha solidão tornara-se mais profunda, penosa, muitas vezes mais do que penosa, sufocante, cercada de sofrimentos lamentáveis, e eu não escapava, não tentava escapar a nenhum dos males que ela podia me causar, até porque a tuberculose já me atingira. Ainda acredito que, por mais amargas que sejam as circunstâncias, deve-se ir até o fundo das coisas pelos outros e por si, a fim de esgotar o conhecimento delas e daí retirar um crescimento.

Sentia-me separado do mundo, num mundo de resto onde se está quase sempre preso a um meio medíocre e restrito.

Tomei a resolução de sobreviver. Eu não tinha onde cair morto mas era duro na queda, e além disso tinha o meu brio. Numa luta incrível para vencer o desânimo. Procurar saída na conquista de uma dignidade e uma consciência mais elevada, pois, na verdade, não existia saída ao meu alcance, e eu não queria sucumbir. Na aparência eu não via a possibilidade de uma transformação real. Mas, uma coisa era certa. Tanta força generosa vencida tinha me imbuído confiança para o resto de minha vida; acreditava no poder renovador que eu supunha possuir.

Dessa infância difícil, dessa ausência de adolescência, dessa tuberculose divisora de águas, nada lamento. Tenho pena dos que cresceram sem conhecer as verdadeiras dificuldades, o reverso da medalha, sem o verdadeiro preparo para a vida. Tudo isso só me fez amadurecer, tomar decisões com coragem e enfrentar grandes desafios.

Eu estava no limite mais sombrio, mais amargo da derrota. Talvez eu fosse o único a sabê-lo em minha solidão, no meu hospital.

Jamais se vive só por si, é preciso saber que nosso pensamento mais íntimo, mais nosso, liga-se por mil laços ao pensamento do mundo.

Muito tempo depois, percebi que, ao contrário do que eu pensava, a sorte sempre estivera ao meu lado, e o corte profundo que eu sofrera aos dezenove anos, da perda da vida militar, me levaria a caminhos mais felizes.

Meu temperamento talvez não se adequasse às regras e à disciplina militar. Conservo boas lembranças e bons amigos desse tempo. Mas é só.

Decidi me casar. Mariazinha era uma boa moça e eu estava apaixonado. Nos momentos mais difíceis foram suas visitas e cartas diárias que me acalentaram.

Fui para Uruguaiana por uns meses, deixando a vida correr. Voltei para o Rio e fui trabalhar no Banco Mineiro da Produção (de 1956 a 1959/60). Em 1958 entrei na Faculdade Nacional de Ciências Econômicas no Rio de Janeiro.

Percebi que aquele ambiente de trabalho era muito medíocre e procurei um meio para escapar daquilo. E a única solução que encontrei foi voltar aos estudos.

Tive o privilégio de ter como professores: Roberto Campos, Costa Pinto, grande baiano, Temístocles Cavalcanti e Otávio Gouveia de Bulhões.

Mas foi Roberto Campos, de personalidade forte, com quem me relacionei até o final de sua vida. Ele foi um vencedor por acreditar no liberalismo. Em aula, ele mantinha discussão com os alunos. E todos o admiravam. Marcava por ter sido um dos criadores do BNDE. Soube expressar a ideia do desenvolvimento econômico. Só que ele tinha uma visão mais ampla do que o Juscelino. Daí terem se desentendido depois.

Roberto Campos sempre me dava carona, o que foi estreitando os laços da amizade que se seguiu até o fim da vida dele. Ele era de expor ideias e me ensinou a pensar a partir de fatos e não de hipóteses. E foi através dele que eu fui parar no Itamaraty, no que havia de menos itamaratiano, que era o Miguel Osório de Almeida. Ambos eram diplomatas de profissão, mas costumavam discutir ideias.

Era um amigo fraterno, no mais profundo significado da palavra. E que marcaria de forma definitiva a minha vida.

Eram tempos de Juscelino Kubitschek e ele era muito contestado em termos de economia. Eugênio Gudin falava da vocação brasileira — a produção agrícola, e Juscelino só falava da industrialização: “Vamos fazer navio, automóvel”, como se uma coisa excluísse a outra. Achei interessante. Para entender melhor o assunto, resolvi estudar. Passado o tempo, a vida mostrou que ambos tinham razão. O Brasil hoje, é um dos maiores produtores e exportadores de alimentos e um grande produtor industrial em todas as áreas do conhecimento.

Na faculdade peguei bons professores — em Direito, Temístocles Cavalcanti, que era um Jurista, Constitucionalista, foi depois Ministro do Supremo. Muito contente, na matéria Moeda e Crédito, no quarto ano, peguei Roberto Campos. Era bom aluno, de tirar 10 ou 9. Gostava da matéria dele. Era representante de turma, Presidente de Diretório. Eu pegava carona com ele para ir para casa. (Rua Assis Brasil) e me deixava na esquina. Passou a ser normal e conversávamos durante a carona.

Disse para Roberto Campos que gostaria de ir para o BNDE. “BNDE, não!” (ele havia saído da presidência do banco, no bojo de uma campanha de esquerda infantil, promovida pela UNE). Mandou que falasse com o Miguel Osório, lá no Itamaraty. “Se você trabalhar bem, com o Miguel vai longe.” Tempos depois, mandei um cartão para ele, da Sibéria, Irkutsk.

A entrevista foi muito boa. O Miguel disse: “Se aquele filho da puta te recomendou, você deve ser muito bom. Quero ver se você vai corresponder.” Nessa época ele era ministro de carreira. Eu aplicava os modelos de Análise Econômica e fazia todos os cálculos. Fiquei até o final de 1961. Miguel foi ser Ministro Conselheiro da Embaixada em Washington, chefiada pelo Embaixador Roberto Campos. Eu disse que queria ir para o exterior, para estudar. Ele, Miguel, argumentando que eu precisaria antes aprender a economia brasileira, indicou-me para a Consultec, de Mário Pinto, Lucas Lopes, Roberto Campos, Miguel Osório, Teodoro Oniga, Mário Henrique Simonsen, empresa pioneira que fazia projetos econômicos, principalmente para financiamentos para o BNDE e Banco Mundial. Fiquei até 1963.

Em 1964, fui para a Embaixada do Brasil em Moscou, a fim de estudar a posição da União Soviética e dos demais países socialistas frente à I Conferência de Comércio e Desenvolvimento a se

realizar em março daquele mesmo ano. Disso resultou que o Embaixador Vasco Leitão da Cunha me convidou para ali trabalhar de forma permanente.

Mário Henrique e Henrique Flanzer eram da minha idade e nos tornamos amigos. Formávamos um trio Iraquitã. Dávamo-nos carona. Eu tinha um fusca 62, ano que nasceu a Cláudia, minha segunda filha. Mário Henrique gostava de cantar ópera no carro, entre uma baforada e outra. Conversávamos horas a fio sobre política. Ele não dirigia. Flanzer e Simonsen eram igualmente inteligentes, o que tornava as conversas entre nós sempre muito interessantes. Resolvíamos todos os problemas do mundo.

Volto a janeiro de 1964. Jayme de Azevedo Rodrigues, embaixador, chefe do departamento da Europa Oriental, Ásia, Oceania (a única coisa importante nessa época era o Japão) me convida para ir a Moscou para os trabalhos preparatórios da I Conferência de Comércio e Desenvolvimento da ONU. Eu fui para lá estudar a posição dos países do Leste Europeu naquele evento. E, foi assim que reencontrei Miguel Osório.

O Embaixador Vasco Leitão da Cunha tinha se transformado na única vítima da Guerra da Lagosta (os navios de captura da lagosta da França haviam invadido águas brasileiras para pegar as nossas lagostas nas pescas). A Marinha Brasileira deu um tiro de advertência dentro d'água. Foi chamada uma conferência para definir a Pesca da Lagosta. Mas, o tiro saiu pela culatra.

Nesse ambiente das relações, o nome do novo embaixador em Paris estava em espera do *agreement*, que nunca foi concedido. E assim, Vasco Leitão da Cunha não foi para Paris. Em consequência, foi decidido que Vasco iria para Lisboa.

Eu era hóspede do embaixador em Moscou, que era o Vasco. Um belo dia, entrei em seu gabinete de trabalho e disse-lhe em alto e bom tom:

“O senhor não vai assumir a Embaixada em Lisboa. Alguma coisa vai acontecer e o senhor não será embaixador em Lisboa. Outro destino o aguarda.”

Vasco, espantado, perguntou-me, fingindo indignação: “O senhor não quer o meu bem? O senhor acha que eu não mereço Lisboa?” E eu respondi-lhe: “Não é posto para o senhor. Será chamado para alguma coisa mais importante.” Vasco parte de trem no final de fevereiro debaixo de um inverno de 35 graus negativos com destino a Paris e ainda nesse momento torna a perguntar-me: “O senhor acha que não chegarei a Lisboa?” Respondi-lhe mais uma vez que não.

Com a situação política indefinida, fiquei mais quinze dias em Moscou, voltei para o Rio antes do 31 de março e fui aguardar os acontecimentos em Uruguaiana.

Passa-se o tempo, dá-se o golpe de Estado e Vasco Leitão da Cunha é nomeado Ministro das Relações Exteriores e minha ida para Moscou foi acelerada por ele num momento em que os jornais anunciavam eminente rompimento com os países socialistas da Europa.

Isso se deu porque fui à posse do Embaixador Antônio Castelo Branco como Secretário-geral do Itamaraty. Ao me ver, o Embaixador Vasco chamou seu Chefe de Gabinete, Dário Castro Alves, e mandou que me “trancasse em seu gabinete”. Às 21h, ele entra, senta-se na cadeira do Barão do Rio Branco e faz a seguinte pergunta: “O que mais vai acontecer comigo?”

Respondo: “Não sei, porque parece que já aconteceu.” E ele contrapõe: “O senhor não sabe o que vai acontecer comigo mas eu sei o que vai acontecer com o senhor: Parta imediatamente para Moscou com a sua família.”

Fui tirar meu passaporte e aí o chefe da divisão, que devia ter um parafuso a menos, disse que não poderia me dar passaporte diplomático. Voltei ao Gabinete e o Ministro de Estado Vasco Leitão da Cunha mandou que seu Chefe de Gabinete perguntasse ao Chefe de Divisão de Passaportes se ele gostaria de ter um outro posto. Com isso, os passaportes foram emitidos imediatamente.

Fui à Embaixada Soviética para tirar os vistos e fui recebido com alegria pelo próprio Embaixador Fomin, que via ali a indicação que as relações diplomáticas continuariam, não seriam rompidas, contrariando o que a imprensa divulgava naquela época.

Um mês depois, viajo com Mariazinha e nossas duas filhas, Carla e Cláudia. O embaixador era Henrique Valle, nomeado por João Goulart. Ficou até 1967, quando entrou o Embaixador Pena Marinho. Fiquei direto até 1970.

Uma das coisas que fui fazer lá foi estudar a economia soviética.

A União Soviética tem uma economia própria, um direito próprio. Era o direito do não direito. Só fazer aquilo que é autorizado é uma loucura.

Os preços não tinham significado de mercado, eram administrados e fixados por órgão estatal. A produção visava a defesa. A indústria militar era o objetivo. Em consequência, o sentido de todos os valores se alteravam. A economia militar torna-se o centro das atividades produtivas. Os demais setores da economia subordinam-se aos interesses da economia militar. Mesmo no Ocidente, sente-se esse comportamento, a internet nasceu de uma necessidade de defesa. Há um livro chamado *The Crash 79* que já se referia à existência de transmissão de dados, via satélite, a partir de redes móveis, facilmente estabelecidas.

O Vasco me disse: “Vai para lá entender a União Soviética.”

Constava no código penal soviético entre os crimes praticáveis pelos cidadãos o de manter contatos com estrangeiros sem autorização das autoridades.

Uma coisa comum como chegar numa praça e conversar com pessoas constituía um risco para o soviético. O estrangeiro era visto formalmente como inimigo. Era meu Gericinó de Anchieta. Quando chego em Moscou, penso que vou me livrar do meu Gericinó, mas encontro não barreiras culturais, mas barreiras ideológicas. Resta uma dúvida enorme, se as barreiras são russas ou soviéticas.

Vivi numa redoma quando estava na embaixada. Essa redoma tem um preço. Mais que redoma, uma caverna. Na caverna de Platão, você só vê as imagens de onde você está. É muito doloroso o processo. É trágico. Eu não estava lá brincando. Estava trabalhando e estudando. Era muito difícil.

“Quando vim da minha terra tive a ilusão que saí. Não saí.” (Carlos Drummond de Andrade)

Não sei como está a Rússia hoje. Nos tempos soviéticos era proibido relações com os estrangeiros. Isso induz ter a sociedade soviética com o ideal. O estrangeiro representava o corruptor ao facilitar o acesso ao consumo, era um elo para qualquer tipo de interesse, inclusive troca de ideias. Deforma a leitura da sociedade. Não há liberdade de imprensa — “Não há crime, ninguém rouba ninguém, não há informação.”

Não sei se ainda existe essa barreira entre o russo e o estrangeiro. Não falar a língua altera a realidade. É como se olhar através de uma lente de distorção. Mas, também, falar não quer dizer que vá se entender a cultura do povo. Tudo é muito diferente.

Boulevard é um parque comprido. No meio é jardim com bancos, com grades de um lado e de outro. É uma Europa russa. A Rússia não é oriental, não é ocidental. É a Rússia.

Só o nome é francês: Boulevard. Mas não é francês. É russo. *Sadovoie Koltso* (anel ajardinado). Era uma grande avenida que contornava Moscou com um jardim no meio.

“Quem não tiver perambulado pelas ruas de Moscou nunca compreenderá a Rússia.” Ali, a Europa se encontra face a face com a Ásia — “Tudo é contraste”, dizia o francês Victor Tissot em 1893.

O estrangeiro tem uma visão sempre crítica da cidade. A minha visão é querer conhecer a cidade e saber como ela é. Aprendi a gostar de Moscou. É um gostar diferente. A vida em Moscou que eu levava entre estrangeiros era irritante. Muito desagradável. Todos os textos de estrangeiros são muito chatos. Tratei de aprender russo para entender, não para combater. Para conversar, entender a cultura. O estrangeiro fica estereotipando aquelas imagens. O soviético vivia, materialmente, melhor antes do que hoje. Há uma desigualdade do consumo. Muito grande.

Durante o período soviético havia uma nata privilegiada, o resto tinha um consumo corrente (a roupa adequada para o inverno, acesso à educação, à saúde etc.). O que estava em jogo era conseguir melhores hospitais, melhores médicos.

A grande dificuldade da União Soviética era a falta de liberdade e o controle aos contatos entre os cidadãos soviéticos e os estrangeiros. O estrangeiro era o inimigo. O estrangeiro podia morar 10 anos na União Soviética e nem que a vaca tossisse era convidado a ir à casa do soviético. Nos tempos dos czares, se não figurasse na lista, não era parte da sociedade. A sociedade era estruturada, sem mobilidade social. Estar na “lista” não quer dizer acesso a todos os níveis da sociedade. Vivia-se em uma sociedade hierarquizada.

O russo lembra o brasileiro. Povo. Num restaurante, falam, cantam. O ambiente do restaurante é uma festa. Mesmo em casa, tem espírito alegre. A alegria de ser recebido. O russo lê. É leitor. Lê tudo. As ditaduras têm sua forma de se apresentar. Quando estavam no sistema fechado, tipo soviético, havia um sistema de censura muito rígido. Só livros de operários em ascensão no Partido.

O controle é parte da não liberdade russa. É a mesma na monarquia, no período soviético ou nos tempos atuais chamados democráticos.

Você começa a gostar da Rússia mas ela não te absorve. Você se sente sempre um estrangeiro. Não é a barreira da língua. É a barreira da cultura múltipla da Rússia. A pessoa chega e pensa que conhece um pouco da Rússia. Mas não conhece.

PENETRANDO NA KGB

Tudo ia bem, surpreendentemente bem. Eu vivia minha nova vida com plena segurança, entrava nos melhores locais com passo firme. Minha condição de estrangeiro recém-chegado me servia de útil refúgio para encobrir meus pontos mais fracos e evitar os terrenos pantanosos. Ninguém, porém, parecia se importar muito com minha origem; interessavam-se mais por meus serviços e pelo que eu fosse capaz de fazer para eles. Tudo andava com tanta fluidez que nem sequer houve oportunidade para que minha inexperiência ameaçasse qualquer coisa que fosse.

Um economista iniciante, vindo da Consultec, interessado em aprender mais e a entender uma economia daquele tipo. Depois eu descobri que, na verdade, a economia soviética não funcionava...

Em algumas ocasiões, nos coquetéis, nas embaixadas, observava disfarçadamente as pessoas a minha volta. Classe, frivolidade, conversas animadas, risadas e o tilintar das taças. Havia homens com ternos das melhores lãs e tweeds, inspirados pela vodca. Havia mulheres elegantíssimas com vestidos de duas peças, tailleurs e, no pescoço, três voltas de pérolas do tamanho de avelãs, algumas querendo tirar o pé da lama, havia também conversas em várias línguas, risadas discretas e barulho de vidro contra vidro. E, flutuando no ar, sutis rastros de perfumes franceses, a sensação do mais mundano saber estar e a fumaça de mil cigarros. Ambiente de pura sofisticação e vaidade.

Vinham-me à memória, às vezes, com uma ponta de saudade, as recordações daqueles outros primeiros tempos em Anchieta. Parecia que vários séculos me separavam daquele outro mundo, porém, só haviam se passado alguns anos.

As canetas, os dentes de ouro e as estolas de pele não eram mais do que uma pequena amostra de poder. Mas percebi que as recordações de infância haviam impregnado minha memória de uma percepção distorcida da realidade...

Moscou, suas antigas arquiteturas italianas e bizantinas, suas incontáveis igrejas, fechadas, suas nevadas, seu formigueiro humano, suas grandes administrações, seus mercados semiclandestinos ocupando imensas praças, Moscou parecia viver um pouco melhor do que Leningrado, amontoando comitês sobre conselhos e direções sobre comissões. Tive de imediato a pior impressão deste aparelho que me pareceu funcionar, em grande medida, no vazio, perdendo três quartos do seu tempo em deliberações sobre projetos irrealizáveis.

Logo descobri que o sistema estatal não funciona. A produção estatal não é eficiente. O Estado é ineficaz. É uma questão de administração, é questão de princípio. A presença do Estado na economia no Brasil existe. Houve um período em que o empresariado era de baixo nível. O Estado cumpriu bem seu papel na fase como estava a economia, com o empresariado do jeito que estava. Na União Soviética, quando foram fazer armas e pesquisa espacial, houve um momento em que estavam à frente.

Apesar da aparente força de espírito da sociedade soviética, certamente pareciam enganar-se sobre vários pontos essenciais, talvez contidos pelo medo que presidia todo o regime político: em sua intolerância, em sua crença no Estado e no Partido, que pareciam aceitar piamente, em sua tendência para a centralização e as medidas administrativas.

Em uma das inúmeras recepções oferecidas pela nossa embaixada, ouvi do Embaixador Henrique Valle: “Encontrei um homem admirável, jornalista, com quem você se entenderá profundamente”, e foi verdade. Assim, conheci Vadim Poliakovski, correspondente do jornal *Pravda* no Brasil durante vários anos. Apresentou-se à moda russa. Me chamam fulano de tal, queria bater um papo com você...

Fomos amigos na inquietude, na dúvida e na confiança. Nos ajudamos mutuamente, bem do jeito russo, nas entrelinhas, com as fontes certas, tudo no mais sofisticado código de ética.

Do meu lado existia uma ditadura e do dele um sistema totalitário. Eu tinha o apoio do Henrique Valle, tanto que quando ele foi substituído, eu saí fora. O diplomata, em geral, é um contido que não tem liberdade de expressar o seu pensamento. É uma das profissões mais difíceis. Tudo é segredo de Estado, mesmo que não o seja.

Éramos grandes privilegiados. Eu, como funcionário da embaixada, ele, como jornalista internacional, com uma atividade que gozava de uma imunidade que aparentemente o deixava diferente no sistema soviético, podendo ir e vir ao Brasil e mais tarde a Portugal e transitar em várias áreas, o que facilitou, e muito, meu trabalho como adido comercial e depois como conselheiro econômico.

O Partido Comunista aparentava se esforçar em colocar à sua frente homens idealistas íntegros, com um perfil de inquisidor, de se por a mão no fogo.

Felizmente, os costumes do Partido ainda eram tais que os militantes podiam, sem grandes dificuldades, interceder para evitar alguns erros, remediar alguns abusos.

Quanto a mim, isso foi tanto mais fácil porque, com a convivência com Vadim Poliakoviski, com sua aparência despreocupada como a de um tocador de acordeão de aldeia russa (e ele às vezes gostava de usar a blusa bordada no colarinho, cingida por um cordão colorido), era muito bem relacionado e me facilitou a resolução de vários entraves e problemas em Moscou.

Nos casos difíceis, dirigia-me a ele — jamais se recusou a interceder. Mas, embora ele colaborasse com o *Pravda*, conseguia, vez por outra, incluir uma frase mais incisiva em um artigo, mas que só era entendida por nós dois... O disfarce da sua atividade levava a impressão de que se estava lidando com uma pessoa de livre pensar, com algum tempo, percebia-se a verdade. Um aspecto da verdade.

Quando se é um agente de um sistema totalitário, dá a impressão que se é um sujeito livre. Quanto a mim, o primeiro privilégio era ser um estrangeiro e outro, trabalhar numa embaixada, o que dava imunidade. A única sanção que se teria era a expulsão.

Ele era parte desse sistema. Ele era um agente do sistema totalitário, para poder ter interface com outro sistema, isto é, comigo, vestia uma pele de cordeiro... e eu também. É tudo falso. Quando se está nesse mundo, tudo é falso. Mas era preciso ter a possibilidade de circular.

Vadim era judeu, russo e soviético. O que significa isso? Para sobreviver ele teria que conciliar cada uma dessas vidas, de outra forma seria aniquilado pela realidade. Ele conseguiu disfarçar tudo. O verbo mentir em russo não se usa, usa-se contornar, significa se dizer outra coisa para encobrir. O que ele teve que praticar a vida toda — a arte de viver dentro dessa sociedade soviética. Movia, como ninguém, céus e terras. Sabia preparar o terreno direitinho...

Quando eu tinha um problema falava com alguém que eu achava que era da KGB e com o Vadim que, também, tinha um certo cacoete “tchekista” — tche ka, traduzindo “Comissão Extraordinária”, órgão do serviço secreto soviético, herdeiro da “Okhrana”, traduzindo, “Segurança”, serviço secreto do czar, que exercia o mesmo ofício da KGB. Vadim estava ali para ajudar.

Dostoiévski referia-se à sociedade russa como uma experiência. Vadim vivia essa experiência. Tinha acesso, capacidade de chegar a alfândega, a qualquer coisa. Nós vivíamos um submundo. O meu mundo e o de Vadim eram o mesmo. Uns me viam como um agente de um serviço secreto do Brasil. Outros me viam como um agente do S2 (Serviço Secreto do Exército) e outros, ainda, como um funcionário diplomático da embaixada (o mais verdadeiro, pois eu não era da carreira).

Por não ser diplomata de carreira eu era livre, podia errar. Vadim e eu, no fundo, éramos a mesma coisa. Ele poderia correr um risco se não agisse como agia, como um mágico que tira o coelho da cartola, cruzando os dedos e fazendo figa, para dar sorte, poderia terminar no gulag (campo de concentração na Sibéria). Eu, no mínimo, perderia o emprego e, quem sabe, a liberdade ou o que quer que fosse. Afinal, ele era um “jornalista” e eu um “diplomata”...

Em Moscou, que sempre fazia um frio dos diabos, existia uma ditadura totalitária, e aqui no Brasil, que sempre fazia um calor dos deuses, uma ditadura, dita militar. Mas, na realidade, civil e militar,

operada com muito gosto por alguns civis, inclusive alguns diplomatas e funcionários no exterior. Na ditadura, não existia ser nomeado para o aparelho repressivo. Civis e militares eram voluntários — aceitavam os cargos, a convite, docemente constrangidos...

Conheci Vadim numa recepção na embaixada e pouco a pouco fui desvendando as suas várias camadas de vida. Ele tinha sido correspondente do Pravda no Brasil e acompanhou todos os acontecimentos da política brasileira de 63 até 67 do século passado, quando foi levado de volta para Moscou, onde assumiu a direção de uma revista da própria estrutura editorial do jornal *Pravda*, chamada *Zarubigiom* (atrás da fronteira). Era uma revista dedicada a publicar traduções de suas congêneres estrangeiras.

Ele publicava artigos do *L'Observateur*, *Time*, *Veja*, *Manchete* etc. Vadim, que não dormia de touca, ficou amigo do Bloch, que era uma maneira de ele ter um pé aqui no Brasil. Se tornaram grandes amigos. Recebia carta do Adolfo convidando-o para vir ao Brasil. Com isso, ele dava cobertura para o Vadim, que precisava justificar suas viagens.

Para se ter uma ideia de como ele era bem relacionado, era amigo também do Jarbas Passarinho, do Marco Maciel, de inúmeros políticos. Ele era tão hábil que era uma pessoa que atraía amizades. Com o Bloch, por exemplo, que era conhecido por seu temperamento forte, quando ficava nervoso, espumava de raiva, expelia cobras e lagartos, mas com Vadim, isso não acontecia. Ele o tratava às mil maravilhas, a pão de ló... E olha que nessa vida você não tem amigos, tem conhecidos.

Conheci também Vitali Kóbish, correspondente do jornal *Izvéstia*, do governo soviético, que quer dizer, em russo, notícia. O *Pravda*, do Partido, quer dizer verdade. Se dizia: “No *Izvéstia* não tem *Pravda* e no *Pravda* não tem *Izvéstia*”...

A imprensa não refletia a vida real. Ela só refletia o desejo do Poder Real (o mais alto nível do Partido). O Partido tinha 19 milhões de membros. O Poder Real tinha 500, sendo que o núcleo duro do Partido tinha 14. Era o Politburo (a estrutura do Poder como o Vaticano), aliás, Lênin admirava o poder do Vaticano. Um grande amigo dele era um padre francês que tinha acesso livre ao seu gabinete. Lênin disse para ele que “no futuro existiriam dois poderes: O Poder Soviético e o Poder do Vaticano”. Vitali foi correspondente no Brasil, no mesmo período do Vadim, até ser expulso por publicar uma verdade, uma “pravda” — “Que os pobres brasileiros iam aos hemocentros vender sangue”. Ofendera e abalara profundamente os detentores do poder ditatorial brasileiro e sua estrutura, que não podiam conviver com uma verdade dessa ordem... Nenhum governante gosta da verdade, mesmo que seja em uma democracia.

Foi a gota d'água. Em consequência desse incidente, Vitali foi expulso do Brasil, foi mudada a legislação e proibida a venda de sangue, organizando-se bancos supridos por doadores voluntários.

Vitali voltou para Moscou e lá prosseguiu sua carreira partidária, chegando ao Comitê Central. O que significava que não poderia mais falar com meros mortais, inclusive comigo.

Um dia, saindo do restaurante Praga, encostou um carro preto de placa Mok qualquer coisa e dele desembarcou Vitali. Fui falar com ele amigavelmente; ele olhou-me com aquela transparência só encontrável em políticos brasileiros que ocupam altos cargos da República... Depois, perguntei ao Vadim o que tinha acontecido com nosso amigo comum e Vadim me disse — “Ele agora está na viekhur (no lugar mais alto...), isto é, no comitê central do Partido.

Passado o tempo, Vitali, que tinha um apartamento e uma casa de campo, em Moscou, e os havia devolvido ao entrar no Comitê Central — onde passou a desfrutar todas as benesses inerentes ao cargo, inclusive apartamento, datcha (casa de campo) e carros —, caiu das nuvens e viu tudo se esfumaçar com o fim da União Soviética. Resultado: passou a beber violentamente e morreu de tristeza.

Tanto Vadim quanto Vitali viveram farsas. Só que Vadim sabia que estava vivendo uma farsa. Vadim, quando estava no Brasil, escrevia um texto para mandar para o jornal, outro para mandar para a KGB e outro que ele guardava. Vadim não podia entrar em choque. Judeu, ele era o personagem central do *Violinista do telhado*, que vivia tocando violino, se equilibrando na cumeeira do telhado, para não

cair... Seu filho, que não tinha pai rico e muito menos mesada nababesca, foi correspondente em Washington e também era muito bom violinista...

Ao entrar em Moscou descobri que era o projeto da minha vida. Foi como se tivesse me aberto o universo onde me expandi. A autodeterminação não tem preço. Me tornou desafiador. Veio 1964. O golpe militar. As portas foram se fechando. O medo nos tira a humanidade, a razão, a força, a vida. Tudo, menos o medo.

Eu parti para a União Soviética achando que seria só por um tempo e depois voltaria. Mais adiante, pressenti que havia deixado um pedaço da minha vida. Foi um processo gradual enfrentar esse limiar de profissional e estrangeiro.

O fato de ter sido um eterno forasteiro me obrigou a inventar, a criar um lugar só meu. Não importa de onde a gente venha. Temos que abrir novos caminhos. A liberdade não é nada a não ser que ela seja traduzida em ações decisivas. O maior medo não é sermos inadequados. O maior medo é termos poder limitado.

Começava naquele momento uma década que iria mudar muita coisa no mundo e em nós. Nosso modo de vestir e de amar, ideias, mitos, valores, crenças. Seriam tempos de guerra e de luta pela paz, de amor e de ódio, lutas religiosas, de explosão demográfica e de pílula, rebeldia, cabelos longos, minissaia, liberação sexual.

Menos, na Moscou visível. Tempo que o terrorismo se tornaria uma verdadeira paranoia. Onde os lugares eram esvaziados por causa das ameaças de bombas. Década de independência dos países africanos, luta contra o apartheid, tempo em que Nelson Mandela não era bem retratado pela imprensa livre ocidental. Não é preciso dizer, mas digo, que a União Soviética e o Partido Comunista apoiavam Nelson Mandela e seus partidários — Mandela foi uma vítima da Guerra Fria, enquanto ela durou. A imprensa soviética, junto com outros jornais ingleses, franceses, italianos mantinham a imagem viva de Nelson Mandela, tornando mais difícil a sua eliminação pelo governo do *apartheid* da África do Sul.

O ano de 1968 foi um marco mundial nos movimentos estudantis contra as ditaduras, com as lutas raciais, grandes líderes assassinados (Martin Luther King, Bob Kennedy), o grande mito da época era Guevara, morto em 1967 e cultuado como um santo pela juventude rebelde, sua boina estrelada, sua revolução, e a juventude a se drogar com pílulas da felicidade, Guerra do Vietnã, tanques soviéticos invadindo a Tchecoslováquia e, na França, as manifestações “dos acontecimentos de maio” tinham como lema “é proibido proibir”.

Me lembrei de uma frase que ouvi não sei onde, de que conquistas sem riscos são sonhos sem méritos. Bom, pelo jeito, isso foi levado ao pé da letra na França. Em apenas um mês, o país vive uma rebelião, que se transforma numa verdadeira maré vermelha: 20 mil estudantes levantam barricadas e enfrentam a polícia — 422 prisões. Cinquenta mil estudantes lutam contra a polícia com paralelepípedos — 460 prisões, 367 feridos e 188 carros incendiados. Mais de 500 mil pessoas desfilam em Paris, carregando milhares de cartazes, entre eles o slogan “Che está morto, mas a luta continua”. A Sorbonne é ocupada pelos estudantes, que a transformam em “Universidade Crítica”. As fábricas Renault são ocupadas. Daniel Cohn-Bendit declara: “A humanidade só será feliz no dia em que o último capitalista for enforcado com as tripas do último stalinista.” Cerca de 10 milhões de trabalhadores em greve. Não há mais gasolina. Com o filme *A chinesa*, de Jean-Luc Godard, firma-se a influência da Revolução Cultural da China. Nova noite de barricadas em Paris. A Bolsa de Valores é incendiada. Em Lyon há violentos choques. Um comissário de polícia é morto. “O poder jovem” contesta os valores...

Em 1968 o mundo ia explodir. Agitações e passeatas se sucediam em todos os cantos e continentes. Nem os burocratas que dominavam Praga, nem os liberais americanos, nem os sisudos gaullistas franceses ou os moderados governantes alemães pareciam seguros. Mutantes da nova “era oral e tribal em dimensões planetárias, produzidas pelas comunicações de massa”, segundo Marshall McLuhan, os jovens entre quinze e 24 anos tornaram-se ao mesmo tempo mito e mitificadores da sociedade.

No Brasil, inicia-se uma sucessão de momentos de grande efervescência política, de grandes inovações de linguagem no teatro, no cinema, na música. Na mesma noite em que o homem pisava na Lua, Caetano Veloso era preso enquanto cantava “anoiteceu, o sino gemeu, a gente ficou feliz a rezar...” de Assis Valente. Gilberto Gil e Caetano Veloso são presos em São Paulo, sob o pretexto de terem desrespeitado o hino nacional e a bandeira brasileira. São levados para o Rio de Janeiro, para o quartel do Exército de Marechal Deodoro e suas cabeças são raspadas. Era época dos festivais das canções, das músicas de protesto. Em setembro de 1968, Caetano é vaiado ao apresentar sua “É proibido proibir” na eliminatória paulista do Festival Internacional da Canção (FIC) da TV Globo. No teatro da Universidade

Católica, vestido com roupa de plástico, Caetano lança de improviso um histórico discurso contra a plateia e o júri: “Vocês não estão entendendo nada! Que juventude é essa?”, disse. A canção foi desclassificada. Já Geraldo Vandré tornou-se o inimigo número um do regime militar. A sua canção “Pra não dizer que não falei das flores (Caminhando)”, que ficou com o polêmico segundo lugar no Festival Internacional da Canção, em 1968, tornou-se um hino contra a ditadura militar, cantado por toda a juventude engajada do Brasil de 1968. Havia claramente um movimento de caça aos “subversivos e comunistas” nos teatros, nas residências, em todos os lugares; o cerco ia se fechando.

O restaurante do Calabouço, no Rio de Janeiro, parcialmente financiado pelo Governo, destinava-se a fornecer alimentação barata aos estudantes e já era visto pelas autoridades como um “foco de agitação”. Lá, frequentemente se realizavam manifestações de protesto, até mesmo por melhores refeições. Na noite de 28 de março de 1968, uma quinta-feira, os estudantes haviam programado mais uma passeata, que sairia do Calabouço. Mas um pelotão de choque da Polícia Militar não os deixou sair. Houve vaias, pedradas, tiros. Um estudante tombou morto: o paraense Edson Luís de Lima Souto. Imediatamente, o corpo de Edson Luís foi levado por seus colegas para a Assembleia Legislativa, apesar da tentativa das autoridades e da polícia de retirarem o cadáver para impedir o velório público. Do lado de fora, a violência continuou, com estudantes fazendo inflamados discursos, atirando pedras, e policiais respondendo com bombas de gás lacrimogêneo. Os teatros fecharam as portas, cancelando espetáculos.

No dia seguinte, mais de 50 mil pessoas se aglomeravam na frente da Assembleia, para acompanhar o enterro, custeado pelo governador Negrão de Lima, eleito pela oposição. O cortejo saiu pela Cinelândia, levando o caixão coberto com a bandeira brasileira. O clima emocional contagiou o país inteiro. Nos dias seguintes, manifestações se sucediam no centro da cidade com repressão crescente até culminar na missa da Candelária (dia 2 de abril), em que soldados a cavalo investiram contra estudantes, padres, repórteres e populares. Setores militares da “linha dura” denunciavam que as cenas do enterro de Edson Luís “lembravam os últimos dias do governo de João Goulart”. A violência aumentava e a indignação também. Começava a articulação da Passeata dos Cem Mil. Jogaram uma máquina de escrever em cima de um policial. Resultado: o comandante diz que “agora era olho por olho, dente por dente” e o governador Negrão de Lima diz que “quando tocarem na sua campainha, pode ter certeza que é o leiteiro e não o policial...”

Muitos intelectuais, entre eles Clarice Lispector, Ferreira Gullar, Hélio Pellegrino resolvem ir ao governador, cobrar dele. Falam com os estudantes, professores, padres, a Igreja, Deus e o mundo... Foram pela Rio Branco e voltaram pela Uruguaiana. Na época, a população brasileira era de 120 milhões. Pellegrino dizia em alto bom som: “Nós vamos tirar esses milicos à tapa” e muitos diziam: “Só a luta armada derruba a ditadura.” De repente, alguém diz: “O povo unido jamais será vencido.” Nasceu essa frase na Cinelândia — foi a frase que ganhou a coisa toda, a repercussão dela foi de enorme proporção.

No mês de junho de 1968, o Rio tornava-se novamente o centro crucial dos acontecimentos. No Colégio André Maurois (RJ), sob a direção de Henriette Amado, que adotava o lema “Liberdade com responsabilidade”, refletia a pedagogia adotada, que tinha como objetivo ensinar a pensar e não a decorar textos e exaltar heróis fabricados. Lá realizou-se uma assembleia de professores que encaminhou ao ministro Tarso Dutra um manifesto exigindo que a “questão estudantil” ficasse sob a competência do Ministério da Educação e não da polícia. Diante das evasivas do ministro, programou-se uma manifestação pública na Cinelândia, que se realizou no dia 26 de junho que foi coroada por uma passeata com mais de 100 mil pessoas, a maioria estudantes, intelectuais, artistas, padres e grande número de mães. Passeata dos Cem Mil — agora, em vez de reivindicações específicas, os estudantes fazem oposição ao regime. No comando, Vladimir Palmeira e Luís Travassos, presidente da UNE. Durante a passeata, elegeu-se uma comissão — composta por Hélio Pellegrino (representante dos intelectuais), padre João Batista (religiosos), dona Irene Pappi (mães), José Américo Motta Pessanha (professores) e

dois estudantes (Marcos Medeiros, do DCE da UFRJ, e Franklin Martins, da UME, futuro membro do Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) — para falar com Costa e Silva em Brasília. José Américo, professor de Filosofia da UFRJ, conta como foi o encontro: “Costa e Silva quis saber: como havíamos sido escolhidos? Hélio, prontamente e com gestos largos, teve a resposta perfeita: “Por eleição direta!” “Estávamos ali para tentar libertar os estudantes presos em manifestações de rua, protestar contra as violências policiais e militares no Rio, apresentar as reivindicações dos setores que representávamos. De início, Costa e Silva procurou minimizar as ocorrências que relatamos. Mas rendeu-se aos fatos que trouxemos à mesa: inclusive os vexames sofridos havia dias por estudantes, aprisionados após assembleia na Reitoria. Os jornais haviam estampado fotos estarrecedoras: os jovens, mãos na nuca, deitados no chão ou açoitados junto aos muros, sob ameaça das armas dos soldados.” De 1964 a 1968, o movimento estudantil fora a vanguarda do protesto social, na medida em que a sociedade civil tinha seus principais órgãos representativos (sindicatos etc.) sob intervenção. Só o movimento estudantil continuou suficientemente forte e organizado para mobilizar outros setores civis em prol de reivindicações democráticas para toda sociedade. Era a vitrine da insatisfação, diante do autoritarismo vigente no país. Mas fatos como a passeata dos Cem Mil expressavam ainda um clima de esperança, de diálogo. Vislumbrava-se, através do movimento estudantil, a possibilidade de congregar todo o espectro da oposição.

O termômetro da agitação social atingia graus intoleráveis para as autoridades: no Rio, a morte do estudante Édson Luís provocava várias passeatas; em São Paulo, os estudantes ocupavam três faculdades, uma greve operária explodia em Osasco, o povo atacava o governador com pedradas na manifestação do 1º de maio e a UNE realizava um congresso proibido em Ibiúna; em Minas, outra greve dominava Contagem; no âmbito parlamentar, o deputado Márcio Moreira Alves atacava o governo em um discurso e o Congresso se recusava a puni-lo. A tudo isso o governo respondeu com o AI-5, marco do fechamento radical do regime.

Eram tempos negros, com nuvens negras, o ar estava irrespirável. Na verdade, o céu estava mais para marechal do que para brigadeiro... O AI-5 entrara em vigor, numa sexta-feira 13, em dezembro, no qual autorizava o governo a fechar o Congresso Nacional, suspender direitos políticos de quaisquer cidadãos “pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais” e o presidente da República poderia, mediante decreto, demitir, remover, aposentar ou pôr em disponibilidade quaisquer titulares das garantias referidas neste artigo (juízes e funcionários do Estado), assim como empregados de autarquias, empresas públicas ou sociedades de economia mista, e demitir, transferir para a reserva ou reformar militares. O presidente da República, pelo Ato, ganhava a condição de decretar o estado de sítio e prorrogá-lo à luz de sua conveniência; e assumia o poder de decretar o confisco de bens “de todos quantos tinham enriquecido ilicitamente” no exercício de cargos e função pública. Estava suspensa a garantia de *habeas corpus*. Por fim, qualquer medida praticada de acordo com o AI-5 estava excluída de apreciação judicial. O governo, a partir do comunicado de Gama e Silva, assumia o controle integral sobre a sociedade civil brasileira. Uma expressão kafkiana passou a frequentar com desenvoltura o vocabulário político do país depois da edição do Ato Institucional nº 5: o “Sistema”. O general Artur da Costa e Silva presidia, mas quem governava era o Sistema, mas quando seu pensamento não coincidia com o dele, prevalecia o do Sistema. A classe política, ferida pela cassação de mandatos e suspensão de direitos políticos, preocupava-se em sondar os desígnios do Sistema e os jornalistas, embora manietados pela Censura, ocupavam-se em tentar decifrá-lo. O Sistema, então, já estava a pleno vapor e daria uma indiscutível prova disso na escolha, em outubro, do general Médici para suceder o enfermo presidente Costa e Silva. Na ocasião, oficiais-generais e oficiais superiores foram consultados sobre uma lista de candidatos elaborada pelo Alto Comando do Exército. Médici, o escolhido, chefiara por dois anos o SNI. O general Albuquerque Lima, conhecido por suas posições nacionalistas, foi barrado na medida em que os oficiais intermediários não foram ouvidos.

No Rio de Janeiro, o presidente da República Costa e Silva era vítima, naquela manhã de 28 de agosto de 1969, do agravamento da trombose cerebral que o afastaria definitivamente do cargo em menos de 72 horas e que mergulharia a nação numa das mais sérias crises político-institucionais de sua história. A doença que paralisou todo o lado direito do presidente adiou o processo de redemocratização do país. Em segredo, os ministros militares, na tarde do dia 29, decidiram, no Rio, que a substituição normal de Costa e Silva pelo vice-presidente “não parecia conveniente, uma vez que ele havia se incompatibilizado com as Forças Armadas, ao se pronunciar contra o AI-5”. O general Aurélio de Lira Tavares, o almirante Augusto Rademaker e o brigadeiro Márcio de Sousa e Melo formaram, então, uma Junta Militar e assumiram o governo no dia seguinte. Pretendiam devolvê-lo tão logo o presidente se recuperasse, talvez em dois ou três meses. Quando se convenceram de que isso jamais se daria, já estava minada a disciplina dentro das Forças Armadas. Oficiais contestavam o poder da Junta, candidaturas de generais estavam sendo articuladas para a sucessão definitiva de Costa e Silva e o comportamento do Governo no caso do sequestro do embaixador americano Charles Elbrick não tivera a aprovação de amplas faixas da comunidade militar. Capturado numa das ruas do Rio por militantes esquerdistas da Ação Libertadora Nacional (ALN) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), o embaixador só foi libertado depois que a Junta baniu para o México quinze presos políticos. O fato chegou a indignar os paraquedistas da Vila Militar, que tentaram impedir o embarque e ocuparam, depois, os estúdios da Rádio Nacional, no Rio, para a leitura de um manifesto de protesto. Acossada, a Junta Militar, no dia 14 de outubro, declarou vagos os cargos de Costa e Silva e Pedro Aleixo e instruiu um processo de consulta a oficiais graduados das três Armas, do qual emergiu o nome do general Emílio Garrastazu Médici, que seria o terceiro presidente da República desde a Revolução de 1964. A Junta legou ao país uma Constituição que manteve os poderes do AI-5, uma Lei de Segurança Nacional mais rigorosa e uma distância ainda maior entre a realidade política do país e o sonho de redemocratização de um ex-presidente enfermo.

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, *OPasquim*, considerado início da imprensa alternativa do país, foi lançado em 26/6/1969. Nesse tabloide, até o nome era irreverente: os pasquins eram jornalecos do passado, que desacatavam de várias formas as pessoas e as autoridades, e cujos editores viviam às voltas com a polícia. O humorista Fortuna recorda que, no coquetel de lançamento do jornal, numa pequena sala da distribuidora, havia um ambiente cético. Nem mesmo os amigos dos editores (Tarso de Castro, Jaguar, Sérgio Cabral, Carlos Prospero e Claudius) achavam que o jornal iria longe. “Todo mundo disse que *OPasquim* não chegaria ao número 4”, conta Jaguar. Mas quando saiu o número 4, todo mundo garantiu que não chegaria ao número 10. Depois, ninguém disse mais nada, porque logo *OPasquim* estava vendendo 200 mil exemplares”.

OPasquim, desde o primeiro número, ficou marcado por algumas características: muitas páginas de cartuns, textos leves e irônicos e uma entrevista por edição, o que, segundo Jaguar, era a maior novidade do jornal. Uma das entrevistas mais famosas foi a da atriz Leila Diniz. Os inúmeros palavrões que ela dizia nas respostas eram substituídos por asteriscos. Jaguar conta como as entrevistas eram feitas: “A gente chegava, tomava umas birritas com o entrevistado (quando o entrevistado não bebia, a gente bebia por ele), ligava o gravador e depois mandava alguém datilografar o resultado do papo. Escrevíamos como se fala, sem grandes preocupações estilísticas, nada a ver com a Academia Brasileira de Letras. A princípio, as pessoas ficavam meio escandalizadas ao verem a linguagem falada em letras de forma. Mas logo se acostumaram.”

Entre os colaboradores permanentes de *OPasquim* estavam Millôr Fernandes, Fortuna, Ziraldo (humoristas), Newton Carlos e Paulo Francis (articulistas) e Reinaldo Jardim (que escrevia pequenos poemas), Ivan Lessa e Tarso de Castro. Um outro nome que se ligou com a história do jornal foi o de Henfil, que, depois de breve experiência em Minas Gerais, se lançava na imprensa do Rio pelo suplemento de humor do *JornaldosSports* (dirigido por Fortuna). Em *OPasquim*, Henfil criou

personagens que ficariam famosos: os fradinhos, em que ele fundiria humor e sadismo.

Um capítulo à parte foi Millôr Fernandes — brilhante jornalista, escritor, ilustrador, dramaturgo, fabulista, calígrafo, cenógrafo, tradutor de Shakespeare, Molière e Brecht, inventor do frescobol, vice-campeão mundial de pesca ao atum na Nova Escócia em 1953 e “medalha de ouro no concurso para ele mesmo” (como uma vez se definiu). Millôr foi, ao longo de mais de sete décadas de carreira, uma figura pública no Brasil. Um grande frasista: “Fiquem tranquilos os poderosos que têm medo de nós: nenhum humorista atira pra matar” “Se este jornal for independente, não dura três meses. Se durar três meses, não é independente.” “Quem confunde liberdade de pensamento com liberdade é porque nunca pensou em nada.”

Passou grande parte da vida profissional ameaçado pela censura — e debochando dela em comentários que iam do nonsense à crítica social aguda no espaço de poucas palavras. Com passagens marcantes por veículos como *OCruzeiro*, *Jornal do Brasil*, criador e diretor da revista *Pif-Paf* e, claro, *OPasquim* — humor e crítica conviveram com o AI-5. No estilo coloquial, uma revolução jornalística.

A maior parte da equipe ficou dois meses presa no fim de 1970 — e Millôr, um dos que ficaram de fora, assumiu a direção do jornal e tornou-se também ghost-writer dos colegas, escrevendo seções no estilo deles, como forma de evitar que a publicação parasse, durante o que se chamou de “gripe do Pasquim”.

O Pasquim durou mais do que três meses e manteve a independência — o que fez Jaguar classificá-lo de “o verdadeiro milagre brasileiro”. O semanário tornou-se um sucesso por atacar a ditadura com uma ironia que muitas vezes escapava aos censores.

Intelectuais como Ferreira Gullar, que era membro da direção estadual do Partido Comunista, mas de araque, segundo ele, teve que ir para a clandestinidade. Foi para Moscou durante um ano até que julgassem seu processo, depois para Argentina e finalmente para o Chile, onde entrou para o Partido de direita, onde lhe deram o salvo-conduto. “Eu não sou comunista, não sou revolucionário. Sou um poeta e foi aí que escrevi *Poema Sujo*. Se você está num estado democrático, você não escreve. Na rotina de sua vida, você não escreve. Você é Ferreira Gullar? Às vezes. Escrevi durante meses até terminar o *Poema Sujo*, que fala sobre exílio, a cidade, o homem.”

Vinicius gravou a voz do Gullar declamando o poema e o impacto aqui no Brasil foi enorme, tal a força, a beleza e a identificação que todos sentiram. É seu poema mais famoso e continua provocando forte emoção até hoje. Todos queriam a volta do Gullar. Ele diz então o dia que voltaria. Era época do Figueiredo. Ferreira Gullar chega, vai à praia e lá o levam para o Dops. Disseram que ele não tinha assinado um documento da polícia marítima e assim o levaram e o torturaram. Depois de 72 horas, foi solto. “A dificuldade do Brasil decorre da estrutura arcaica, a culpa disso é a desigualdade, o sistema econômico. Criança está sempre espantada com as maravilhas do mundo. Não sou político. Sou o chamado Dom Quixote, só me meto na hora ruim. Eu estava sempre remando contra a maré... A vida pulsa dentro de mim... É importante falar sobre laços familiares, sobre relações. O brasileiro é um ser emocional. Você não muda. você aprofunda. Você não lê, você relê. A arte é um caminho, uma possibilidade.”

Poema Sujo (trecho)

Ferreira Gullar

O homem está na cidade
como uma coisa está em outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade
mas variados são os modos
como uma coisa
está em outra coisa:
o homem, por exemplo, não está na cidade
nem como uma árvore

“O socialismo, o comunismo acabaram. Cumpriram seu papel. Sou antidogmático”. Concordo plenamente.

Durante os anos 1970, Nelson Rodrigues era severamente acusado de ser defensor do regime militar, num momento em que as esquerdas estavam mais preocupadas em exaltar os países de regime comunista. Colocando sempre à frente a liberdade do ser humano, Nelson dizia ser um reacionário, porque pregava a liberdade individual, exposição clara de sua dialética. Com impressionante ironia, desafiou a intelectualidade e chegou a pedir sua alma imortal de volta.

Somente hoje, por exemplo, é possível ver com quanta ousadia Nelson estava denunciando a ineficiência das esquerdas durante o período militar, enxergando um óbvio ululante ao afirmar que era um reacionário porque defendia a liberdade, uma das vigas de sua obra. Esse período, que começa em 1967, vai até a morte de Nelson, por insuficiência cardiorrespiratória, em dezembro de 1980.

“Nego redondamente a posição de direita que me atribuem, porque as pessoas que me acusam de direitista são as que concordam com o socialismo totalitário, que na verdade é mais brutal, mais desumano do que Hitler. Sou a favor da liberdade do homem livre, íntegro na sua humanidade, do homem capaz de viver a vida na sua plena dignidade de condição humana. Me interessa a pessoa, em particular. A história que vá pro diabo que a carregue. Marx que vá tomar banho. Sou um homem que trabalha demais e se parar de trabalhar morro de fome. Tenho mil peças na cabeça, e só estou esperando tempo e resistência física para fazê-las. Sou partidário da absoluta liberdade de criação e de expressão artística.” [O Globo, 11 de março de 1973]

No dia 25 de maio de 1979, o locutor Cid Moreira anunciava pelo Jornal Nacional:

“No momento em que o governo brasileiro prepara o projeto de anistia para enviar ao Congresso, o escritor Nelson Rodrigues fala pela primeira vez sobre seu filho — que também se chama Nelson. Ele está preso há sete anos no Rio, por crimes contra a segurança nacional.”

A repórter Teresa Cristina Rodrigues (filha do artista plástico, arte-educador e grande caricaturista Augusto Rodrigues e prima de Nelson em segundo grau) perguntava:

“Qual é a sua relação com seu filho hoje?”

Nelson respondia:

“Muita gente pensa e deseja que meu filho esteja brigado comigo. Nunca nós nos amamos tanto como agora.”

Seguiam-se dezessete minutos de entrevista no programa de maior audiência da televisão brasileira. Algumas das surpreendentes perguntas e respostas eram:

Repórter: “Existe uma contradição entre o Nelson Rodrigues pai — esmeradíssimo, sempre presente, apoiando o filho — e o Nelson Rodrigues escritor, autor, que é anticomunista, contrário às ideias do filho?”

Nelson: “Sou anticomunista. É preciso que o telespectador ouça isso. Sou democrata. Mas o sujeito não pode dizer ‘sou democrata’ sem o ridículo inevitável, porque falar em democracia hoje, em qualquer lugar do mundo, fica engraçado. Porque você pega o comunista, ele se diz democrata tranquilamente, desafiando o teto que devia cair em cima dele.”

Repórter: “Como pai, você nunca se esquece de que é um cidadão brasileiro com ideias políticas tão definidas?”

Nelson: “Eu sou a favor da liberdade, como meu filho — que também é a favor da liberdade. Nós estamos de acordo em muitas coisas. Não estamos em outras. Mas isso não modifica a nossa relação profunda. Eu talvez não sentisse tanto a condição de pai como agora, com tudo o que aconteceu e ninguém podendo fazer nada.”

Repórter: “Como você explica que seu filho Nelsinho — vivendo com você, no seu mundo de ideias — tenha chegado a ideias tão opostas às suas?”

Nelson: “Sou a favor da liberdade. Acho a liberdade mais importante que o pão. E ele também

acredita na liberdade — só acredita na liberdade. Eu acho que ele tem incompatibilidades seriíssimas com as ideias que o fizeram entrar na luta. Imagine o amigo comunista que fala em liberdade num país como a Rússia, em que o sujeito é internado num hospício, é amarrado num pé de mesa, de quatro, com uma cuia de queijo Palmira. E os caras vêm falar de liberdade! É uma das piadas mais horrendas.”

Repórter: “A educação que você deu aos filhos — Nelsinho e Joffre — teria sido repressiva?”

Nelson: “Nunca na minha vida dei um cascudo nos meus filhos. Sou rigorosamente contra a pancada na educação. E a tortura é a suprema infâmia. A infâmia jamais concebida.”

Repórter: “Você acredita que o presidente Médici não sabia das torturas que estavam acontecendo naquele período?”

Nelson: “É como o diretor do jornal: a notícia escapa inteiramente à sua vigilância e ao seu controle. Numa imensa nação acontecem horrores. É uma ingenuidade atroz o sujeito pensar que o presidente sabe tudo, quando tem gente cujo trabalho é evitar que o presidente saiba de certas coisas.”

Repórter: “Como você se sentiu, como pai, ao saber que seu filho tinha sido torturado?”

Nelson: “Foi um choque tremendo.”

Repórter: “Você se sentiu impotente?”

Nelson: “Claro. O que é que eu podia fazer? Você queria que eu brigasse com o tanque? Eu era o sujeito mais impotente. Eu era um beija-flor.”

Um mês depois, em junho, ao final de uma entrevista parecida, o repórter da *ÚltimaHora* perguntou a Nelson se ele tinha alguma frase, algum apelo, algum recado para alguém.

“Sim”, disse Nelson. “O recado é para o presidente da República, que eu chamarei de você — porque ele é um homem simples, carioca como eu, mais moço do que eu, pai como eu. Escuta aqui, Figueiredo. Muitos presidentes realizaram obras maravilhosas, faraônicas. Construíram estradas, acabaram com a inflação — o diabo. Mas nenhum deles teve a chance que você tem. A bondade está acima das leis. A generosidade, a clemência, a misericórdia são os mais belos sentimentos que um ser humano pode ter. Deixe o petróleo pra lá. A inflação que se dane. Um país não pode viver dividido. Você estendeu a mão. Como podem apertá-la os brasileiros que estão detidos? Solte esses rapazes, Figueiredo. Meia dúzia de obras gigantescas não colocam um presidente na História. Você é o único brasileiro que tem essa oportunidade na mão. Solte esses moços, Figueiredo. Por favor, Figueiredo, solte meu filho.”

Essa entrevista, para o jornalista Raul Giudicelli na *ÚltimaHora* (19 de junho de 1979), ecoava a carta aberta que Nelson mandara a Figueiredo através do *Jornal do Brasil* e publicada na seção de cartas do jornal a 13 de junho de 1979. Um trecho dizia:

“Quis o destino que meu filho Nelson, na altura dos 24 anos, entrasse na clandestinidade. Talvez, um dia, eu escreva todo um romance sobre a clandestinidade e a prisão do meu filho. A prisão não é tudo. Preciso chamar você, novamente, de senhor. O senhor precisa saber que meu filho foi torturado. [...] Ora, um presidente não pode passar como um amanuense. Há uma anistia. Tem que ser uma anistia histórica. O que não é possível é que seja uma anistia pela metade. Uma anistia que seja quase anistia. O senhor entende, presidente, que a terça parte de uma misericórdia, a décima parte de um perdão não tem sentido. Imagine o preso chegando à boca de cena para anunciar: ‘Senhores e senhoras. Comunico que fui quase anistiado.’”

A campanha pela anistia começara um ano antes, em maio de 1978, no fim do governo Geisel. Os primeiros atos públicos reuniram alguns punhados de bravos na Faculdade de Direito da USP, em São Paulo, e na PUC, no Rio, sob um cerco de helicópteros. Mas a campanha alastrou-se rapidamente. O Brasil estava cansado, rara a família que não fora atingida pela violência. A sociedade exigia a anistia. Em outubro, o general João Batista Figueiredo fora “eleito” presidente e, pela TV, “estendera a mão em conciliação”. Tramitava um projeto de anistia do governo, que não incluía os envolvidos na luta armada, como Nelsinho. Era a “quase anistia”, a “terça parte da misericórdia”, como temia Nelson.

Em meados de 1979, Nelsinho e os treze últimos presos políticos cariocas sustentaram uma greve de fome pela transformação da anistia ampla em anistia total e irrestrita. No dia 21 de agosto, o Congresso votou a lei que o governo queria, excluindo-os da anistia. No dia 22, o 32º da greve, os presos

encerraram o protesto, antes que alguém morresse. No dia seguinte, 23 — dia dos 67 anos de Nelson —, Nelsinho teve permissão para deixar o presídio e assistir ao nascimento de sua filha Cristiane, no que repetiu o destino de seu avô, Mário Rodrigues, dono do jornal *Crítica*, empastelado na revolução de 1930, que, igualmente preso, gerou uma filha também atrás das grades, nos tempos de Arthur Bernardes.

Estava aguardando desde fevereiro o julgamento do recurso que lhe daria a liberdade condicional. Durante algum tempo Nelson pedira a “anistia total” em dezenas de entrevistas. Com a derrota desta no Congresso, a luta passara a ser pela liberdade condicional. A 14 de outubro, Nelson foi novamente apelar a Figueiredo no Programa Flávio Cavalcanti, a convite do apresentador e de Marisa Urban. Flávio providenciara uma ambulância na garagem da TV Tupi, temendo que Nelson pudesse precisar — e ele quase precisou. Ao ver um teipe de Nelsinho na prisão dirigindo-se a ele — “Alô, pai” —, Nelson sentiu-se mal. Enquanto Salim Simão, que o acompanhara, fazia um discurso libertário para as câmaras, Nelson teve de tomar um Isordil. E, no dia seguinte, 15, foi para o Pró-Cardíaco, em Botafogo, com insuficiência respiratória e coronariana.

No dia 16, Nelsinho recebeu a liberdade condicional. Aos 34 anos, voltava para casa, para dedicar-se a seu pai. Mas, naquele dia, Nelson não pôde recebê-lo. Estava inconsciente na casa de saúde.

Nelson morreu a poucos dias do natal, no dia 21 de dezembro de 1980, um domingo, aos 68 anos, de trombose e de insuficiência cardíaca, respiratória e circulatória. No fim da tarde daquele dia ele faria treze pontos na loteria esportiva, num “bolo” com seu irmão Augusto Rodrigues, também jornalista de *OGlobo* e outros, e que fora anteriormente criador e diretor da *Manchete* Esportiva.

Visto como o pai da moderna dramaturgia brasileira, Nelson Falcão Rodrigues (1912-1980) foi censurado à exaustão por mostrar a vida como ela é.

Mais importante dramaturgo brasileiro, mais original dos cronistas, personalidade que angariava ódio e amor em igual intensidade. Nelson Rodrigues deu ao povo brasileiro, principalmente ao carioca, um novo espelho onde se mirar. Um surpreendente novo estilo (que ganhou nome: rodriguiano) pleno de adjetivos cortantes, metáforas viscerais e de exposição de exatamente tudo o que se recusava a ser mostrado. Seus relatos sempre fugiram do óbvio ululante. Eles mostraram o subúrbio carioca como pátria em chuteiras, de viúvas, porém honestas, e bonitinhas, mas ordinárias. Seus textos são constantemente adaptados pelo cinema, pelo teatro e pela televisão. As opiniões sobre sua obra e pessoas não eram unânimes, mas isso não incomodava o grande frasista, para quem toda unanimidade é burra.

Um gênio da literatura e da dramaturgia, o maior cronista que a cidade do Rio de Janeiro já teve. Cinquenta e cinco anos escrevendo nela e dela.

Dezessete peças, nove romances, um número incalculável de contos, crônicas e folhetins publicadas durante décadas na imprensa.

Nelson amava a cidade que o acolheu quando, menino, ele veio do Recife com a família.

“É! *Afalecida* inicia uma fase de peças que eu chamo de tragédias cariocas. Eu quis partir para a cidade. Daí em diante, eu posso dizer que meu teatro começa e acaba no Brasil, em especial no Rio de Janeiro.”

Por sinal, uma foto de velório do arquivo de *OGlobo* inspirou-lhe aquele que seria o divisor de águas do teatro brasileiro — *Vestidodenoiva*, uma tragédia em ação simultânea desenvolvida em três planos: realidade, memória e alucinação. Nenhum outro escritor brasileiro conseguiu dissecar tão profundamente a alma humana tomando como principal modelo a sua própria.

O cronista tricolor encarava o futebol como uma síntese das tensões sociais, estéticas e culturais que definem o Brasil. Cada jogo, fosse partida da Copa ou amistoso entre Flamengo e Olaria, representava a encenação trágica das mais candentes paixões humanas.

“Sou tricolor, sempre fui tricolor, eu diria que já era tricolor em vidas passadas, antes, muito antes, da presente encarnação.”
“Estava escrito há dois mil anos...”

Quem é esse homem que se esconde por trás de um grande autor?

“Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico.”

VISÕES TOTALITÁRIAS

A União Soviética era vista como país do Sputnik, do apoio à Revolução Cubana, da viagem espacial de Gagarin, o primeiro homem no espaço, criava uma ameaça para as forças conservadoras do Ocidente. No mesmo ano em que Gagarin conduzia o Sputnik e olhava a Terra por cima e revelava ao mundo que a Terra era azul e que não havia visto Deus lá no espaço, bem embaixo erguia-se o muro de Berlim, para conter o êxodo de milhares de alemães do lado oriental que preferiam passar para a Alemanha Ocidental. Quem queria democracia não podia concordar com o regime marxista-leninista como os proclamados na China em 1949 e em Cuba em 1961.

Vale lembrar que, no final de 1961, Dimitri Yasov, ministro da defesa, andando na praia em Yalta ao lado de Khruchov e seu neto Serguei Khruchov, olha em direção à Turquia e comenta que ali estavam implantados mísseis americanos apontados para Moscou. Khruchov, “candidamente”, então pergunta: “Mas, porque nós não temos nossos mísseis também apontados para Washington?”, Yasov indaga. “Mas, como?”, Khruchov responde. “A partir de Cuba, ora bolas.” E assim, inicia-se o grande drama bélico nuclear de 1962. A seguir, entre “tapas e beijos”, chegou-se a uma posição que interessou a ambos. De um lado, Khruchov livrou-se tanto dos mísseis na Turquia quanto da possibilidade de os americanos apoiarem outra invasão de Cuba pelos cubanos exilados na Flórida. Por outro lado, o presidente americano Kennedy livrou-se da ameaça soviética situada “nas barbas de suas fronteiras”. Desculpe o trocadilho...

A União Soviética era russo-soviética. Agora voltou a ser uma sociedade russa, com tinturas democráticas e, como já foi dito, uma Demokratsia. E quais foram as consequências da sociedade soviética? As mulheres passaram a ter direitos iguais aos homens. Inclusive de ir para a guerra. Mas com muito orgulho — às vezes, uma viagem sem volta.

As mulheres pilotando aviões civis, militares e mísseis espaciais como cosmonautas. Foi aí, que elas mostraram para o Ocidente que eram capazes de fazer tudo, numa época em que, no resto do mundo, as mulheres só podiam ser enfermeiras ou no máximo médicas, enquanto as soviéticas se tornavam guerreiras de armas na mão. A “imprensa livre” ocidental, ao divulgar esse quadro, tentava demonstrar que as mulheres soviéticas eram obrigadas a essa participação ativa na guerra, enfoque equivocado e carregado de contrapropaganda ocidental, repito, era tudo muito medíocre e ridículo. Mesmo os negros americanos tiveram que lutar para serem admitidos como pilotos militares. Foram criados, nos Estados Unidos, esquadrões de negros para testar a capacidade dessa parcela da população americana como combatentes aéreos e terrestres, separados por “teor de melanina no sangue”. Tudo isso refletia o alto grau de preconceito racial que informava o alto comando militar dos Estados Unidos. Era uma tristeza: o máximo do apartheid. Não havia mulher piloto no Ocidente. Já, na União Soviética, tanto no ar quanto na terra e no mar, havia pelotões de combatentes. Um amigo que havia participado de combates em terra contou-me que as mulheres mostravam-se extremamente valentes, chegando mesmo a continuar a atirar com o braço que lhes sobrava, já que o outro havia sido decepado pelo inimigo.

A primeira cosmonauta foi uma mulher soviética. Valentina Tereshkova, nos anos 1960. Participou numa tripulação de uma nave mista. Ela era a única mulher. Sputnik, com seu bip-bip, produzia pavor porque poderia prenunciar uma arma nuclear nos céus dos Estados Unidos. A pesquisa soviética parecia mais pacífica do que a americana. Aliás, os americanos revelavam o histerismo que reinava nos mais altos escalões do poder. Basta dizer que suas empresas criaram kits antinucleares para serem usados no caso dos ataques soviéticos. A Sears criou um kit que incluía uma barraca de lona com sanduíches e refrigerantes, para as crianças... Nas escolas, os alunos levavam mochilas de salvamento. Muita gente

deve ter lucrado com essas “iniciativas patrióticas” inócuas — como se vê, o “capitalismo” pode ser muito criativo, mesmo que absurdo...

Os soviéticos inventaram um robô que andava na Lua e coletava pedras, o Lunakhod, antes de homem chegar lá. Um pouco como os portugueses, que fizeram tudo com as Grandes Navegações, mas quem levou os louros com a descoberta da América foram os espanhóis (o genovês Cristóvão Colombo, que, na verdade, foi eclipsado por Américo Vespúcio, que deu nome ao novo continente, deixando a Colombo apenas um pequeno território que, hoje, leva o seu nome, a Colômbia. Mas, quem fez todo o esforço e trabalho foi Portugal).

Na história americana e mundial, o grande navegador Vasco da Gama tomou doril e sumiu... De fato, nunca se fala de Vasco da Gama, nem de Cabral, como descobridores. As próprias instruções de Manuel I, o Venturoso, teriam concorrido para esse resultado antimarketing, pois havia dado instruções a Vasco e Cabral para não revelarem as dimensões de suas futuras descobertas. A carta do escrivão Pero Vaz de Caminha reflete, de forma inequívoca, tais instruções, pois sempre referiu-se a uma terra, a uma ilha, para não revelar as dimensões da real descoberta.

É preciso lembrar que as colonizações portuguesas na África e na Ásia eram baseadas nas populações locais capazes de desenvolver atividades de interesse da Corte, enquanto que na costa, do que viria a ser o Brasil, seus habitantes viviam exclusivamente da coleta e caça do necessário para a satisfação de suas necessidades. Bastava estender a mão e alcançavam frutas e outros vegetais, e, com lanças, pescavam. Pelo clima, não necessitavam de roupas e abrigos — o Papa, por outras razões, estava certo: não havia pecado do lado de baixo do Equador... Parecia que se vivia no Paraíso, tanto que cartas e eventuais livros deviam exibir o *nihilobstat* (não proibido pelo Papa). Tais relatos davam a impressão que seus autores haviam desembarcado no “Paraíso na Terra”, contrariando a doutrina, então vigente, de que o Paraíso só seria alcançável no Céu...

Mas, voltando a União Soviética, Roberto Campos dizia: “No tempo em que eu lia na cartilha de Marx e Lênin...” Com ele aprendi o significado de Ideologia Única. A ideologia é um pensamento. Se você tem uma ideologia e em cima dessa ideologia forma um partido, e com esse partido cria um governo, se essa ideologia for a única permitida, você, obrigatoriamente, quer destruir todos os outros partidos e formas de pensamento, caminhando de forma inexorável para um Estado Totalitário, de pensamento único.

Os Estados baseados em doutrina marxista-leninista tornam-se assim ditaduras totalitárias. A tendência ao totalitarismo se manifesta até nas formas religiosas. No surgimento do mundo ocidental, o cristianismo caminhou para uma forma totalitária que culminou na Inquisição, porque todas as outras religiões declaradas eram heréticas. A religião ligada ao Estado e o Estado ligado à religião. Eis o direito divino. Se o monarca era o representante de Deus, ele tinha todos os direitos divinos. O castigo era a morte. O direito de vida e morte.

No socialismo-marxista o Estado é ateu. Nas repúblicas democráticas, o Estado é laico (não tem ligação com a Igreja, com a religião).

O Estado não pode proibir uma religião. A religião, seja ela qual for, não deve ter ingerência no Estado. Um engenheiro religioso que frequentasse a Igreja não seria proibido de exercer sua profissão, mas não teria cargos de direção. Teria que aceitar formalmente aquela ideologia para contrapor a religião.

O modelo aqui no Brasil era a União Soviética, a China ou Cuba. Diziam que lutavam pela democracia, mas na verdade, lutavam por outra forma de ditadura. Democracia burguesa era igual à ditadura burguesa. Democracia do proletariado era a ditadura do proletariado. Dom Hélder era equivocado. Criou seminários com base em Marx. Era como se pegasse a República de Platão e a colocasse na prática, ou seja, que o Poder pertenceria exclusivamente aos sábios. Se se aplicar esse princípio, não há uma democracia e sim um Poder Totalitário.

Thomas More, filósofo inglês, imaginou uma sociedade ideal. Está descrita no seu livro chamado *Autopia*, que nem utopia é. É uma sociedade organizada mas que inclui escravos. Então, como modelo não serve; ele deixa um espaço para as pessoas que são incapazes de se enquadrar na sociedade. Sempre existem pessoas que não se enquadram em nada. Os franceses chamam de “clochard”. Essa personalidade não trabalha. Vive da sociedade. Em todas. Na Suíça tem. Existem lá 30 mil assim. O Serviço Público dá dinheiro, comida, dormem nos vagões ferroviários não mais em uso. Na *Utopia* de Thomas More seriam transformados em escravos.

A União Soviética, produto acabado do Iluminismo, nasceu como um modelo utópico-científico, quando se tentava criar uma sociedade socialista marxista-leninista que seria perfeita. As primeiras vítimas foram a liberdade e a verdade e depois a própria vida daqueles que não professavam essa forma de socialismo, só que isso não é possível, não se constrói assim. O ser humano não funciona assim, nem as sociedades; só quando há o valor fundamental que é a liberdade pode surgir uma sociedade humana. Na Alemanha, o nazismo trilhou esse mesmo caminho — a utopia-científica, só que pela direita, e os resultados e os atropelos foram o mesmo: destruição da liberdade, ausência da verdade e a vida de milhões de pessoas na mais horrenda guerra da história da humanidade, resultando na destruição do Estado Germânico. Assim, de toda essa experiência só resta concluir — nada de engenharia social, nada de utopias científicas.

Não existe engenharia social. Não se constrói uma sociedade. O que se faz é criar um Estado que garanta os princípios básicos em que se deve assentar a sociedade, ou seja, as diversas formas de liberdade e de seu exercício. O grande problema é o direito de exprimir o pensamento.

Os russos passaram do absolutismo do czarismo de Nicolau II para o do marxismo-leninismo implantado por Lênin e aperfeiçoado por Stalin. Lênin, embora seja visto, à luz das atrocidades cometidas por seu sucessor, como um homem de maior espírito moral e menos cruel que Stálin, fez a opção pelo Terror na hora de pensar o Estado Soviético. Lênin teve o papel de semeador do grão da violência e Stalin cuidou da colheita em um campo fértil de destruição, e os que se seguiram, à exceção de Gorbachev, usaram o grão em gradações diferentes — mas usaram. A matriochka da repressão dos serviços policiais iria desenrolar-se da Okhrana para Tcheka para a OGPU e da NKVD para a KGB. Uma sequência de diferentes siglas para executar as mesmas funções: perseguir e aniquilar os inimigos do absolutismo monárquico do czar, do totalitarismo e dos governos que o representavam, por um aparato policial forte, concentrado e eficiente. Em ambos os regimes não havia vigência da liberdade e da verdade. O czar Nicolau II nunca aceitou a existência de um Parlamento.

Com Nicolau II, em 1917, a Rússia estava há três anos em guerra contra Guilherme II, do Império Alemão. Os povos da Rússia não suportavam mais os sofrimentos. A guerra estava praticamente perdida, a fome e as mortes dos soldados eram as únicas coisas de grandiosas que tinham restado no Império. Em março de 1917, o czar foi levado a abdicar pela união dos partidos então existentes com os grandes empresários e fazendeiros russos. Governos provisórios se sucederam, mas não conseguiram dirigir o imenso Império. A única coisa que faziam era convocar gente do povo para enviá-los ao front e serem mortos. O exército russo vai sendo derrotado. Lênin, aproveitando o ditado russo “Lugar santo não fica vazio” toma o poder, em um golpe que depois viria a se tornar A Grande Revolução Socialista de Outubro. Lênin implantou uma nova estrutura de poder baseada no marxismo-leninismo.

Roberto Campos dizia: “Marx fez a melhor análise e diagnóstico da sociedade do seu tempo, mas errou profundamente como profeta porque ele parte do princípio de que todos os males da sociedade têm como origem a propriedade privada e a metafísica religiosa.” Não entendeu o papel da religião numa sociedade. Marx disse no auge dos seus vinte e poucos anos: “A religião é o ópio do povo” e Lênin fez do marxismo o ópio do povo. Após sua morte, a ideologia transformou-se em marxismo-leninismo e criou-se um novo “Corpus Christi”, o de Lênin, até hoje insepulto, na Praça Vermelha, em Moscou. Como se sabe, Elvis Presley não morreu — Lênin também não, só que continua insepulto... Em 31 de outubro

de 1961, o corpo do agora renegado Stalin é retirado do Mausoléu da Praça Vermelha, em consequência das revelações por Khruchov no XX Congresso do Partido Comunista Soviético. Stalin passou a ocupar um túmulo logo atrás da sua “antiga morada”. Ao que parece, Lênin preferiu ficar só do que mal acompanhado... Note-se que, no decorrer da Segunda Segunda Guerra Mundial, o corpo embalsamado de Lênin foi levado para os Montes Urais e de lá só voltou com a Vitória Soviética sobre a Alemanha Nazista, em 1945. É o mais completo exemplo de culto a personalidade, ao lado de seus companheiros Mao Tse-tung, da China e Kim Il-sung, da Coreia do Norte.

Lênin e Trótski são os que fizeram a Revolução de Outubro de 1917. São os pais da Revolução. Foi um momento de glória e de esperança da humanidade. O que era o capitalismo naquela época? Na Rússia, as pessoas morriam de fome, a intelectualidade americana queria ir para Paris. O mundo tinha saído da Primeira Guerra Mundial, onde tinham morrido milhões de pessoas, uma Europa destruída. A Alemanha e a Rússia em destroços. A questão social não entrava na lista das preocupações do czar Nicolau II e de ninguém do mundo, afinal, os sindicatos estavam só surgindo. O fato, é que ninguém prestou atenção ao que estava ocorrendo na Rússia, agora Soviética. O próprio czar, que havia renunciado em março de 1917, não encontrou onde asilar-se, mesmo a Inglaterra e a França ficaram mudas aos pedidos de Nicolau II, que continuava exilado em Ecatimburgo, nos Urais. Tudo isso destruiu uma forma de governar em que o povo não era parte fundamental da política, alheia ao social.

Quando se tem uma política que é baseada em princípios equivocados, isso só pode levar o governo a cometer erros fundamentais que levam a destruição do processo político. Por exemplo: Ideologia única leva a regimes totalitários, logo, inviáveis. No tempo da monarquia, o absolutismo era inviável, tanto que evoluiu para o parlamentarismo. Na França, o que substituiu o absolutismo era outra forma de absolutismo. À Revolução de 1789 seguiu-se a Restauração, com os mesmos vícios do passado. Quando Lênin escreve *O Estado e a Revolução*, ele trata da Revolução Francesa de 1789, da Comuna de Paris de 1870 e ignora a Revolução Americana, em 1776, que foi a mais importante de todas. E por quê? Porque era baseada em princípios, na propriedade privada, na liberdade empresarial, e começava a garantir direitos individuais que seriam incorporados à Constituição no correr da história. Na verdade, era uma profunda mudança na estrutura política e na forma de criar e governar um Estado, com base em princípios e no voto representativo. Em Moscou, vi um Estado Totalitário acabar como teria de acabar. Extinguiu-se.

Vi uma sociedade totalitária acabar como deveria acabar. Diluiu-se. Lênin dizia que o Estado burguês ia se extinguir e o que se extinguiu foi o Estado do Socialismo Real imaginado e criado por ele (que teria o poder total igual ao controle total). Para se ter uma ideia da realidade soviética, nos restaurantes quase sempre havia um conjunto musical cujo o programa de apresentação era aprovado pelo Ministério da Cultura — não se podia improvisar em hipótese alguma. Eis uma das formas mais brandas da presença do Estado na vida cultural dos seus cidadãos: a censura cultural totalitária.

É bom lembrar que entre as distorções no pensamento político resultantes da Guerra Fria e a conseqüente guerra de propaganda de lado a lado, está o esquecimento de que o socialismo não é só o socialismo imaginado por Marx e criado por Lênin, ou seja, o marxismo-leninismo que informou a política internacional de 1917 a 1991. Na verdade, Lênin combateu violenta e encarniçadamente as formas de socialismo liberal imaginadas desde Proudon e outros, do final do século XIX, início do XX, que propugnavam por um socialismo distributivo, em que a função de produção continuava a ser exercida pela iniciativa individual baseada na propriedade privada.

É preciso lembrar, também, da forma alemã imaginada por Kautsky que resultaria na social-democracia que seria aplicada com êxito na Europa Ocidental especialmente na Escandinávia, na Alemanha, na França e na Itália. Essa forma de socialismo foi violentamente renegada por Lênin, pois admitia a propriedade privada, a liberdade empresarial e a liberdade individual. O seu socialismo renegava tudo isso por representar, para ele, valores burgueses.

Quando se examina a União Soviética baseada no socialismo marxista-leninista, há uma surpresa. Lênin era contra o socialismo da Suécia (o indivíduo tem liberdade), da Alemanha (sistema de saúde e de educação de primeira). Há uma igualdade social ao acesso dos setores fundamentais da sociedade: educação, saúde, moradia. O socialismo marxista-leninista é uma forma de socialismo que tem como base a filosofia marxista, como princípio e como forma operacional — a doutrina de Lênin. Aí nasce um aleijão social. Porque, ao admitir uma só filosofia, o marxismo não pode conviver com outros pensamentos. É pensamento único. E Lênin, ao criar o seu Partido, assumiu esse desvio fundamental da liberdade. Na prática, uma sociedade totalitária de pensamento e ação únicos.

Marx não é marxista. Ele não indicou o caminho para chegar ao Poder. Lênin é que viu em uma revolução armada a forma de tomar o Poder e de destruir o Estado burguês, como ele denominava, tanto que Rosa Luxemburgo, em uma carta de março de 1918, advertiu Lênin dizendo que ele estava, na verdade, construindo um Estado ditatorial, burocrático.

A diferença do nazismo para o socialismo de Lênin, era que se podia ter atividade privada, desde que o proprietário não fosse judeu. Hitler dizia que a empresa privada era um mal necessário, desde que não fosse de propriedade de judeus, e que a empresa estatal não era transformadora. Em 1922, Lênin percebeu a desorganização da economia e propôs o que chamou Nova Política Econômica, em que voltava uma forma de propriedade privada na produção dentro dos preceitos da banida economia czarista, que era baseada na concessão pelo czar do direito de produzir. O povo soviético tinha ensino, saúde e moradia. Mas, viviam sem liberdade. Na Suécia, o sistema de produção é baseado na iniciativa privada e o governo dispõe de um sistema tributário especial. Retirava dos ganhos das empresas privadas e dos cidadãos impostos que aplicavam criteriosamente em saúde, educação e nos programas de habitação.

Os soviéticos não tinham o direito de ir e vir e de iniciativa individual. Por exemplo, um bailarino não podia criar um balé, tinha que ser sempre um coletivo autorizado pelo Ministério da Cultura. Era uma espécie de enxame de abelhas. Deveriam repetir sempre os mesmos passos, mesmo que o produto fosse doce (como é doce o mel de abelhas). Era sempre o mesmo doce. Nasciam e morriam fazendo a mesma coisa.

A pena de exílio não é uma invenção soviética. É russa. Era largamente praticada nos tempos dos czares. O grande poeta russo criador da literatura em russo, Serguei Pushkin (a literatura russa, em geral, era escrita em francês) sofreu pena de exílio em Odessa em 1825, onde até hoje existe a casa onde ficou morando. Lá estive e pude vê-la transformada em museu.

Só os escritores dissidentes do sistema, tipo Boris Pasternak (*Doutor Jivago*) foram banidos, presos ou calados. Apresentavam literatura de qualidade. Eram grandes escritores que não podiam publicar os seus escritos, que é a maior violência que um intelectual pode sofrer. Isso valia para os físicos, os químicos, enfim, para qualquer um que pensasse. Havia fases em que o czar não se importava e deixava os escritores publicarem seus livros sem maiores censuras. Mesmo assim, nunca houve liberdade na Rússia.

A visão que o estrangeiro tinha da vida soviética era produto do uso de uma lente distorcida, que via o mundo ocidental como uma maravilha, a vida do Leste Europeu, um inferno, e a da União Soviética como um grande campo de concentração. A grande massa tinha suas necessidades básicas atendidas e não sabia como era a própria vida em comparação com a vida dos estrangeiros.

Já as pessoas pensantes e criativas e que tinham tido a oportunidade de conhecer e viver o exterior percebiam todos esses problemas mas se calavam, porque tinham medo de perder seus privilégios, diminutos que fossem. E os que não se calavam iam para campos de concentração (gulags), que eram campos de trabalho. Dentro do conceito soviético, era uma cidade, uma aldeia no meio da Sibéria, e não se tinha como sair de lá. Havia também o “gulaguinho” — jardim de infância interno e outras instituições de ensino para os filhos dos condenados. Na falta dos pais, o Estado tomava conta...

Como as penas de prisão muitas vezes envolvia o casal, os filhos passavam para a guarda do Estado e eram levados a viver em estabelecimentos de ensino ao lado dos campos de concentração, os mundialmente famosos gulags. Na verdade, gulag é uma sigla — G (estatal) U (direção) Lag (dos campos) —, ao pé da letra, uma organização de administração dos campos de concentração, e, assim, surgiram, em plena Sibéria, os “gulaguinhos”, isto é, jardins de infância e colégios para os filhos dos condenados, só que a infância e a juventude ficavam do lado de fora. Afinal, eles não podiam sair — era para o bem deles...

Não era só no tempo de Stalin, mas desde Lênin mandavam-se para o sanatório de loucos (hospício) aqueles que escreviam textos fora dos parâmetros — artistas, matemáticos que não seguiam o paradigma social imposto pelo sistema. Eram tratados como se fossem loucos, pois viam no socialismo-científico um sistema inferior ao capitalismo anárquico por sua natureza — se tivessem bom comportamento ficariam presos por um ou dois anos.

A Rússia não vive sem uma ideologia. Tanto que colocou o corpo de Lênin para ser venerado como Cristo. É uma estrutura religiosa de Poder desde o tempo do czar. A igreja era cristã-pan eslava, dita ortodoxa no Ocidente, que com suas diversas formas dominava o pensamento russo e ordenava o Poder político russo. Com a Revolução de Outubro aniquila-se a Igreja Ortodoxa. O pensamento religioso é substituído por uma estrutura também religiosa baseada na ideologia marxista-leninista. A estrutura do Poder do Kremlin acaba por assemelhar-se à estrutura do Poder do Vaticano.

Stalin chamou um engenheiro tcheco para criar um sistema de comunicação de telefonia para o Kremlin, isto é, para ele. Tudo pronto, ele tinha em sua gaveta um aparelho telefônico que o ligava diretamente à cúpula do Partido Comunista, que ele dirigia e onde decidia sobre o destino de todas as pessoas e de todos os povos soviéticos. Ele podia ligar, mas a comunicação era unilateral. Obra pronta, Stalin pergunta ao engenheiro:

— O camarada já fez um sistema igual a esse?

O camarada tcheco com orgulho responde:

— Seu sistema telefônico é único.

Calmamente, o grande Stalin prepara uma pequena anotação dirigida ao chefe da NKVD (comissariado dos negócios internos).

— Elimine o tcheco.

Isso diz tudo. Pensava e agia como um Deus e assim era visto. O método de Stalin era mais definitivo em relação ao czar Ivã, o Terrível, que mandava furar os olhos dos pintores de ícones, que tinham feito algum trabalho excepcional.

Revolução Socialista de Outubro de 1917: só com Marx não haveria revolução. Era preciso um espírito pragmático para realizá-la. E Lênin foi esse espírito. Tinha também Trótski, porque era uma força contrária a Stalin. Trótski, pouco antes do início da Segunda Guerra, denuncia os erros e desmandos de Stalin, inclusive a matança dos marechais. Stalin, provavelmente, mandou assassinar Trótski, por ele ser uma ameaça. Trótski dizia que a revolução é uma metralhadora na mão e uma ideia na cabeça. Essa frase foi parafraseada por Glauber Rocha que dizia: “O cinema é uma câmara na mão e uma ideia na cabeça.”

Em 1917, o panorama era horrível. A Rússia estava em guerra com a Alemanha, de quem estava sofrendo uma derrota. Só o uso de sua população permitia manter o seu efetivo militar com incessantes convocações que atingia profundamente o seu povo miserável, tornando os dirigentes da economia profundamente insatisfeitos com a ação do czar, levando-o à renúncia em março daquele ano e propiciando a Revolução de Outubro com a implantação dos soviets.

A Revolução Soviética é uma aparente revolução. Eles saíram do czarismo e criaram uma outra república totalitária que é igual a uma monarquia absolutista. O marxismo é uma filosofia e, como toda filosofia, não é de aplicação direta. O marxismo-leninismo, ao tentar aplicar à vida o marxismo, criou um

monstro burocrático. Todos esses monstros praticaram o assassinato como forma de terrorismo. Há formas que beiram ao genocídio. Assim como o assassinato de Trótski é individual, com o fim de liquidar a possibilidade da formação de uma oposição inexpugnável a Stalin, a fome na União Soviética nos anos 1930 é um assassinato coletivo em nome da industrialização forçada — um verdadeiro genocídio resultante de um êxodo rural gerado pela decisão de Stalin de fazer da União Soviética uma grande potência industrial a todo custo, mesmo que esse custo fosse a morte pela fome de milhões de camponeses, como na realidade ocorreu. Aqueles camponeses que chegaram às grandes cidades sobreviveram, os outros morreram de fome pelo caminho.

Foram poucas as famílias que não foram tocadas pelo terror stalinista. Estimativas conservadoras mostram que cerca de 25 milhões de pessoas foram reprimidas pelo regime soviético entre 1928, quando Stalin assumiu o controle da liderança do Partido, e 1953, quando o ditador morreu e seu reino de horror, se não o sistema que desenvolvera em um quarto de século, chegou ao fim. Esses 25 milhões — pessoas mortas por esquadrões de execuções, prisioneiros do gulag, kulaks enviados para “assentamentos especiais”, trabalhadores escravos de vários tipos e membros de nacionalidades deportadas — representam cerca de um sexto da população soviética, que em 1941 era de aproximadamente 140 milhões, ou, em média, uma pessoa para cada 1,5 família na União Soviética. Esses números não contabilizam vítimas da fome nem mortos em guerras.

Além dos milhões que morreram ou foram escravizados, houve dezenas de milhões de pessoas, parentes das vítimas de Stalin, cujas vidas foram prejudicadas de modo profundo, com consequências sociais sentidas até hoje. Depois de anos de separação pelo gulag, famílias não puderam ser reunidas facilmente, relacionamentos foram perdidos e não havia mais nenhuma “vida normal” para a qual se pudesse retornar. Muitas famílias se recusavam a receber de volta os retornados dos gulags, seja porque para essas famílias seus retornados haviam merecido as penas sofridas como “inimigos do povo” ou, simplesmente, por medo de contatos com eles e por possíveis consequências para suas vidas, afinal, eles eram ex-condenados.

Uma população silenciosa e conformista é um resultado duradouro do reino de Stalin. Quando uma pessoa era presa — e quase todo mundo podia ser preso a qualquer momento, a primeira coisa a ser confiscada era seu diário, que provavelmente seria utilizado como prova incriminatória se contivesse pensamentos ou sentimentos que pudessem ser considerados “antissoviéticos”. Um problema adicional para o historiador da vida privada é a “língua soviética” (vale esclarecer que por língua soviética se entende o russo falado correntemente pelo povo e por funcionários, às vezes, bastante afastado da língua culta. A língua falada nas prisões e nos campos de concentração constitui verdadeiros dialetos incompreensíveis para os de fora) na qual muitos diários foram escritos e as ideias conformistas expressadas por eles; sem conhecimentos dos motivos que levavam as pessoas a escrever os diários dessa forma (medo, crença ou modismo), a interpretação deles é difícil. As mentalidades soviéticas refletidas no livro *Sussurros*, de Orlando Figes, ocupavam uma região da consciência na qual antigos valores e crenças haviam sido suprimidos; elas foram adotadas pelo povo mais por vergonha e medo do que pelo desejo ardente de “tornar-se soviético”. Segundo alguns historiadores, era praticamente impossível para o indivíduo pensar ou sentir de modo diferente dos termos definidos pelo discurso público dos políticos soviéticos, e, provavelmente, qualquer outro tipo de emoção ou pensamento deveria ser sentido como uma “crise pessoal” que precisava ser expurgada da personalidade, às vezes, com internações em hospitais psiquiátricos.

Esse mesmo livro *Sussurros* conta a história de Antonina Golovina, a partir dos seus oito anos, que expressa o que pode sofrer uma família atingida pela repressão soviética. A seguir, traço um resumo dessa tragédia familiar engendrada naquela sociedade que era “vendida” para o mundo, como exemplo do “mundo do futuro” que estava sendo construído na União Soviética. As penas ultrapassavam as pessoas.

O pai de Antonina tinha sido condenado por ser kulak, camponês “rico”, durante a liquidação da atividade individual, no curso da coletivização da aldeia, no norte da União Soviética, onde vivia. Antonina tinha oito anos quando foi exilada com a mãe e os dois irmãos mais novos na remota região de Altai, na Sibéria. A família perdeu para a fazenda coletiva a propriedade em que morava, com suas ferramentas agrícolas e animais. A mãe de Antonina recebera apenas uma hora para separar algumas poucas roupas para a longa viagem. Depois, a casa na qual os Golovin tinham morado por gerações foi destruída, e o resto da família dispersou-se: o irmão e a irmã mais velhos de Antonina, além dos avós, tios, tias e primos, fugiram em todas as direções para não serem presos, mas a maioria deles foi capturada pela polícia e exilada na Sibéria, ou enviada para os campos de trabalho do gulag, e muitos deles nunca mais foram vistos.

Antonina passou três anos em um “assentamento especial”, um campo madeireiro com cinco barracões de madeira ao longo da margem de um rio onde mil kulaks e suas famílias foram instalados. Depois que dois dos barracões foram destruídos pela forte nevada do primeiro inverno, alguns dos exilados precisaram morar em buracos escavados no solo congelado. Não havia fornecimento de alimentos porque o assentamento estava isolado pela neve, de modo que as pessoas precisavam sobreviver dos suprimentos que haviam trazido de casa. Tantos morreram de fome, frio e tifo que não foi possível enterrar todos os mortos — os corpos ficaram congelados em pilhas até a primavera, quando foram jogados no rio. Antonina e a família retornaram do exílio em dezembro de 1934 e, reunidos com o pai, mudaram-se para uma casa de um cômodo em Pestovo, uma cidade cheia de antigos kulaks e suas famílias. Mas o trauma que sofrera deixara uma cicatriz profunda em sua consciência, e a ferida mais marcante de todas era o estigma da origem kulak. Em uma sociedade na qual a classe social era tudo, Antonina era estigmatizada como uma “inimiga da classe”, excluída de escolas superiores e de muitos empregos, permanecendo sempre vulnerável a perseguições e prisões nas ondas de terror que varreram o país durante o reinado de Stalin.

A noção de inferioridade social cultivou em Antonina o que ela própria descreve como “uma espécie de medo, que por sermos kulaks, o regime poderia fazer o que quisesse conosco, não tínhamos direitos, precisávamos sofrer em silêncio”. Ela tinha medo demais para se defender das crianças que a maltratavam na escola. Em uma ocasião, um professor resolveu punir Antonina e disse diante de toda classe “que pessoas, do tipo dela, eram inimigos do povo, malditos kulaks! Vocês certamente mereciam ser deportados, espero que todos sejam exterminados aqui!” Antonina sentiu-se vítima de uma injustiça profunda e uma raiva que lhe davam vontade de gritar em protesto — mas foi silenciada por um medo ainda maior. Esse medo acompanhou Antonina durante toda a vida.

Ela era uma jovem inteligente com um forte senso de individualidade. Determinada a superar o estigma de seu nascimento, estudou com dedicação na escola para que, um dia, pudesse ser aceita como uma igual social. Apesar da discriminação, saiu-se bem nos estudos, e sua autoconfiança aumentou gradualmente. Ela até chegou a se filiar à Komsomol, a Liga da Juventude Comunista, cujos líderes fizeram vista grossa para sua origem kulak porque valorizavam sua iniciativa e energia. Aos dezoito anos, Antonina tomou uma decisão ousada que definiu seu destino: ela ocultou sua origem das autoridades — uma estratégia de alto risco — e até falsificou os próprios documentos para que pudesse ingressar na faculdade de medicina.

Ela nunca falou sobre a família para os amigos ou colegas no Instituto de Fisiologia de Leningrado, onde trabalhou durante quarenta anos. Tornou-se membro do Partido Comunista (e permaneceu como tal até a abolição do Partido em 1991), não por acreditar na ideologia do Partido, mas porque desejava proteger a família e não queria levantar suspeitas, e também por sentir que ser membro do Partido ajudaria sua carreira e na conquista de reconhecimento profissional. Antonina ocultou dos dois maridos a verdade sobre seu passado, tendo vivido mais de vinte anos com cada um.

Ela só tomou coragem de contar ao marido sua biografia comprometedora após o colapso do

sistema soviético, quando, encorajada por revelações e debates públicos sobre a repressão do regime stalinista, eles por fim começaram a conversar a respeito do passado. Foi também nessa época que Antonina e seu segundo marido revelaram suas histórias secretas, que haviam escondido um do outro por mais de quarenta anos. Todavia, concordaram em não passar essas informações à filha, Olga, que estava então encaminhada em sua carreira de professora. Eles achavam que o desconhecimento a protegeria se os stalinistas voltassem. Aos poucos, Antonina foi vencendo o medo de uma vida toda e tomou coragem para contar à filha sobre suas origens kulak. Duas coisas aconteceram para ocasionar essa mudança.

A primeira se deu em 1995, quando, aos 72 anos de idade, Antonina retornou a Obukhovo, o vilarejo onde sua família tinha vivido até ser exilada para a Sibéria em 1931. A última visita que fizera ao local havia sido em 1956, com o irmão e o pai, algumas semanas antes da morte desse último. O lugar onde ficava a casa estava vazio. O mato tinha crescido em torno da pedra do moinho, onde eles costumavam se sentar para conversar com os vizinhos.

Antonina retornou a Obukhovo em 2 de agosto de 1995, sexagésimo quinto aniversário da prisão do pai, em 1930. Não sobrara muito do antigo vilarejo. Apenas nove das casas ainda eram habitadas. Sessenta anos de coletivização haviam exaurido o local de juventude e energia, da mesma forma como fizera a milhares de outros povoados como aquele. Em 1930, Obukhovo fora uma comunidade agrícola pobre mas vibrante, com uma população de 317 pessoas, quase metade dela composta por crianças. Possuía igreja e escola, uma loja de cooperativa, e muitas famílias, como os Golovin, tinham suas próprias oficinas de couro, que produziam sapatos e outros artigos. Em 1960, a população tinha declinado para 68 pessoas, a maior parte casais idosos ou pensionistas solteiros, e, à época da visita de Antonina, em 1995, havia apenas 13 pessoas na localidade, todas, com exceção de duas, acima de 60 ou 70 anos.

O antigo feriado religioso de 2 de agosto fora esquecido havia muito, mas a tradição camponesa russa de hospitalidade não havia desaparecido e, à sua chegada, um jantar em homenagem a ela foi rapidamente providenciado pelas mulheres do povoado na casa de Ivan Golovin, a última casa de alguém da sua família no local. Passada a tensão inicial, as pessoas se recordaram do pai de Antonina como um bom agricultor, cuja atividade fazia falta na fazenda coletiva. “Os Golovin eram pessoas honestas, limpas e discretas”, lembrou-se uma velha senhora. “Foi errado prendê-los, Tonya (Antonina), você é uma de nós, uma verdadeira camponesa, precisamos de outras como você.”

Note-se que Antonina só voltou a sua aldeia em 1995, tal era o seu medo de que o passado opressor voltasse. Muitos sofrimentos pavimentaram o caminho percorrido na vida de Antonina, desafio o leitor a imaginar algumas dessas dores, tenho certeza de que sua imaginação será vencida pela realidade.

Outro momento decisivo da reconciliação de Antonina com o passado veio quando fez uma peregrinação à região de Altai, na Sibéria, para ver Shaltyr, o “assentamento especial” onde tinha morado com a família, em exílio, entre 1931 e 1934. O local tinha sido abandonado muitos anos antes, mas as ruínas dos galpões ainda estavam de pé, por trás de uma cerca de arame farpado, e podiam ser vistas da estrada. Nas proximidades, ela encontrou uma mulher do lugar, mais ou menos da sua idade. Perguntou-lhe se era possível entrar no assentamento, e elas começaram a conversar. A mulher lhe contou que tinha morado ali quando criança. “Eu sou filha de kulaks”, disse. “Fui enviada para cá em 1930, mas sou de Barnaul.”

Antonina se recorda de sua reação a essas simples palavras: “Fiquei abalada. Nunca tinha ouvido ninguém dizer que era filha de um kulak, como eu. Nunca tinha me ocorrido que fosse possível dizer essas palavras sem sentir vergonha, muito menos com o orgulho que aquela mulher evidentemente sentia. Toda a minha vida, eu tentei esconder minhas origens kulak. Quando ela falou, eu olhei em volta para ver se alguém tinha escutado. Mais tarde, comecei a pensar. Por que eu tinha olhado em torno para ver se havia alguém escutando? O que tinha ali para se ter medo? De repente, senti vergonha do meu próprio medo. E então eu disse alto: “Eu também sou uma filha de kulaks.” Foi a primeira vez que disse aquelas

palavras em voz alta, embora na minha cabeça eu as tenha sussurrado mais de mil vezes. Não tinha ninguém em volta para me ouvir. Eu estava sozinha numa estrada deserta. Mas mesmo assim, fiquei orgulhosa de enfim ter falado. Desci até a margem do rio e me lavei. Depois, fiz uma prece por meus pais.”

Na metade da década de 1930, a população do gulag atingiu proporções gigantescas, à medida que as vítimas da coletivização e da fome eram reunidas e enviadas para campos de trabalho, que agora eram considerados um componente integral da economia industrial soviética. Entre 1932 e 1936, a população dos campos e colônias de trabalho e dos “assentamentos especiais” chegou ao total de 2,4 milhões de pessoas (a população prisional acrescentaria mais meio milhão).

Extraordinário até mesmo para os padrões do regime stalinista, o Grande Terror não foi uma onda rotineira de prisões em massa, como as que tomaram conta do país durante o reinado de Stalin, mas sim uma política calculada de assassinatos em massa. Não mais satisfeitos com a prisão de “inimigos políticos” reais ou imaginários, Stalin ordenou à polícia que retirasse pessoas das prisões e dos campos de trabalho e as matasse. Nunca tantas vítimas haviam sido mortas.

Não é fácil explicar as origens do Grande Terror. Tampouco fica imediatamente claro por que ele foi tão concentrado nesses dois anos (1937-1938). A chave da compreensão do Grande Terror como um todo talvez esteja no temor de Stalin de uma guerra iminente e na percepção que ele tinha de uma ameaça internacional à União Soviética. A agressão militar da Alemanha de Hitler, anunciada pela ocupação de Rhineland em 1936, e a ocupação da Manchúria pelos japoneses convenceram Stalin de que a União Soviética estava ameaçada pelos Eixos de poder em duas frentes distintas. Os temores de Stalin foram reforçados em novembro de 1936, quando Berlim e Tóquio se uniram por meio de um pacto (ao qual a Itália fascista também aderiu, posteriormente) contra a Komintern.

Apesar de continuar apoiando a “segurança coletiva”, Stalin não depositava muitas esperanças na aliança soviética com as potências ocidentais para conter a ameaça dos Eixos: os Estados ocidentais tinham fracassado na tentativa de intervir na Espanha, pareciam comprometidos com a conciliação com a Alemanha nazista e, supostamente, transmitiram a Stalin a impressão de que tinham o objetivo oculto de desviar as forças de Hitler para o Oriente e envolvê-las em uma guerra contra a União Soviética em vez de confrontá-las no Ocidente.

Em 1937, Stalin estava convencido de que a União Soviética estava à beira de uma guerra contra os Estados fascistas europeus e contra o Japão no Oriente. Tipicamente, a imprensa soviética retratava o país como se estivesse sendo ameaçado por todos os lados e minado por fascistas infiltrados — “espiões” e “inimigos ocultos” — em todas as partes da sociedade. A visão política de Stalin — como a de muitos bolcheviques — fora profundamente moldada pelas lições aprendidas na Primeira Guerra Mundial, quando o regime czarista foi derrubado pela revolução social que ocorreu na retaguarda. Ele temia uma reação similar contra o regime soviético caso entrasse em guerra contra a Alemanha nazista. A Guerra Civil espanhola reforçou seus temores em relação ao problema.

Aparentemente, um medo paranoico de “inimigos” era parte da personalidade de Stalin, o que foi reforçado pelo suicídio de sua esposa, Nadezhda, em 1932, e pelo assassinato de Kirov. A quem Stalin dizia amar como irmão e utilizou o assassinato do Chefe do Partido em Leningrado para abraçar sua obsessão por uma ameaça interna e para perseguir seus “inimigos”. Deste modo, o terror na liderança espalhou-se para os escalões inferiores do Partido, para as instituições soviéticas e para a sociedade. De acordo com uma estimativa, 116.885 membros do Partido foram executados ou presos entre 1937 e 1938. Quanto mais alta a posição de um membro do Partido, maior eram as chances de que fosse preso, pois os membros dos escalões inferiores estavam sempre prontos a delatar os superiores com o objetivo de substituí-los em seus postos.

Stalin provavelmente sabia que a vasta maioria das vítimas era totalmente inocente, ele considerava totalmente justificável prender milhões de pessoas para erradicá-los. Como Stalin disse em junho de

1937, se apenas 5% dos presos fossem realmente inimigos, “seria um bom resultado”. As pessoas aguardavam a chegada da hora em que seriam presas. Muitas deixavam malas arrumadas ao lado da cama para estarem prontas quando o NKVD batesse à porta. Tal passividade é uma das características mais interessantes do Grande Terror. Havia muitas maneiras de evitar a prisão — a mais simples e eficaz era mudar para outra cidade e assumir outra identidade comprando documentos no mercado negro, pois o NKVD não era bom em localizar pessoas em fuga.

O Grande Terror efetivamente silenciou o povo soviético. Havia informantes em todos os lugares — nas fábricas, nas escolas, nos escritórios, em lugares públicos e nos apartamentos comunitários. Havia duas categorias amplas: os informantes voluntários, geralmente motivados por recompensas materiais, crenças políticas ou maldade em relação às suas vítimas, e os informantes involuntários, encurralados por ameaças da polícia ou por promessas de auxílio a parentes presos. É difícil condenar os informantes da segunda categoria: muitos deles se encontravam em condições praticamente insuportáveis, sob as quais qualquer pessoa poderia ceder à pressão do NKVD.

A falta de moradias era tão grave nas cidades superpopulosas que as pessoas faziam praticamente qualquer coisa para aumentar o espaço que tinham para morar. O fluxo em massa de camponeses para a indústria exercera uma pressão enorme na disponibilidade de moradias nas cidades. Em 1930, em Moscou, o cidadão médio tinha apenas 5,5 metros quadrados para morar, caindo para pouco mais de 4 metros quadrados em 1940. Nas novas cidades industriais, onde a construção de moradias estava muito atrasada em relação ao crescimento populacional, a situação era ainda pior. Em Magnitogorsk, por exemplo, o espaço médio de moradia disponível para as famílias trabalhadoras era de apenas 3,2 metros quadrados *per capita* em 1935.

A maioria dos trabalhadores morava em alojamentos das fábricas, onde famílias eram separadas, ou em dormitórios, onde uma cortina em torno das camas de tábua propocionava a única privacidade. Uma trabalhadora em Magnitogorsk detalhou um retrato vívido da vida que levava nos alojamentos:

“Dormitórios sem quartos separados, divididos em quatro seções, minúsculas áreas de cozinha onde era impossível se virar, fogões totalmente lotados de panelas, pessoas em uniformes sujos de graxa (não havia chuveiros na siderúrgica), crianças nos corredores, filas para pegar água, “móvel” praticamente destruída — camas de metal, criados-mudos, mesas feitas em casa e prateleiras.”

Muitos alojamentos eram construídos deliberadamente sem cozinhas nem banheiros, para forçar os moradores a utilizarem os refeitórios, banheiros e lavanderias públicos. Mas a maioria dos trabalhadores em Magnitogorsk resistiu à coletivização de suas vidas privadas, preferindo morar em escavações no solo (*zemlianki*), onde, apesar das condições primitivas, ao menos havia uma privacidade moderada. Em 1935, cerca de um quarto da população de Magnitogorsk morava nessas escavações. Existiam cortiços inteiros de *zemlianki* escavados em campos abertos próximos às fábricas e minas. Os trabalhadores demonstravam uma resistência ferrenha às tentativas soviéticas de eliminar essa última zona de propriedade privada.

Na Rússia de Stalin, as relações humanas giravam em torno da luta por mais espaço para morar. São inúmeras as histórias de casamento forçados para a obtenção de um local para morar, de casais divorciados dividindo quartos para não abrir mão do espaço que tinham, de vizinhos denunciando uns aos outros na esperança de obter mais espaço. Na metade da década de 1930, em Moscou e em Leningrado, três quartos da população moravam em apartamentos comunais, estilo de vida que continuou sendo a norma para a maioria das pessoas nessas cidades durante o governo de Stalin.

Como tudo o mais, a natureza dos *kommunalkas* também mudou na década de 1930. Enquanto o propósito por trás deles na década de 1920 era abordar a crise de moradias e, ao mesmo tempo, aplicar um golpe contra a vida privada, eles se tornaram principalmente um meio de ampliar o poder de vigilância do governo dentro dos espaços privados dos lares familiares.

Depois de 1928, os soviéticos passaram a aumentar cada vez mais o controle da política de

“condensação”, instalando deliberadamente ativistas do Partido e trabalhadores leais ao Partido nos lares de antigos burgueses para que pudessem ser vigiados”. A vida comunitária era aterrorizante. Os moradores mediam cada centímetro quadrado do corredor e cada parte do espaço comum. Era muito difícil viver em um *kommunalka*, por exemplo, com dezesseis famílias (54 pessoas), em preciosos 12,5 metros quadrados de espaço, e todas compartilhavam uma única cozinha, dois lavabos e duas pias com água fria, e nenhum banheiro.

O apartamento comunal era um microcosmo da sociedade comunista. Forçando as pessoas a compartilhar o local de moradia, os bolcheviques acreditavam que poderiam torná-las mais comunistas no modo básico de pensar e de se comportar. O espaço e a propriedade privados desapareceriam, a vida familiar seria substituída pela organização e pela fraternidade comunista, e a vida privada do indivíduo estaria sujeita à vigilância e ao controle mútuos da sociedade.

Uma nova lei, de 1933, colocou os mais velhos na posição de únicos comandantes dos apartamentos comunais e reforçou os laços mantidos por eles com a polícia. Eles passaram a ser chefiados pelos zeladores (*dvorniki*), informantes notórios, que limpavam as escadas e o quintal, patrulhavam o território da casa, trancavam os portões dos jardins à noite e observavam todos que entravam e saíam dos apartamentos. Espreitar, espiar e informar eram atos extremamente comuns nos apartamentos comunais da década da 1930. A atmosfera era muito hostil. A origem de muitas brigas era a inveja mesquinha. O apartamento comunal era o centro doméstico da cultura soviética da inveja.

Uma mulher recorda uma inimizade duradoura entre sua mãe, que trabalhava em uma padaria, e a esposa do zelador, conhecida por ser uma informante. Sempre que havia bolos ou pães doces na cozinha, a esposa do zelador acusava sua mãe de sabotagem e ameaçava denunciá-la às autoridades. A falta de privacidade era a maior fonte de tensão. O melhor fruto dos apartamentos comunais era o cultivo de uma sensação de coletividade entre os moradores. Mas a proximidade podia ser sufocante “Era uma sensação diferente da repressão por ser preso, enviado para a prisão e para o exílio, coisas pelas quais também passei, mas, de certo modo, era pior. No exílio, a noção de si próprio era preservada, mas a repressão que eu sentia no apartamento comunal era a repressão da minha liberdade interior e da minha individualidade. Eu sentia essa repressão, essa necessidade de autocontrole, sempre que entrava na cozinha, onde era cuidadosamente observado pela pequena multidão que se aglomerava ali. Era impossível ser você mesmo.”

Os cidadãos soviéticos não demoraram a protestar contra as carências materiais e desigualdades, escrevendo aos milhares para o governo com reclamações em relação à corrupção e à ineficiência, as quais relacionavam aos privilégios da nova burocracia. O mercado negro florescia à margem da economia planejada. Para lidar com os problemas de suprimentos, “uma economia de favores” entrou em operação por meio de pequenas redes informais de patronos e clientes (sistema conhecido como “*blat*”).

Obter qualquer coisa exigia contatos pessoais — familiares, colegas, amigos ou amigos de amigos. Em muitos aspectos, a economia soviética não teria condições de funcionar sem esses contatos privados. Sem o *blat*, era impossível viver com o mínimo de conforto na União Soviética. Como dizia o provérbio: “Não é preciso ter 100 rublos, mas 100 amigos”. Contudo, ao mesmo tempo, havia muitos cidadãos que persistiam na expectativa de que viveriam para ver a utopia comunista.

Na década de 1930, o regime soviético foi mantido por essa ideia. Milhões de pessoas foram persuadidas a acreditar que as dificuldades da vida cotidiana eram um sacrifício necessário para a construção de uma sociedade comunista. O trabalho duro realizado hoje seria recompensado amanhã, quando a “boa vida” soviética fosse desfrutada por todos. Em retrospecto, refletindo sobre a década de 1930, muitas pessoas se lembram da sensação de estar vivendo para o futuro e não pelo presente.

“Nós, o povo soviético, negávamos muitas coisas a nós mesmos. Dizíamos para nós mesmos: Hoje não temos coisas das quais realmente precisamos. Bem, e daí? Amanhã nós as teremos. Esse era o poder da crença na causa do Partido! Os jovens da minha geração eram felizes por acreditarem nisso.”

(*Sussurros*, de Orlando Figes)

Khrushchov, o sucessor do “Pai das Crianças”, do “Grande Pai da Pátria”, encarregou-se de despir o mito e trazer à luz do dia a verdade da era stalinista, em sua famosa “Fala Secreta”, no XX Congresso do Partido (1956). Em suas memórias ele analisa, exaustivamente a personalidade de Stalin: “Darei a Stalin crédito por uma coisa: ele não veio simplesmente com uma espada para conquistar os nossos pensamentos e os nossos corpos. Não. Ele mostrou a sua superior habilidade em subordinar e manipular pessoas — uma qualidade importante e necessária a um grande líder. Tudo tinha que ser visto à luz da sua personalidade muito complexa.” (*Caminhos da Eterna Rússia*, de Tite de Lamare)

A LIBERDADE

O marxismo é incompatível com o indivíduo. O fato real é que nenhum regime totalitário é compatível com a liberdade. Lênin e Marx anulam o indivíduo na sociedade, subordinando-o ao coletivo — é a eliminação da liberdade individual, é a eliminação do indivíduo pelo coletivo. Pode-se usar Marx e Lênin como o bêbado usa o poste — para apoio mas não para iluminação, citando Andrew Lang, escritor inglês da segunda metade do século XIX. O leninismo, ao tentar aplicar na vida política a filosofia marxista, criou um monstro burocrático. Todos esses monstros praticaram o assassinato em forma de terrorismo — desde o assassinato individual e as formas que beiram o genocídio — do assassinato de Trótski à fome na União Soviética nos anos 1930, que é um genocídio em nome da industrialização.

Apesar de todo esse terrorismo, o ser humano sobrevivente dessas sociedades conseguiu fazer coisas positivas. A União Soviética construiu uma indústria bélica que se contrapôs ao nazismo. O maoísmo conseguiu reunificar a China, apesar de todas as tragédias — o lado humano, que ainda existe nessas sociedades, gerou coisas positivas. Da experiência soviética no espaço, a mais interessante foi o seu aspecto humanístico, a capacidade do ser humano de sobreviver no isolamento cósmico. Das piores coisas, pode-se fazer coisas boas. É o lado humano. Os americanos estão usando a experiência soviética — como os primeiros a enviar homens e mulheres ao espaço e lá permanecer por longo tempo.

A visão do capitalismo como hoje é praticado nasce toda da esquerda. Nasce do pensamento de Marx, que via na propriedade privada a origem de todos os males. Quem tinha o capital, tinha a propriedade, o domínio da situação, e quem trabalhava para eles não tinha direitos — é o capitalista com a complexidade da sociedade. Propriedade privada era a máquina, capitais. Era uma visão de uma época. E com o raciocínio equivocados, Marx imaginou que, eliminando a propriedade privada, estaria liquidando com todos os males da humanidade. Como profeta errou profundamente. Dessa forma de raciocínio, surgiram o comunismo e o socialismo marxista-leninista, sendo que este último como forma intermediária no caminho da sociedade comunista. O oposto a tudo isso seria o capitalismo, uma sociedade baseada na exploração do trabalho, equivocadamente visto assim.

O que há é uma metafísica filosófica e outra ideológica — uma baseada no pensamento e outra na ação humana, isso é que é a verdade. A sociedade virou isso aí — ontem, vivíamos um outro momento: quando queríamos transportar usava-se o conhecimento e uma tecnologia totalmente mecânicos — havia uma produção material. Hoje, o que se vê, com a tecnologia digital, é que o pensamento, ao gerar conhecimento, passou a ser o mais importante e intensivo fator de produção, propiciando novas fontes de renda aos detentores de algoritmos para solução instantânea de problemas, formando, com isso, fortunas, às vezes imensas, pela aplicação de seus programas virtuais, inclusive para a publicidade e demais atividades produtivas que geram rendas colossais.

Vivemos um processo profundo e revolucionário de uma nova forma de produção que está gerando uma nova estrutura política e social, que ainda não sabemos qual seja. Lembre-se, que Marx se referiu a um germe que destruiria o capitalismo que ele tão bem descreveu. Hoje, parece que esse germe já está vivo e atuante, gerando uma nova sociedade em que a acumulação de conhecimento é a base da criação das novas riquezas, e não a acumulação pura e simples do capital. Vive-se a criação de um novo mundo.

A publicidade e a atividade produtiva têm como objetivo induzir ao consumo. E aí é que está o problema — é uma sociedade nova, que é puramente consumista: comunismo, capitalismo, consumismo. Toda a metafísica dos ismos é o consumismo que sustenta. Isso é que é o “x” da questão, que exigiria um novo sistema político e social que compensasse uma forte concentração de renda. Está havendo uma nova revolução na forma de comunicação tecnológica, com consequências sociológicas e políticas. Há uma

imensa concentração de renda — será que a economia digital vai igualar-se à também economia mineral baseada em petróleo, gás e pedras preciosas?

Quase todos os ismos caíram: fascismo, nazismo, comunismo, socialismo, marxismo, capitalismo. O que se impôs foi o consumismo, que ainda não se vê a ideologia do consumismo, no meio desse processo — tem uma parte da sociedade que se dedica a produção real, concreta. Hoje, temos uma produção real: carro, bicicleta. A produção virtual, que são os softwares baseados nos algoritmos de pensamento. A produção de automóveis não é mais uma grande empregadora de mão de obra. Na verdade, toda a indústria de transformação (industrialização) deixou de ser a grande empregadora de mão de obra.

Houve vantagens do Socialismo Real na União Soviética. Para que o desenvolvimento tecnológico ocorresse, foi preciso gerar recursos humanos por um eficiente sistema de ensino. Todos tiveram acesso a educação, apesar de praticarem uma pedagogia unificada. Os livros eram os mesmos em toda a União Soviética. Os autores dos livros tinham que escrever com uma mesma pedagogia. Estudava-se ciências exatas. Nos tempos soviéticos, tudo o que ocorria na sociedade tinha que ser aprovado pela cúpula do Partido — a ação da aplicação do marxismo-leninismo em conformidade com o pensamento partidário.

A inteligência era dirigida — a liberdade, administrada.

Forma moderna de socialismo — deixa o arbítrio da sociedade privada ao empreendedor que atua livremente, e o que regula o funcionamento da sociedade é o mercado. É preciso entender que o mercado não é algo perfeito, nem mágico e muito menos acabado. A forma moderna do socialismo não inclui o preceito da sociedade marxista-leninista que abole a propriedade porque vê nela a causa dos malefícios da sociedade. O estudante de universidade, na verdade, vai mais tarde beneficiar a sociedade. O objetivo é coletivo — a diferenciação não é o objetivo de vida. Não é uma educação diferenciada, não é para buscar a felicidade, é para fortificar o Estado. O objetivo do desenvolvimento tecnológico e acesso a educação era tornar o Estado Soviético mais forte do ponto de vista de defesa. O resultado real do ensino na União Soviética era peneirar talentos para beneficiar o Estado Coletivista. Não se coloca pessoas no espaço sem cabeças pensantes, inteligentes.

Kasparov, novo campeão mundial de xadrez, tornou-se popular logo que venceu o campeão anterior Karpov, que era um funcionário do Estado Soviético e trabalhava para fazer propaganda estatal, e não era popular. Kasparov reclamava da falta de direito de competir com outros jogadores de outros países, para ganhar dinheiro. O Partido não permitia. Ele não é um herói, é um produto de uma circunstância. Só nos tempos de Gorbachev ele pôde falar como se sentia.

O ser humano é o ser humano. Por mais que se queira coletivizar, não se consegue aniquilar o indivíduo que existe em cada ser humano. O que se quer mesmo é ser diferente, ser único. Nem os nossos escravos eram iguais entre si. Existe um princípio que não se fulaniza, é uma forma de convivência.

3 – Saúde era livre, coletiva, mas tinha distorções — a gripe do superior era mais importante do que a gripe do subordinado, em consequência, os médicos que tratavam os superiores eram melhores do que os que tratavam os subordinados. O acesso aos melhores tratamentos não era para todos, tanto que havia clínicas e hospitais reservados à alta cúpula do Poder. A história da Rússia é uma história da nomenclatura. No tempo dos czares, havia nomenclatura também. O indivíduo entrava nas listas criadas por Pedro, o Grande, que eram “aperfeiçoadas” no correr dos tempos. Listas que permitiam acesso. Primeiro: nobreza — muitos títulos de príncipes e princesas, barão, visconde, duque — depois, os funcionários servidores públicos, dava-se os títulos como uma concessão. A sociedade era quase todo escravagista — eram os servos com todos os “direitos” da servidão, inclusive “ a primeira noite, que era do dono”.

Lênin combateu uma sociedade desigual — não só do ponto de vista financeiro, mas social. Era sem mobilidade social, e uma sociedade moderna tem que ter mobilidade social. Lênin tinha sua pregação facilitada pela realidade da Rússia. A monarquia com o czarismo absolutista era uma forma de governo das mais atrasadas. O absolutismo era total, como viria a ser o socialismo soviético totalitário. A

primeira coisa que Lênin fez foi acabar com a propriedade em concessão, e daí advieram todas as consequências: desorganização da produção na fase inicial até a implantação à força do sistema coletivista — houve fome, falta de energia, sistema precário de transporte. Nunca houve propriedade privada na Rússia, nos dois impérios, czarista ou soviético.

Restou a implantação de uma nova sociedade à base do terrorismo — fechavam-se igrejas, executavam-se pessoas em massa. Formaram-se tribunais de três pessoas com direito de executar pena de morte. Essas três pessoas faziam parte do serviço secreto. Diluiu-se o poder para executar a ideologia do poder. Por isso a ideologia é contra a sociedade livre. Se a ideologia é única, a ausência de liberdade é inerente a essa sociedade (por exemplo, uma religião absolutista vai eliminar todas as demais religiões).

Contam que Lênin perguntou a três marinheiros por que tinham prendido um determinado homem. Um deles respondeu: “Porque ele é burguês.” Lênin insiste: “Por que ele é burguês?” O marinheiro responde: “Porque ele tem educação superior.” Lênin disse então a Máximo Gorki: “Prepare-se, daqui a pouco vão nos prender...”

Revolução Socialista de Outubro de 1917 — era preciso um espírito pragmático para realizá-la e Lênin foi esse espírito. Trótski também tinha esse espírito porque era um organizador e intelectual — Marx não era pragmático. Trótski denuncia os erros e os desmandos de Stalin, inclusive a matança dos marechais. Stalin mandou eliminá-lo, justamente por ele ser essa força contrária fundamental.

Stalin, como todos os grandes tiranos, consegue sobressair-se na guerra mundial — o grande papel dele foi durante a guerra. Ele soube não cometer o erro de Hitler, quando os alemães quase tomam Moscou, ele reduziu o seu papel de comando na Guerra e o confiou aos grandes marechais: Jukov e Tchiemotchenko e outros marechais (os grandes comandantes da Segunda Guerra Mundial, no front do Leste Europeu).

Na reunião em Yalta, no Mar Negro (a Guerra estava se aproximando do fim e traça-se a estratégia para a vitória), com Stalin, Churchill e Roosevelt delinea-se a divisão do mundo — derrotada a Alemanha Nazista, divide-se a Alemanha em dois Estados: Alemanha Ocidental, ocupada pelos Estados Unidos, Reino Unido e França, e Oriental, ocupada pela União Soviética. Vale registrar que Churchill e Roosevelt eram contra a divisão em duas Alemanhas, eles queriam a eliminação do Estado alemão. Stalin percebeu que essa posição seria contrária aos interesses soviéticos e propôs a divisão em duas partes — uma sob a influência Ocidental, isto é, dos Estados Unidos e do Reino Unido e a outra sob o domínio da União Soviética, vencedora no Leste Europeu. E assim fez-se.

Alemanha Ocidental e Oriental — O Partido Comunista Alemão passa a ser o detentor do poder político da Alemanha Oriental, sob o julgo soviético. Estima-se que 27 milhões de soviéticos morreram no curso da Segunda Guerra Mundial. A história da Rússia e da União Soviética é uma história de mortes. Morte pela Revolução, morte pela fome, morte pela Guerra, morte pela repressão stalinista. Esse total de mortes — dez milhões na revolução, 27 milhões na Guerra, 32 milhões de fome — morte pela repressão stalinista cobre tudo: antes da guerra, mais de 32 milhões (falta contabilizar os mortos pelas execuções da NKVD) e, durante a Segunda Guerra, 27 milhões.

A fome matou 32 milhões de pessoas antes da Segunda Guerra Mundial na União Soviética. Essa fome foi gerada principalmente pela industrialização forçada do 1º Plano Quinquenal de Desenvolvimento imposto por Stalin a partir de 1928, que obrigou o deslocamento em massa da população para os grandes centros industriais: Moscou, Leningrado, Kiev e Minsk. Hitler mata civis, militares e 6 milhões de judeus. Stalin mata todo mundo, não tem preconceito. O antissemitismo de Stalin era endêmico — ele matava judeu, não por ser judeu, matava-os como matava ciganos, loucos e todos que ele considerasse “inimigos da Revolução”, isto é, dele.

Stalin ampliou ao extremo o poder do cargo de Secretário-Geral do Partido Comunista em 1924, com a morte de Lênin, procurando tornar-se o Timoneiro da Revolução. À liderança de Trótski se opunha crescentemente a de Stalin e isso não podia acontecer. Vivia-se o após guerra de 1914-1918, a Europa

estava em reconstrução. Os Estados Unidos, que não haviam sofrido perdas físicas, assumiram o vácuo do poder e tomaram de forma crescente o papel de dirigente político e econômico do mundo. Nascia a era das superpotências. Os Estados Unidos, que não eram a potência militar e econômica de hoje, superaram a Grande Depressão, iniciada em 1929 e que se estendera até ser totalmente eliminada com a Segunda Guerra Mundial, e, aí sim, surgiu com sua plenitude de superpotência e que viria a se contrapor à superpotência militar da União Soviética.

Face à impossibilidade da vitória de uma das superpotências (ambas armadas nuclearmente até os dentes) surge um fenômeno novo nas relações internacionais — a Guerra Fria, com todos os ingredientes de uma guerra quente, em que, como se verá, a primeira vítima foi a verdade, abafada por propagandas nunca antes vistas na história da humanidade — eram os Estados Unidos mostrados pelos filmes de Hollywood e por sua imprensa e a União Soviética mostrada pela propaganda insidiosa do seu Partido Comunista, que detinha o poder totalitário da população, obediente até a morte, com a perda total de qualquer direito de manifestação de contrariedade com o regime, seja individual ou coletivamente, e o controle totalitário de todos os meios de comunicação.

Nesses tempos, Stalin criava, de forma forçada, a indústria pesada em um país rural, provocando a morte, por fome, de milhões de camponeses.

Com o fim da União Soviética, a política exterior dos Estados Unidos perde a direção, fica desorientada, torna-se necessário criar um novo inimigo — a derrubada das duas torres do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, forneceu a base para reorientação de sua política — o terrorismo praticado pelos fanáticos mulçumanos da Al-Qaeda dirigida por Bin Laden, antigo auxiliar da política exterior americana por ocasião da invasão soviética do Afeganistão, nos anos 1980. Esse terrorismo não apresenta a mesma coesão e clara dimensão que o seu antigo inimigo soviético mas ainda assim é útil, pois continua justificando o seu complexo industrial militar que já gerou a produção em massa de aviões sem piloto e, finalmente, serve para justificar o seu aparelho mundial de espionagem há muito existente e, agora, revelado pela mídia.

Nos tempos da Guerra Fria, assisti, em Moscou, aos belos espetáculos que os serviços de contrainformação da CIA, serviço de informação americano, atribuíam à KGB (serviço de informação da União Soviética) e toda a ação de espionagem detectável naquela capital e no mundo. É triste ver os defensores da liberdade no seu real papel de polícia do mundo. Viva a liberdade!

TRAGÉDIA À ESQUERDA E À DIREITA

Em 1970, já no Brasil, pude apreciar alguns fatos que bem refletem o ambiente político que aqui reinava. Designado pela empresa em que eu estava trabalhando, a Consultec, para manter contato com a Representação Comercial Soviética no Brasil, essa empresa achou por bem, para minha segurança, enviar carta ao SNI (Serviço Nacional de Informação) dando conta dessa minha atribuição.

Seria bom explicar que a calçada em frente àquela representação no Rio de Janeiro era a mais limpa da cidade, pois ali ficava estacionada o dia inteiro uma carrocinha da limpeza urbana com garis que obedeciam a turnos de trabalho. Na verdade, eram agentes secretos, “prestando seus serviços fundamentais para a Segurança Nacional”, livrando-nos do “perigo comunista” que nos ameaçava diuturnamente. Tudo era tão ridículo que alguns dos soviéticos que ali serviam já conheciam todos os “agentes”.

Esse mesmo espetáculo era oferecido na frente da Embaixada Soviética em Brasília. Só que lá, sendo a capital, a carrocinha de lixo fora substituída, não por uma carrocinha de chicabon, mas por um fusquinha azul-celeste com uma longa antena... Isso tudo parece risível mas, no prédio onde morei logo que cheguei ao Rio, em Copacabana, assisti ao sequestro de um vizinho com direito a saco na cabeça e diabo a quatro em um fusquinha também azul-celeste. Eis o mistério. Será que se tratava de um fusquinha quântico?

No mesmo dia, levaram o irmão gêmeo do sequestrado. Não sabiam quem era quem... Isso me lembra as ordens de prisões coletivas emitidas pela NKVD (Stalin), quando mandava recolher os Smirnov da Rua Tal e Tal para depois, à base da tortura, saber quem estavam procurando. A sorte é que eram só gêmeos e não trigêmeos...

Tratava-se dos filhos de um senhor judeu, muito agradável, a quem eu conhecia. Mesmo constrangido, fui falar com ele sobre o acontecido. E, ele me disse: “Eu já sofri disso no passado, antes de fugir da Alemanha Nazista.” Fiquei arrasado.

Passados dois meses, eles foram abandonados separadamente perto do porto do Rio de Janeiro, cada um em uma esquina, com a ordem de não olhar para trás por meia hora. Voltaram para casa e esclareceram que ficaram presos em um quartel em Barra Mansa, cada um em um lugar, onde não podiam se encontrar, já que não sabiam um da prisão do outro.

O fato é que foi uma prisão por engano, já que os rapazes eram incapazes de matar uma mosca, o máximo que fizeram, disse-me o pai depois, foi rasparem pernas de passarinho a canivete quando crianças... Acabaram encontrando o terceiro, que era parecido com os gêmeos.

Para se ter ideia do ambiente de violência policial e política que se vivia, soube por antigos colegas do Exército que um outro colega, já major, também tinha sido preso por engano. Outro caso, na mesma rua em que eu morava, em um prédio próximo, viviam um colega de trabalho com outro amigo também economista. Uma manhã bem cedo, antes das 7h, batem à minha porta, era meu colega de trabalho, assustadíssimo e me dizendo: “Levaram o Luís. Os agentes do Dops invadiram nosso apartamento, começaram a revistar tudo e prenderam-no e o levaram junto com uma mala.”

Essa mala tinha várias perucas louras que eram usadas por umas baianas amigas dos dois moradores... O amigo perguntou: “O que faço agora?” Respondi-lhe: “Vá embora, pegue o avião e suma do Brasil. O Luís vai ser torturado e vai acabar falando nomes para se livrar da tortura e certamente seu nome estará lá.” A verdade é que esse amigo nunca mais veio morar no Brasil. É estranho como um ato ou acontecimento inesperado pode mudar vidas inteiras. E o Luís foi solto, graças a intervenção do Mário Henrique Simonsen e do cardeal Dom Eugênio Salles, que a esquerda da época sempre identificou

como um homem de direita. Ele apenas não era comunista, nem socialista-marxista. Era apenas um homem que respeitava os direitos humanos, coisa que não tem e não teve vigência em nenhum Estado que adote o marxismo-leninismo, como Cuba.

Escrevi um texto para ser publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, tratava sobre a queda do poder de compra do salário-mínimo desde sua criação em 1940 até 1970. O correspondente desse jornal no Rio, que era meu amigo, devolveu-me o texto, que havia sido vetado para publicação. O pensador Tristão de Athayde, Alceu Amoroso Lima, aproveitou os dados, fez um outro artigo e publicou no *Jornal do Brasil*. Mais tarde, perguntei-lhe: “Como é que o senhor conseguiu publicar isso? Ele respondeu: “Eles acham que eu sou inofensivo, porque ninguém me lê... Só o senhor.”

A Consultec era um oásis em matéria de pensamento. O Brasil era um deserto de pensamento, não se podia expressar nem divulgar seu pensamento, mesmo nos locais de trabalho — era perigoso.

Na Embaixada em Moscou, de onde eu vim, alguns funcionários haviam sido removidos compulsoriamente para Brasília, e lá demitidos dos serviços após inquéritos policiais. Em todas as repartições públicas brasileiras reinava um agente de segurança que representava serviços de informação que podia ser do Governo Federal, do Exército, da Marinha, Aeronáutica, da Delegacia de Ordem Política e Social. Em suma, para quem ousasse pensar.

Vivia-se em um ambiente kafkaniano, inclusive em algumas empresas privadas. Os grandes jornais acolhiam em suas redações jornalistas de pensamento político situado à esquerda, um desses casos era o de Luís Bahia, que era articulista do *Jornal do Brasil* e era procurado pelo SNI. De certa feita, escondeu-se na casa do então diretor daquele jornal e foi para uma universidade americana, como residente. Tem uma outra história interessante com o Luís Bahia. Celso Souza e Silva era amigo de Golbery, criador do Serviço Nacional de Informações, que a essa época costumava visitá-lo em sua residência no Cosme Velho. Mal sabia ele que Bahia estava bem perto dele. Passados os anos, Golbery na casa de Celso, disse-lhe: “Você sabe que eu nunca consegui encontrar o Luís Bahia?” Celso, apontando o seu dedo, revelou-lhe: “Ele estava bem em cima de sua cabeça...”

Outra do Celso, só que dessa vez lá em Moscou, ocorreu quando o médico exilado Dr. Burza decidiu voltar ao Brasil, pois já havia sofrido três infartos e não queria morrer no exílio. Ele procurou-me, sabendo de minhas relações especiais com o Embaixador Souza e Silva, pediu-me que o consultasse sobre esse seu desejo. Falei com o embaixador, que reagiu de maneira imediata e ligou para o Chanceler Silveirinha, que não objetou. Celso tomou a resposta como positiva e iniciou suas providências. Primeiro: Expedir passaporte para Dr. Burza. Segundo: Conceder visto para sua mulher soviética. Sem consultas.

É preciso esclarecer que ambas as providências, de certa forma, contrariavam as instruções então vigentes, afinal, Dr. Burza era um exilado, membro do PCB, e sua mulher era uma soviética, que poderia representar risco para a Segurança Nacional. Celso organizou a partida do Dr. Burza de forma a dar publicidade de sua viagem para o Brasil, informando ao Itamaraty todos os dados, inclusive o voo de chegada, em correspondência ostensiva. Isso visava evitar sua prisão e, quem sabe, sua morte por algum serviço secreto, garantindo assim, a liberdade e a vida do Dr. Burza.

Com todas essas providências, o nosso simpático doutor, ao chegar não teve maiores dificuldades. Mais adiante, foi preso. Seu torturador iniciou o inquérito perguntando-lhe: “De onde você é, seu filho da puta?” “Eu sou de Caratinga, Minas Gerais”, disse-lhe Burza. “É a minha cidade”, disse-lhe o seu algoz. “Então vamos combinar o seguinte: eu vou fazer barulho, fazer a pergunta e você me responde, certo?” Certíssimo, pensou o nosso amigo.

Aí, ele gritava de lá a pergunta e Burza respondia o que o “torturador queria ouvir”, como, por exemplo, o que ele fazia em Moscou, e ele respondia que atendia brasileiros lá, inclusive alguns funcionários da embaixada. E assim, livraram-no da prisão e da morte. Não morreu nem da tortura e muito menos dos infartos que o fizeram retornar à pátria. Burza viria morrer anos depois, placidamente

em seu leito.

Celso recebia figuras da alta sociedade do Rio de Janeiro. Em uma dessas visitas, coincidiu com o 1º de Maio, que em Moscou é festejado com grandes brilhos. Desfiles militares, o diabo a quatro. Foram tomadas providências para que seus hóspedes fossem admitidos na Praça Vermelha, para assistirem àquela festa. A socialite convidada, “a grã-fina de nariz de cadáver”, como dizia Nelson Rodrigues, frente aos desfiles e manifestações, vira-se e diz: “Celso, veja o que fizeram com o marxismo-leninismo...”

Outro caso interessante, dessa vez, foi um visitante, o cabeça do casal, que entra assustado no gabinete do Celso e, na minha frente, diz-lhe: “Celso, eu não aguento mais. Eu me sinto seguido, assim não é possível. Estou com muito medo.”

Celso, com seu olhar sempre calmo, estende a mão, abre a gaveta de sua escrivaninha, tira os passaportes do casal e me dá instruções: “Obertal, como vê, a minha visita está sofrendo, está desesperada. Eu não posso ser responsável pela continuação dessa situação. Tome as providências para sua mais breve partida”, no que nosso visitante reagiu: “Espera aí, não é assim, Celso.” O embaixador, interrompendo-o diz: “Eu te hospedo, ponho à sua disposição o meu carro com o motorista e você está nessa situação, você poderá até morrer. Logo, você e sua mulher têm que partir para a minha tranquilidade.” E, assim, nosso casal socialite, embarcou naquele dia mesmo, com destino à decadente Paris... Onde viveram seguros para sempre.

Aliás, na nossa Chancelaria, certa ocasião, apareceu um soviético que, como todo russo, era louro, dizendo-se Pelé. Só foi embora quando eu lhe dei uma grande fotografia do verdadeiro Pelé. Era mais um “Napoleão de hospício”, como dizia Nelson Rodrigues, na sua versão soviética. A propósito, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em russo escreve-se abreviadamente CCCP, que quando estampado na camisa de seleção de futebol, era traduzido pelos brasileiros como “Camaradas, Cuidado Com Pelé”... Para ver que nosso futebol, mesmo nos tempos soviéticos, atravessava a “Cortina de Ferro”...

Devo muito da minha formação a quatro diplomatas brilhantes:

Roberto de Oliveira Campos

Além de iniciar-me em economia, como professor, ensinou-me a pensar uma questão sempre dentro de um contexto abrangente. Ele me ensinou, torno a dizer, que não há respostas simples para problemas complexos e, ao raciocinar, pousar o pensamento sobre fatos e não sobre hipóteses ou premissas discutíveis. Em suma, ensinou-me a pensar e mostrou-me em nossas conversas que o caminho do pensamento tem que ser cavado, marcado por quem está pensando. Não existe pensamento coletivo, não existe maria vai com as outras...

Miguel Osório de Almeida

Tão brilhante economista quanto Roberto Campos. Com uma diferença — Miguel dispunha de um raciocínio matemático. Gostava de criar algoritmos para explicar o crescimento econômico, o que só mais tarde viria a ser adotado na avaliação da economia brasileira. Ambos tinham uma cultura musical, literária, política e histórica que humilhava a qualquer um. Eles constituíam uma exceção nos quadros do Itamaraty e por isso sofriam as consequências advindas dessa excepcionalidade do saber.

Celso Antônio de Souza e Silva

Um dos mais brilhantes diplomatas da ala política do Itamaraty. O seu conhecimento nessa área calava a Roberto Campos e a Miguel Osório, pois ele era capaz de ver e perceber todas as veleidades do tabuleiro político nacional e internacional, destacando o que deveria ser destacado e omitindo tudo aquilo que deveria ser omitido.

Por ocasião da despedida de Celso, que iria assumir a delegação brasileira do Comitê de Desarmamento da ONU em Genebra, foi oferecido pelo Ministério de Negócios Estrangeiros almoço

com a presença do vice-ministro Alexeiev e, do lado brasileiro estavam Celso, com seu ministro conselheiro, e eu. Um almoço em *petit comité*. No correr das conversas, Alexeiev pergunta: “Embaixador, quais são as suas instruções para o comitê de desarmamento?” Celso olha para Alexeiev com seu olhar fugidio (o popular olhar de peixe morto) e responde: “Minhas instruções são minhas e do governo brasileiro. Não me cabe discuti-las com um representante de uma das superpotências, elas são secretas. Agora, a minha opinião sobre a política de desarmamento é minha e eu posso expressá-la, coisa que o senhor, caso a tenha, não pode, pois seu regime controla a sua possibilidade de expressar a sua opinião pessoal. Repito, na minha opinião que agora expresso, eu gostaria que as duas superpotências usassem seus arsenais e se destruíssem mutuamente.”

E aí, Alexeiev enfiou o popular rabo entre as pernas, agradeceu a resposta acompanhado de um sorriso e disse que esperava que o trabalho que Celso iria desenvolver em Genebra contribuísse para a redução de armamentos tanto da União Soviética quanto dos Estados Unidos e de outros países que pretendessem armar-se nuclearmente. O almoço terminou com despedidas realmente sinceras de parte a parte e quase beijos à moda russa...

Celso tornou-se meu mais frequente amigo e meus encontros praticamente semanais, em sua casa no Cosme Velho, permitiam-me exercitar e aprender as artes da amizade e do diálogo com base em raízes sólidas. Uma conversa com humor, mas sempre muito profunda. Foi um grande amigo e grande embaixador. Tínhamos alto nível de entendimento, eu era pessoa de total confiança dele, seu braço direito. Éramos francos.

Geraldo Egídio Holanda da Costa Cavalcanti

Devo ao Holanda, que conheci em Moscou, a importância de avaliar o caráter das pessoas e a importância do uso das palavras no sentido de construir textos compreensíveis ao leitor mesmo que esse leitor fosse, como dizia Holanda, o Ministro de Estado. Lembro-me da visita de Roberto Campos a Moscou, como Ministro do Planejamento do Presidente Castelo Branco. Como seu amigo, Campos perguntou a Holanda em que nível estava a sua carreira, e disse-lhe: “Vou tratar de sua promoção”, a que Holanda contrapôs: “Não estou lhe pedindo nada, e se eu for algum dia promovido, não vou agradecer a ninguém, pois sempre trabalhei corretamente e por razões de picuinhas da Casa não fui promovido até agora...” Roberto Campos não se importou com a aparente rispidez de sua fala e tratou de promovê-lo. Em seguida, Holanda foi ser o Chefe do Escritório do IBC em Nova York. Ele me ensinou a dar valor aos reais valores.

Chegou um momento em que acabei saindo da Consultec e fui para o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) em abril de 1974, não como aluno, mas como Assessor Internacional. Note-se que o Mobral recebeu o prêmio Unesco de alfabetização de adultos, graças a ele, temos a mais ilustre aluna, a Senadora Marina da Silva, quem sabe futura presidente.

Mais adiante, Miguel Osório ligou, em julho, dizendo-me que iria um novo embaixador para Moscou que queria contar com um economista especializado em União Soviética, algo raro naquela época, pois estudar assuntos soviéticos era “coisa de comunista”. Por acaso, estava indo a Brasília, pelo Mobral. Ao chegar, fui ao Itamaraty e lá, ao acertar as condições para aceitar o convite, inclusive quanto à remuneração pretendida, mostrou-se uma incompatibilidade entre os valores envolvidos com os critérios de remuneração: eu ganharia mais que um diplomata em início de carreira, o que não era permitido...

Fui ao Ministério da Fazenda para falar com meu amigo Mário Henrique, então ministro. Antes, para orientar-me, conversei com Dário Castro Alves, chefe do departamento de administração. Fiquei sabendo que, por tradição, o Itamaraty não pede aumento. Já no Gabinete do ministro Simonsen, expliquei-lhe o problema e ele ligou para o Dornelles, que retornou em seguida, informando que há três anos não havia aumento de vencimentos para o pessoal no exterior, inclusive diplomatas, mas a iniciativa não poderia

ser da Fazenda. Voltei ao Diário, que marcou reunião com o Estado-Maior, também envolvido por causa de seus adidos.

Em suma, após ajustes, foi concedido o aumento e lá fui eu para Moscou, onde seria acreditado Conselheiro-Econômico junto ao governo soviético, sob os protestos de Holanda Cavalcanti que, por conhecer Moscou, achava minha decisão uma loucura. Talvez ele tivesse razão... Eu iria acompanhar a queda do Império Soviético, cuja política informaria todo o século XX. Estabeleceram-se em 1917 e tombaria em 1990/1991.

Mas antes desse final, cheguei ao gabinete do ministro, apresentei meu cartão para sua secretária. Na antessala, cheia de gente, estava um antigo professor, que não me reconheceu e não me deu a menor bola. Mário Henrique abre a porta: “Obertal, entra!” Quando saí, o professor já era um íntimo amigo meu...

Cheguei em Moscou, seria vinculado diretamente ao embaixador, já sabia como funcionaria para alcançar o que queria e fui tratar da compra de equipamentos para a Hidrelétrica de Sobradinho, no rio São Francisco. Eram turbinas e geradores de eletricidade. Aí, tinham que se criar condições de financiamento e pagamento. Começamos a tratar disso, Celso e eu, logo na primeira semana. O resultado disso foi que pela primeira vez o Brasil vendeu produtos manufaturados, inclusive calçados, para a União Soviética.

A União Soviética vendia o Brasil para o seu povo como um país do terceiro mundo, mesmo que alguns soviéticos conhecessem a realidade brasileira e soubessem que o Brasil já tinha setores industriais em níveis de desenvolvimento superiores aos da economia soviética. Para se ter ideia, eles produziam setecentos milhões de pares de calçados de péssima qualidade, nenhum soviético da alta hierarquia usava tais produtos, inclusive papel higiênico, produto que o povo, quando o via à venda, formava filas enormes, e as pessoas saíam carregadas com grandes pacotes pelas ruas e vielas moscovitas...

Não havia suficiência nem de agulhas para máquinas de costura, coisa que, mais tarde, viria a vender para lá, mas note: esses não eram os problemas soviéticos. Naquele 1974, quando cheguei, o problema era o de sempre, a falta de liberdade, desde a liberdade individual até a de criação, desde a música a ser tocada num restaurante até aquela a ser composta e executada nas salas de concerto, desde a pesquisa científica até a criação de tecnologia. Os cientistas eram 100% empregados do setor de defesa, isto quer dizer, voltavam a ser servos da gleba (“servos da terra ou da atividade”).

Quando cheguei, sabia muito bem em que mundo eu estava mergulhando. Era um mundo habitado, em sua maior parte, por camaleões ou polvos, isto é, se errasse no disfarce, corria o risco de ser devorado ou arpoado... Você tinha que saber lidar com aquele mundo. Era um mundo de enganos.

Foi a minha melhor época. Eu tinha muita liberdade para sugerir coisas e torná-las operacionais, por isso é que eu era diferente na embaixada. Celso, além de inteligente, era capaz de mostrar iniciativas à mais alta hierarquia do Brasil. Falava com o presidente com a maior tranquilidade e, como disse anteriormente, eu era pessoa de total confiança dele, seu braço direito, e me dava carta branca para agir.

Certa vez, tivemos um problema sério. Foi um despacho da Agência soviética de notícias Tass. Houve um discurso de Brejnev que se referiu à morte de um terço dos comunistas membros do Comitê Central do PCB. Eles publicaram na Agência, isso foi parar na imprensa de Moscou (tanto o jornal *Pravda* quanto o *Izvéstia* publicaram) e essa notícia foi mandada para o Brasil. E o Celso aprovou a minuta. Resultado: O Brasil apresenta um protesto junto ao governo soviético, através de uma nota, refutando a notícia.

O governo soviético queria devolver a nota, que poderia resultar na retirada do embaixador. Um esclarecimento se impunha e não perdi tempo — fui resolver, através de amigos jornalistas soviéticos que apelaram para a única solução possível — promover meu encontro no Partido e, depois de muita conversa, enchendo linguíça, consegui mudar o tom da prosa.

Os soviéticos argumentaram que o Congresso do Partido Soviético era um assunto interno do Partido e não do Governo Soviético e que, portanto, a nota não cabia porque não tinha nada a ver com o governo. Logo, a nota era imprópria. Expliquei a verdade, isto é, que a nota passara sem querer. Percebi que o argumento agradou. A coisa nascera sem nenhuma elaboração prévia — são frases que adquirem vida própria e desarmam. Se bem entendi, o que se queria de ambos os lados era o fim do mal-entendido, ou melhor dizendo, do impasse. E assim foi correndo o tempo, deixamos agendado um próximo encontro.

O *happy end* dessa história foi combinado em um coquetel em que compareci representando o Embaixador Celso Souza e Silva. Fiquei sabendo que em um memorando (papel sem marcas oficiais) estaria descrita de forma circunstancial o ocorrido e a parte soviética verbalmente declararia que a nota era improcedente, não se falaria em sua devolução. No dia seguinte, fomos ao Ministério de Negócios Estrangeiros da União Soviética e tudo se passou como combinado. Apaziguados os ânimos e, antes que alguém fizesse qualquer objeção, Celso se levanta e esquece o memorando em cima da mesa. Ficou-se assim o popular “dito pelo não dito” e salvaram-se as relações entre Brasil e União Soviética e principalmente o posto de Celso em Moscou...

Era assim que a coisa funcionava: a ocultação de pequenas coisas levava a pequenas mentiras e então, à ocultação de coisas maiores, que levavam a grandes mentiras. Toda a minha vida, cada passo do caminho foi construído na honestidade e na verdade diplomáticas. Pilares das minhas convicções. Me sentia um equilibrista começando a tremer e pisando em falso, um verdadeiro violinista no telhado... Nunca me imaginei como um negociador e eu sabia que era um caminho sem volta. Com o tempo, modéstia à parte, escrevia textos sucintos, abalizados, com frases bem colocadas. Um bom trabalho de informação que seria gradativo e baseado numa espécie de camaradagem...

MARXISMO À LA RUSSA

A União Soviética era um mundo de regras especiais e havia um estágio de corrupção que atingia toda sociedade. Em todos os organismos havia uma forma de corrupção: médicos de órgãos públicos cobravam para fazer uma operação, e note que tinham um sistema de saúde razoável. Saúde era livre, coletiva. Mas tinha distorções. Acesso aos melhores tratamentos não era para todos — havia clínicas e hospitais reservados a alta cúpula do Poder (Partido Comunista era um disfarce da máquina burocrática). Corrupção lá era de Poder, não era de dinheiro. Você podia ser Primeiro Secretário eleito do Partido, que você comprava com promessa. Era quase uma tradição na União Soviética.

Gogol, escritor russo, em seus livros trata sobre isso. Nos séculos XVIII e XIX, havia uma série de cargos públicos não remunerados, porque supunha-se que o funcionário resolveria seus problemas financeiros particularmente. Administrar um restaurante resultava em poder. O porteiro tinha poder de vetar a entrada, mas bastavam três rublos e os lugares eram cedidos, mesmo que o salão estivesse totalmente vazio. Quem permitia entrar no restaurante podia facilitar contatos convenientes e daí nascia um favor prestado, que em russo (pa blatu) implica uma dívida a ser paga no futuro por outro favor maior ainda, e assim seguia a vida soviética em todos os níveis da atividade da sociedade. Nos hotéis, o procedimento era o mesmo. Para se conseguir alguma coisa diferente, falava-se com a pessoa que cuidava do andar e dava-se 3 rublos. Gogol era um sábio.

Comunismo nunca existiu na União Soviética. Existia o regime totalitário que era exercido por uma burocracia, com suas trocas de favores. Para penetrar essa burocracia ou passar a pertencer a ela, nos cargos no Partido fica-se mais oculto, já nos do governo, fica-se mais exposto. O terceiro escalão pode ter tanta força quanto os chefes. O Poder Soviético funciona assim, e mais os parentes sem escrúpulos... É fácil entender: no poder legislativo os porteiros é que atestam a presença dos eleitores... e daí...

Pode-se entrever no comportamento geral da mulher soviética esse mesmo uso de poder, só que o de sedução — quando possível... Nos tempos soviéticos um casamento com um estrangeiro do mundo não — socialista representava uma porta para a liberdade e para o acesso ao consumo. Hoje, na nova Rússia, basta casar-se com um milionário ou bilionário, de preferência... Se for estrangeiro é uma glória...

É preciso entender, antes de mais nada, que o mundo russo e o mundo russo-soviético constituem faces da mesma moeda, em que a liberdade é objeto de administração governamental. O mundo russo é um mundo à parte, ele tem um comportamento social específico, sempre houve uma ordenação formal. Nos tempos dos czares, existiam as listas de acesso social; nos tempos soviéticos, as listas hierarquizadas dos membros do Partido. No topo da lista figuravam os membros do Comitê Central do Partido, em torno de 500 nomes de um total de cerca de 20 milhões de membros.

A estrutura de Poder Totalitário gera uma distorção que deriva do imobilismo do próprio sistema, que para permitir alguma funcionalidade permite surgir um tipo de agente que torna operacional o gerenciamento das decisões contidas no plano econômico gerado pelos organismos estatais. É um agente criminoso face à legislação soviética, porém extremamente útil para fazer funcionar a máquina tanto administrativa quanto econômica. Esse tipo de agente se associa aos interesses de órgãos do governo e aos interesses pessoais de seus representantes. Daí dizer-se no Ocidente que se trata de uma ação de mafiosos, mesmo que os ganhos desses agentes sejam ridículos quando comparados com os ganhos das máfias formadas nos países ocidentais.

O ganho vai desde furar a fila de aquisição de automóveis, receber dois apartamentos, um do lado do outro, o que permitia um maior do que dos outros, “cidadãos normais”, até uma área de terreno para construir uma datcha apetrechada com importados tipo geladeira, fogão, liquidificador etc.

Resultado: essa economia subterrânea tornou-se parte integrante do sistema soviético, construída dentro dele e elemento permanente da sociedade soviética. Ela engloba tudo, desde os pequenos subornos, o mercado negro, o roubo por atacado de produtos de varejo ao Estado, a fabricação de fundo de quintal até a operação completa tipo máfia profissional.

A primeira coisa para se lidar com o russo é gostar da Rússia. O russo é múltiplo. Como gostar da Rússia? A Rússia é um mistério. Seria uma forma idealizada. Russo canta, dança, é um povo alegre, hospitaleiro. São orgulhosos de serem russos. Não perdem as guerras. A Rússia é inexpugnável, inconquistável. É um povo forte, guerreiro. Cabeça de russo é fatalista. Aqui é assim: “Y nac tak.” Ou tudo ou nada: “Ili... Ili.”

Os russos sempre encararam a morte com fatalismo e resignação. Fosse pela religiosidade, pelas guerras e perseguições que sofreram, eles sempre aceitaram a ideia de que, mais do que serem curados ou tratados, seria melhor encarar de frente a morte como obra da vontade de Deus ou do destino.

O certo é que a maneira de beber dos russos revela uma enorme atração pelas coisas feitas com exagero. O russo se abandona à vodca como quem se entrega a uma grande paixão ou à necessidade de se sentir anestesiado. A intensidade e o gosto pelos extremos são características do temperamento emocional e romântico dos russos, retratado por seus escritores do século XIX, sobretudo Dostoiévski. A atração pelos antagonismos: o bem e o mal, a beleza e a feiura, a vida e a morte, o crime e o castigo fez dos romances russos verdadeiras joias da literatura universal.

Já a mulher russa tem uma frustração, como a finlandesa, a sueca. É o homem. O problema é a bebedeira. Não é todo mundo. A questão insolúvel é a bebida. Bebem assustadoramente. Antes, dizia-se que era a falta de perspectiva, por causa do regime. Tudo era o regime. Hoje, se vê que não. As mulheres não querem ter filhos. Na Rússia não há imigrantes. Quando você vai para um lugar com um emprego já montado é uma coisa. As mulheres são independentes em todos os sentidos, inclusive as casadas, o comportamento é o mesmo. O casamento costuma ser aberto na Rússia. Com as supermodelos bonitas russas veio a valorização da beleza. Elas só se casam com sujeitos que têm dinheiro — são materialistas. Os russos, quando vêm ao Brasil, quase sempre compram joias em dose dupla — compram para a mulher dele e para a amante... Esse é um comportamento usual.

No tempo do regime totalitário, uma das metas era casar com um estrangeiro e sair da União Soviética, era a oportunidade para ganhar um vestido, qualquer coisa que viesse de fora. Mas, hoje, continua a mesma moral. Corrupção é a mesma coisa em todo mundo. Quem se tornou rico lá, tornou-se legal — os emergentes se reuniram e resolveram: “Vamos parar de ser gângsteres, de nos matar...!” Os russos importam coisas e fazem dinheiro com isso. O russo é uma grife ambulante... eles se vestem de grife. Corrupção na União Soviética era por poder, agora é por poder e dinheiro. Viva o capitalismo!

É um povo obstinado — resolvia fazer uma coisa e fazia. Gostar de jazz e música americana era considerado um gosto burguês, logo, proibido se, conseguia-se um disco estrangeiro, usava-se chapas usadas de raio x para gravações — “samisdat” — piratas.

Povo mais para a corrupção, uma cultura de influência judaica coexistindo com um certo antissemitismo, um certo racismo (nos tempos dos czares, as capitais eram fechadas para os judeus), religião cristã pan-eslava. A liberdade de imprensa continua administrada, mas não sentem tanta falta não; só a intelectualidade sente falta da liberdade, como sempre. O resto não sente, já que não há manifestação popular. Podem até “partir para a briga” quando aparece um grupo contrário — há grupos neonazistas em São Petersburgo, com o lado pior do ser humano: o racismo, o repúdio ao estrangeiro.

O russo é um povo religioso dentro do conceito russo — é uma religião de forma: cantam nas igrejas, na verdade, são místicos. O canto na Rússia é tudo — música na Rússia corre no sangue. A própria religião foi escolhida por seus cânticos e forma. O povo vai ao teatro, ao balé. Na época da União Soviética, o povão comprava os bilhetes através dos sindicatos ou “po-platu”, por troca de favores.

A mulher russa pode ser muito bonita quando jovem, mas envelhece mal. Nos tempos soviéticos, não havia uma preocupação com a estética. E depois, tem a roupa de inverno — quando menos se espera, engordou-se muito. Tanto a mulher russa quanto a soviética mostram-se interesseiras, querem casar com estrangeiros, porque poderiam ir para o exterior e conseqüentemente ficarem livres. Mas registravam o casamento no consulado e aí, podiam viver livremente. Afinal, era uma conveniência, onde a fidelidade não tinha lugar.

Na Rússia, falta criança. A única vantagem da Universidade Lumumba é que havia muitos africanos e, em consequência, as mulheres soviéticas passaram a gerar muitas crianças “em maior número do que comunistas”, que era o objetivo teórico. Percebia-se na paisagem humana de Moscou a presença da cooperação soviética com os países africanos... Uma vez, encontrei uma caixa de uma loja — uma bonita moça mulata em Moscou. Isso era raro. Acontece que muitas casavam e iam para a África, não se adaptavam e voltavam para a União Soviética com filhos. Na URSS vivem muitas etnias, a África ampliou sua cooperação, pois o maior poeta e criador da literatura foi Serguei Pushkin, de origem etíope. Outra cooperação marcante foi a resultante da invasão de Gengis Khan, na Sibéria, as maçãs do rosto são salientes, os olhos mais oblíquos, quase umas orientais louras. São livres, simpáticas, gostam de dançar, beber, mas, menos que os homens. Têm no máximo dois filhos. A matriochka, a típica bonequinha russa que vem encaixada uma na outra em ordem decrescente, transformou-se no mais autêntico símbolo de continuidade de seu povo.

Já os embaixadores eram levados a caçar ursos e cervos. Mas, a verdade é que ficavam caçadores profissionais atrás de cada um. Era um circo, um teatro, os embaixadores “vestidos de caçadores”.

Quando Brejnev ia caçar, eles faziam isso também. As altas hierarquias do Partido tinham o privilégio de ter um caçador para evitar o sofrimento dos animais. E se usavam sempre ursos velhos... e depois, tiravam fotografias ao lado das suas caças. Os cervos (veados grandes) são fortes e característicos do inverno. Os únicos animais que conseguem se alimentar durante o inverno são os cervos. Eles cavam a neve e chegam até o vegetal e, com isso, eles se alimentam.

Os ursos não. No inverno hibernam. Eles entram nas florestas e fazem cabanas de galhos de pinheiro e ali deitam. Aí, dormem o inverno inteiro. Os galhos ficam sobre eles, que ficam quietos, dormindo. Como conseguem? É simples — eles absorvem toda gordura de todo alimento que eles comeram durante o verão e outono. Vale notar que o urso branco, ao contrário dos outros ursos, só come no inverno, onde podem caçar seu alimento à beira do gelo. Comem peixes, focas, tudo o que encontram no mar.

Curiosidades — não havia papel higiênico. Era um produto raro. O regime era opressor para todo mundo. Não só para o povo. Tinha sistema educacional. Toda medicina era grátis e todo sistema de saúde era grátis. Todo transporte era muito barato. Os aviões internos eram baratíssimos.

O metrô moscovita merece um destaque especial. Além da sua eficiência, sempre pontual, passa a cada minuto e meio e é responsável pelo transporte diário de mais de nove milhões de passageiros. As estações são verdadeiras galerias de arte. O metrô nasceu como uma peça de merchandising do Regime Soviético. Era a síntese da propaganda com suas esculturas, seus lustres suntuosos, seus mármore e granitos — arte de uma época, com seu traço característico do realismo-socialista. Todas as esculturas de mulheres e homens refletem o projeto do homem soviético, então em formação e nunca concluído. Não se deve passar por Moscou sem visitar algumas estações como: Ploschad Revolutsii, Kiev, Park Pobedy, para citar algumas.

Moradia era quase de graça — os apartamentos eram pequenos, de duas peças, em geral. O soviético e o russo, normalmente, não têm o conceito de peças separadas — tudo é quarto... O russo dorme na sala também. O aquecimento era muito bom para todos. Era um serviço realmente de utilidade pública. Aproveitavam as termelétricas e faziam um sistema coletivo de aquecimento dos apartamentos, usando o vapor que já havia circulado pelas turbinas.

Aliás, a temperatura varia entre mais trinta e menos trinta graus, a distância geográfica entre Rio e

Moscou é de 11.542 quilômetros e o fuso horário gira em torno de cinco a sete horas. Essas distâncias são fáceis de medir. O difícil é medir e entender as demais distâncias — culturais, históricas, psicológicas, costumes, língua e a alma.

A imprensa era estatal, a televisão, o rádio, toda mídia. Não existia liberdade de imprensa. No Usbesquistão Soviético, o Secretário do Partido Comunista mantinha uma prisão particular. Eram poços cavados no deserto com uma tampa de grade. Lá se encerravam seus inimigos, por ele condenados, para uma quarentena. Todos os remanescentes dessas “quarentenas” corrigiram-se, já outros, sumiam...

O russo canta, dança em praças públicas. Na Praça Vermelha, no fim do ano, manifestavam-se cantando.

No interior, os camponeses construía galpões onde se reuniam para cantar, que eram chamados de salas de canto ou vokzal (em russo). Vok — de vokalini, vocal em português e zal — sala. Com a expansão das ferrovias, surgiram nas aldeias estações ferroviárias cujas formas lembravam as vokzal, daí, o uso dessa palavra até hoje para designar a gare ferroviária.

Os bares funcionavam até onze e meia da noite. Bebem muito — vodca, conhaque, champanhe. Comida — batata, repolho (chucrute), linguiça, salsicha. Sorvete muito bom. Só chocolate e creme. Mas, muito, muito bom mesmo... Religião — cristã ortodoxa russa. Ícones vêm da ortodoxia grega. Os santos só podem ser representados por ícones. A imagem pintada não pode ser esculpida. A Igreja era uma só. Até que houve uma dissidência, um primeiro cisma em 1054. A base da Igreja russa foi a grega. Se tornaram cristãos em oitocentos e oitenta e poucos. Tinham hábito de ir à missa aos domingos, frequentados por pessoas mais velhas.

Um jornalista brasileiro, ao visitar o Patriarca, referiu-se ao fato de que as pessoas que frequentavam as igrejas eram idosas; o Patriarca observou que há centenas de anos os velhos vão à igreja e há mais de mil anos a frequentam... Lá se diz Panslavismo (de todos os slavos). Igreja Panslava é a Igreja russa que aqui no Ocidente chamam de Ortodoxa.

Desde os tempos de Stalin quem se revoltava era dissidente — eles matavam, prendiam, internavam nos hospícios, não necessariamente nessa ordem... Sempre foi proibido ser contra o regime e quem era contra, já sabia as consequências.

Nos anos 1950, a democracia não era um valor no mundo. Nos Estados Unidos havia perseguição aos comunistas. Havia o macartismo, em que cidadãos que expressassem quaisquer preocupações com problemas sociais eram taxados de comunistas, como a ala radical do Partido Republicano, até hoje, taxa o Presidente Obama.

Nos tempos de Brejnev dissidentes continuavam indo para os campos de concentração ou para manicômios. Em Moscou, o Hospital Psiquiátrico nº 5 era o preferido pelos ideólogos do Partido Comunista para recolher seus “loucos”. Vale destacar que tudo no regime tinha uma lógica: se o sistema soviético era cientificamente superior ao capitalismo, uma pessoa inteligente que fosse contra a essa posição científica só poderia estar “louca”. Às vezes, o sujeito ficava um, dois, três, quatro, cinco anos... ou a vida toda.

Um conhecido meu, que lá ficou por um ano, teve sorte e me disse: “A vantagem é que parei de beber. Só tomava chá... Por isso, sou agradecido ao Partido Comunista e ao Estado Soviético...”

Nas ciências eram muito competentes. Balé era muito barato — através dos sindicatos se comprava ingressos. Poucas entradas, afinal o Bolshoi só tem 2 mil lugares...

A falta de liberdade faz com que você não possa demonstrar seu pensamento — o resto, é consequência. Se o regime era tão bom, por que se queria acabar com o regime? Porque não havia liberdade. Não podiam viajar. As famílias não podiam viajar completas.

Os agentes da KGB ficavam controlando o tempo todo, e o bailarino dizia que era uma idiotice esse controle.

Cheguei à conclusão de que não havia censura na União Soviética. Ninguém ousaria escrever um

texto impróprio. Houve um caso de um sujeito na Ásia Central, que aproveitou que a redação andava meio negligente e escreveu um texto que atingia a um membro do alto escalão do Partido local. Foi preso e nunca mais se soube dele. Para ver como o povo se adaptava ao regime...

MÉNAGE À TROIS, SNI, CIA E KGB

No início de 1980, houve uma Conferência de Política no Rio de Janeiro e a União Soviética estava enviando seus delegados em alto número. A cada dia, chegava nova lista dos candidatos a vistos. O número de solicitações de vistos concedidos já ultrapassava sessenta, o que causou preocupação à nossa embaixada. Foram, então, tomadas as providências, com o envio de telegrama lembrando esse fato e argumentando que tal evento com livre discussão política não poderia, presumia-se, ter lugar na União Soviética. Em resposta, despacho telegráfico do Ministério brasileiro recomendava ao chefe da missão pesquisar o seu arquivo, que o informaria do fato de que a sede da última Conferência de Política havia sido em Moscou. E a frase final: continue a conceder vistos.

Passado o evento, soube-se que um dos delegados soviéticos do Azerbaijão havia sido encontrado morto nu dentro de uma manilha. Na verdade, esse “delegado” havia sido levado para Frankfurt, centro de triagem da CIA. E de lá, partiu para os Estados Unidos, pois tratava-se de um cientista especializado em venenos, oficialmente de cobras, mas que bem poderia o ser em armas biológicas. O cadáver encontrado desapareceu e nunca foi reclamado, pobrezinho...

Ele havia sido identificado por uma “senhorita airosa”, brasileira, que também nunca mais foi incomodada. Para verificar a veracidade das informações que haviam sido divulgadas discretamente por uma revista brasileira (*Revista de História da Biblioteca Nacional*), conversei, em Moscou, com um correspondente de um importante jornal norte-americano, que surpreso, aconselhou-me a esquecer aquele assunto, já que tal matéria não poderia ser objeto de seu trabalho.

Ele deveria ter uma importância que nós não tínhamos conhecimento. Certamente, os órgãos secretos científicos e militares dos Estados Unidos é que tinham interesse nesse especialista, que poderia ser sobre armas biológicas e que também, poderia informar sobre o estágio em que estavam as armas biológicas na União Soviética.

Dado como morto, recebe outro nome, ficha forjada, passa a ter uma vida de mentiras, intrigas, enganos... A história está incompleta, não faz sentido.

Esse corpo, só reconhecido pela jovem “airosa”, entrou para disfarçar e para desviar a atenção do fato real, que era a fuga consentida do cientista. Era mais um “desertor do paraíso criado por Stalin”... Quando se tenta controlar de forma totalitária a população, dá nisso. A KGB falhou, deixou escapar uma pessoa dentro de uma operação armada. Eles não perceberam que essa operação estava sendo feita para tirá-lo de lá. Obviamente, quem pode assegurar que não se tratava de uma operação armada pela KGB para implantar um agente dentro do sistema, dos mais sensíveis, da produção armamentista americana.

Quanto mais se investigam casos de espionagem no Brasil, maior fica o quebra-cabeça dos serviços secretos. Tempos depois, parte desse mistério seria desvendado — a história é a seguinte: o soviético Servim Gueraibekov desembarcou no Rio de Janeiro com mais 48 contrerrâneos em agosto de 1982. Todos teriam vindo para participar do 12º Congresso da Associação Internacional de Ciência Política. Mas Gueraibekov acabou rendendo grande repercussão na imprensa da época. O motivo era simples: ele desapareceu. E quanto mais se investigava seu paradeiro e sua vida, mais páginas ele ganhava no noticiário.

O Instituto Médico-Legal suspeitou que um corpo encontrado dentro de uma manilha de amianto na Zona Oeste do Rio pudesse ser do soviético. Paralelamente a esta versão, havia rumores de que ele estivesse no Consulado dos Estados Unidos, onde teria pedido asilo. O episódio foi suficiente para a mídia tentar ligar os pontos entre o serviço secreto dos Estados Unidos e o da União Soviética: “No Rio, some um cidadão soviético, aparece um cadáver mutilado, e as faces da CIA e da KGB despontam nos

bastidores de uma trama de espionagem.” Mas a mesma imprensa desmentiu, duas semanas depois, a ligação do soviético com o corpo encontrado, numa nota em que afirmava que, quando o cadáver apareceu, Gueraibekov já estava na Alemanha Ocidental: “Tanto os americanos quanto os brasileiros sabiam disso, mas alimentaram a história para esfumçar a verdadeira trama.” E assim, como um fugitivo da União Soviética, Gueraibekov foi esquecido pela imprensa brasileira.

Foi preciso que se passassem quase trinta anos para alguém, no caso, eu, Obertal Mantovanelli Netto, que trabalhava na Embaixada brasileira na União Soviética na época, e acompanhava os bastidores da diplomacia, lembrasse o episódio: “Ele sabia tudo de veneno, seus conhecimentos eram importantíssimos para a chamada bioguerra.”

Naquela ocasião, chegou-se a apurar que o soviético era graduado em Filosofia e História e que trabalhava na Academia de Ciências de Baku, no Azerbaijão — ele não era advogado, como tinha declarado na ficha do hotel em que se hospedou, mas não se deu conta de que seus conhecimentos científicos poderiam ser ameaçadores no período da Guerra Fria. Ou, quem sabe, tratava-se de um jogo soviético para plantar mais um de seus agentes nos Estados Unidos, como sugerido anteriormente. A rápida passagem de Gueraibekov pelo Brasil demonstra como o país esteve na rota desses personagens clandestinos que deixaram lacunas em alguns episódios.

As interrogações que rondam a história da espionagem não são apenas coisas do passado. O serviço secreto que temos hoje, a Agência Brasileira de Inteligência (Abin), tranca suas informações a sete chaves. Seu objetivo, como em todo serviço de inteligência, é mapear possíveis ameaças à integridade do país e identificar oportunidades de fortalecimento. Para isso, é preciso preservar os chamados “conhecimentos sensíveis”, ou seja, os que podem ser estratégicos para a segurança do Estado.

Assim como hoje não se sabe exatamente quais são esses conhecimentos mapeados pela Abin, durante o Estado Novo havia muito sigilo rondando o país. Um caso que ganhou popularidade recentemente foi o do espião Johann Heinrich Amadeus de Graaf (1894-1980), o Johnny. Nascido na Alemanha, ele fingia ser agente do serviço secreto soviético e colaborava com os ingleses. Sua biografia ganhou um capítulo sobre o Brasil, onde ele teve que executar uma missão: ajudar Luiz Carlos Prestes a preparar uma revolução comunista. Mas Johnny, como bom espião duplo, passava as estratégias traçadas por Prestes para o serviço secreto britânico (MI-6), que, por sua vez, as transmitia ao ministro do Exterior brasileiro, Oswaldo Aranha. As informações eram entregues pelo Itamaraty ao presidente Getúlio Vargas e ao chefe da Polícia Civil e diretor da Delegacia Especial de Segurança Política e Social (Desps). Assim, o governo ficou sabendo das intenções da rebelião e o quanto seus participantes estavam preparados para o embate — muito pouco, segundo Johnny. O resultado foi o fracassado Levante Comunista ou a Intentona de 1935, no Rio de Janeiro.

Mas, a novela da espionagem estava apenas começando. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), outros capítulos intrigantes entrariam em cena. Só em 1941, o Abweher — serviço secreto do Exército alemão — tinha dez células no Brasil, e cada uma delas contava, no mínimo, com dez pessoas envolvidas. Os estrangeiros buscavam informações sobre as movimentações dos países aliados — Estados Unidos, União Soviética e Inglaterra — no Brasil, como rotas de navios e a capacidade militar brasileira. Em 1942, policiais paulistas desmantelaram uma célula do Partido Nazista no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro. Entre a papelada encontrada estavam as coordenadas de viagem do navio britânico *QueenMary*, que havia partido do porto do Rio com oito mil soldados canadenses. Os dados já haviam chegado à Alemanha, mas os policiais conseguiram alertar a Embaixada da Inglaterra. O navio, então, mudou de curso antes do ataque alemão e chegou à Austrália, escapando de ser afundado por submarinos nazistas.

Apesar da disponibilidade de dados oficiais hoje em dia, pesquisar este assunto é uma tarefa complexa. Sempre foi um assunto secreto e, por isso, algumas vezes os documentos não estão disponíveis ou são de difícil acesso. Porém, o maior problema é mesmo a aura que cerca o tema. Pessoas que se

envolveram com o nazismo não falam sobre isso. Não falaram nunca e já morreram, levando todas essas histórias.

Não falaram, mas deixaram algumas pistas. Muitos imigrantes que já moravam no Brasil colaboraram com o serviço de espionagem da Alemanha de Adolf Hitler. No início da Segunda Guerra, o Brasil tinha uma comunidade alemã de quase 900 mil pessoas. Provavelmente, algumas delas seriam usadas para transmissões radiotelegráficas clandestinas, facilitando aos nazistas a obtenção de dados sobre os países aliados.

Nessa época, espionar não era uma empreitada que pudesse dispor das armas de uma produção cinematográfica, como os filmes do agente 007, imortalizado pelo ator Sean Connery. Alguns imigrantes foram à Alemanha para serem treinados. O que tinha de melhor eram os rádios para transmissão de dados, mas esses equipamentos eram grandes e só operados por técnicos experientes. De resto, transmitiam todo tipo de código das formas mais rotineiras, no meio das mensagens cotidianas. Recentemente, o historiador inglês Keith Jeffery revelou que Walter Kirke, representante do serviço secreto militar britânico na França, desenvolvera uma técnica para usar esperma como tinta.

Uma grande diferença entre o famoso espião da ficção e os da vida real está na sua apresentação. Depois de desvendar algum mistério, o personagem comete um erro primário para qualquer espionagem dizendo: “Meu nome é Bond, James Bond.” E lá se foi toda a discrição por água abaixo... Um espião que se preze não revela a identidade, normalmente, sua assinatura é uma sequência numérica. Assim agiam os diversos agentes que atuavam no Brasil e, principalmente, os brasileiros encarregados da contraespionagem, dos quais nada se sabe. Nem a polícia secreta, que os preparava, tem arquivos que tratem de dados pessoais desses agentes.

Por outro lado, algumas referências nos filmes de James Bond parecem não ser tão fantasiosas. Usar uma mulher bonita para seduzir alguém e conseguir informações não é um clichê, isso acontecia mesmo. Se fosse preciso, ela iria até para a cama. Alguns relatórios confirmam essa ideia. Um bom agente nunca poderia confiar nas mulheres, pois elas conhecem bem a fraqueza dos homens, que gostam de ser bajulados. Para exibir suas qualidades, os homens são capazes de contar a elas suas façanhas, revelando assuntos confidenciais...

O objetivo da contraespionagem brasileira durante a Segunda Guerra era saber o que estavam querendo principalmente os espiões estrangeiros, com atenção dobrada aos do Eixo Alemanha, Itália e Japão. Coordenados pela Desps, os agentes tinham especial preocupação com células de espionagem nazistas no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Porto Alegre e no Recife, obrigando a polícia política a estar presente em todo país. Esses espiões eram enviados pela polícia secreta alemã, a Gestapo, ou pelo Exército alemão. No Brasil, eram recebidos pela Embaixada alemã ou vinham disfarçados de empresários e homens de negócios.

Ficar de olhos abertos para qualquer movimento de alemães, italianos e japoneses era uma necessidade óbvia para o Estado brasileiro. Mas para se sentir ainda mais seguro, não custava nada saber também o que andavam fazendo os americanos e os ingleses. Mas a contraespionagem brasileira não estava limitada a vigiar os estrangeiros. Os agentes eram preparados pela Desps para agir contra grupos de opositores internos, como comunistas e integralistas.

A rede de espiões era bem tramada: o governo estava ligado nas potências do Eixo e também nos aliados, além dos opositores internos: os comunistas estavam atentos ao governo e aos integralistas, que também não podiam se descuidar. Para a trama não dar nó, era preciso manter a fidelidade dos informantes, e isso o serviço secreto brasileiro fazia, geralmente oferecendo em troca algumas facilidades ao agente. Diferentemente da espionagem americana, esse trabalho quase nunca era pago em dinheiro. Um trabalhador braçal podia ser infiltrado num sindicato, por exemplo, para espionar comunistas. Com o tempo, ele poderia galgar posições de liderança naquele meio, sob a proteção do Estado.

Espiões daqui ou estrangeiros, a favor ou contra o Estado, são sempre, aos olhos dos serviços secretos, peças de um jogo. Vence quem guarda mais informações na manga.

PRIVATIZAÇÃO NO ESTILO RUSSO

Não havia propriedade privada na União Soviética, nenhuma atividade produtiva, nenhum capital, nenhum investimento era privado. O ser humano entrava com a mão de obra e o saber. Tudo pertencia ao Estado. O soviete era uma estrutura de pirâmide. O soviete é que tinha o Poder. Nada era privado. Desde o engraxate até o barbeiro, tudo era estatal. No sentido totalitário da palavra.

As pessoas, a população, eram constituídas de menores, em fase de crescimento, de formação. A partir dos 18 anos, podia-se trabalhar e ir para o serviço militar. Depois, fazia-se o estudo técnico etc. Não existia nenhuma atividade particular — nenhuma. Todo mundo era servidor do Estado, de uma forma ou de outra. Toda atividade de comércio, tudo era estatal.

Um belo dia, baixa-se um decreto eliminando o poder dos sovietes. Todas as atividades industriais, comerciais (distribuição) ficaram sem proprietários, sem dirigentes. Antecipando esse decreto, foi feito outro decreto dando 10 mil rublos em títulos para cada cidadão para participar de empresas pela compra de ações.

É evidente que surgiram pessoas que saíram comprando esses títulos (vendiam por preços baixíssimos — 500, 100 rublos). Grupos pequenos de pessoas passaram a ser proprietários desses milhões de rublos em títulos que haviam sido distribuídos.

Uns “compravam” aviões, outros, refinarias de petróleo. Quem tinha armas, tinha um poder real sobre isso, sobre a propriedade. Segue-se um período de caos absoluto, durante o período do Iéltsin. A privatização estabeleceu-se de forma anárquica e criminosa.

Hoje, na Rússia, reinam de 110 a 120 bilionários. Durante um tempo, mandavam as diversas máfias setoriais, um caos. A partir desse capitalismo criminoso criou-se uma legislação absolutista. Nasce o capitalismo selvagem russo, com muitas mortes. Apartamentos tomados. Um período negro na história. É um mundo muito rico em minérios e isso leva a uma grande concentração de fortunas. Hoje em dia, há magnatas que dominam todo o alumínio, o petróleo, o gás. Daí vêm as fortunas concentradas. A riqueza da Rússia foi roubada através de um processo de privatização em que a K-47 era o principal instrumento de negociação. Esse fuzil de repetição hoje popular no mundo do crime em toda parte era o argumento definitivo.

Nos tempos soviéticos a corrupção mostrava-se como uma troca de favores. O benefício era conseguir datchas (casas de campo) e automóvel, ter direito a serviço de casa (empregados domésticos). Ao desmonte do sistema seguiu-se uma tragédia. Hoje, o que importa é dinheiro. Ocupa-se uma refinaria, uma mineradora, uma fábrica de alumínio — foram tomadas. Passaram a ser propriedades privadas, de quem não tinha nada mas tinha ligações com o novo “Poder democrático” e, agora, — tem tudo — é o novo bilionário russo.

Volto a dizer, a corrupção era de Poder, de troca de favores. A corrupção, não era, especialmente, de dinheiro — era de Poder, que implicava acesso a coisas exclusivas — hospital especializado, limusines, viagens privadas pagas pelo “tesoureiro”, por exemplo.

Muitos “soviólogos” (especialistas que pretendiam penetrar no poder do Kremlin, interpretando sinais contidos em palavras ou quaisquer movimentos não explicados ou não explicáveis, algo que hoje, encontra-se nos regimes cubanos, da Coreia do Norte e na China... Todo poder absolutista gera esse fenômeno) tiveram ou transmitiram a impressão de que a crise do Sistema Soviético iniciara-se com Khrushchov. Na verdade, hoje percebe-se, que a crise já estava instalada no pós-guerra, tanto que Stalin despachou para Odessa o herói soviético da Segunda Guerra Mundial, marechal Jukov, que era um muito popular e que poderia facilmente tomar-lhe o lugar, e tratou de mandar para a Sibéria a grande maioria

dos prisioneiros de guerra soviéticos que estavam na Alemanha fascista.

Deve-se ressaltar que a pretensão de Stalin era comandar toda a guerra à moda de Hitler. Mas a realidade mostrou-lhe que este caminho não levaria à catedral da vitória e sim a uma acachapante derrota, como estava acontecendo à época da Batalha por Moscou em 1942, e aconteceria com o próprio Hitler.

Existe um paralelo no mundo que as pessoas não estavam considerando — os Estados Unidos, nos anos 1930, vinham sofrendo as consequências do grande crack de 1929 e estavam fracos economicamente. A União Soviética, naqueles anos, estava forte política e economicamente. Quando termina a Segunda Guerra, a União Soviética estava fraca economicamente, mas forte politicamente e os Estados Unidos, salvos pela Guerra e pela política do “New Deal”, estavam fortes econômica e politicamente, e passaram a ter papel preponderante na economia e na política mundial.

Dessa situação, nasce o confronto político que ficou conhecido como Guerra Fria, que era, na verdade, uma guerra de Sistemas, pois havia sido fundamental para a vitória sobre a Alemanha fascista, e o desenvolvimento do poderio militar dirigia a política internacional. Só havia duas posições na arena internacional — ou se era a favor ou contra a União Soviética.

A Guerra Fria levou a uma visão maniqueísta das relações internacionais. Quem mantinha relações com a União Soviética era inimigo dos Estados Unidos. Só os países desenvolvidos podiam manter relações com a União Soviética e não serem considerados inimigos dos Estados Unidos. Tal visão levou ao rompimento das relações do Brasil com a União Soviética, que haviam sido estabelecidos logo no pós-guerra, ao fechamento do Partido Comunista do Brasil e à cassação dos mandatos dos parlamentares que haviam sido eleitos em 1946. Assim, o Partidão entrou na ilegalidade.

É o coroamento de uma queda há muito anunciada.

Em 1964 Brejnev assumia. Foi feita a última tentativa de reforma econômica, preparada por Kossing. Uma retomada do pensamento russo em substituição aos valores soviéticos. A Igreja Ortodoxa passou por um período muito difícil no começo da Revolução. Era antitrotskista ideologicamente. Trótski era adepto da Revolução Permanente (ela continua não só na Rússia, mas no mundo), de raiz ele era internacionalista. Stalin era contra a Revolução Socialista Mundial, pregava a Revolução Socialista em um só país. A esquerda brasileira é nacionalista. É um nonsense. Uma política revolucionária nacionalista, porque o marxismo-leninista é socialismo essencialmente internacionalista — o princípio da Revolução é mundial.

Todos os países têm que se transformar em socialismo, daí a luta. Stalin tinha proclamado a doutrina da construção do socialismo em um só país — isso o confrontava de forma fundamental com Trótski, que era fundamentalmente internacionalista. Então, o choque.

Baseado no seu princípio que atrás de cada problema, existe um homem, a forma mais prática de eliminar o problema é eliminar o homem. E assim, se contar os que morreram de fome, executados, o número de problemas eliminados poderá ter chegado a uns 80 milhões. Só de fome, uns 32 milhões, só na Ucrânia, morria-se na estrada, acabava a comida.

Se, 1917 foi a “Revolução da Esperança”, a Primeira Guerra Mundial foi a “Morte da Esperança”, com a Alemanha sendo destruída do Kaiser Guilherme II.

Os trabalhadores não tinham direitos nem na França, nem na Alemanha, nem na Itália, nem na Polônia, em lugar nenhum. Surge um movimento de salvação, que tinha como objetivo tirar os trabalhadores da situação de exploração, e daí surge a União Soviética num estado diferente, e resolve fazer uma reforma agrária, um sistema de produção “livre da exploração do homem pelo homem” com base em uma nova forma de governo, na representação de todos os partidos políticos. O PSD se divide em duas alas: Bolcheviques e Mencheviques, mas essa divisão já é uma mentira. Até julho de 1917, não existia um sistema partidário único.

Stalin era o Secretário do Partido, junto a Lênin, comissário das etnias (tinha que harmonizar a

convivência entre esses povos, isto é, esmagar a divergência entre as inúmeras etnias que formavam a Rússia...).

Há um grupo de Poder — Lênin é o dirigente desse grupo. Tinha discussões teóricas com Trótski, que criaria a Defesa, o Exército Vermelho e a Diplomacia Soviética com o mesmo método, absorção dos militares e diplomatas profissionais que já atuavam no tempo dos czares. Ele se dirigia a antigos oficiais militares e diplomatas dizendo “vocês vão continuar defendendo a Rússia”. Na verdade, houve uma continuidade diplomática e militar vinda do tempo do czar que culminaria na política da paz, logo após a Revolução de Outubro. O decreto da paz e o da reforma agrária criaram a base fundamental da Revolução.

Com a morte de Lênin em janeiro de 1924, Stalin manobra para ascender ao Poder Central do Partido Bolchevique. Para esse fim, havia escondido todas as anotações de Lênin, inclusive as recomendações de que Trótski e ele mesmo não deveriam assumir a direção do governo. Stalin, literalmente, deu cabo dessas recomendações, ocultando a verdade.

Uma observação: na Rússia, a destruição de arquivos não é parte da cultura, não é prática política. É episódica. De fato, documentos, anotações e pessoas são tirados de circulação. As pessoas são apagadas das fotografias, presas ou mortas. Stalin era pragmático, para eliminar o problema, bastava eliminar o homem que o causara. Com a morte de Lênin, Stalin assume o Poder. Trótski estava na Geórgia, no Cáucaso, quando Lênin morre. Ele só é comunicado da morte uma semana depois, tempo suficiente para as manobras de Stalin. O confronto se estabelece entre Trótski e Stalin pela luta do Poder e Stalin, usando o seu método, elimina Trótski.

Stalin era Secretário do Partido, cargo considerado sem importância, então, ele criou o cargo de 1º Secretário, que subordinava os demais secretários e, assim, ele foi aparelhando o poder (qualquer semelhança com os dias de hoje, no Brasil, é mera coincidência). Ele colocou vários falsos representantes nos partidos locais, adaptou um sistema de segurança czarista, a Okhrana, e criou a Tcheca, que também aparelhou com pessoas de sua confiança. A Tcheca sempre foi chefiada por um georgiano, fiel amigo (se não fosse fiel, não seria demitido, seria morto).

Houve uma luta ideológica com Trótski, cuja raiz era o Internacionalismo de Trótski, com a Revolução Permanente confrontando com a doutrina de Stalin do socialismo e um só Estado. O Internacionalismo é que vai apoiar a ação mundial revolucionária do Komintern, inclusive no Brasil.

Eu não fui um estrangeiro comum. O ocidental, na verdade, era um antissoviético, e o mundo dos estrangeiros ocidentais em Moscou se achava superior ao mundo soviético, isto é, “tinham pena” deles, mesmo que esse país “ocidental” fosse um pobre país latino-americano, com sua ditadura. Acredito que, hoje, os estrangeiros ocidentais ainda olhem para os russos como sempre olharam, como vítimas de um poder ainda ditatorial.

GUERRA FRIA, COMUNISMO E INTEGRALISMO

A Guerra Fria foi a coisa mais estúpida que vi. Eu não era antissoviético e nem pró-ocidente. Nunca fui anticomunista nem antissocialista. Sempre achei o comunismo inviável, o socialismo marxista-leninista inviável. E, como dizia Rosa Luxemburgo, ambos conduzem ao totalitarismo, isto é, ao pensamento único, profundamente incompatível com a prática da liberdade. Para se entender melhor isso, você pega pelo pensamento — as pessoas que são dominadas por isso têm pensamento único. No comunismo, só há boletim de notícias, de redação única.

Se esmaga a voz da sociedade. Não se pode falar. Há o sussurro. Ninguém segura o sussurro. Por mais totalitário que seja um governo, não se segura o sussurro. O totalitarismo persistiu e manteve a população calada até o dia em que Gorbachev deu permissão para as pessoas falarem, chegando a incentivar que contassem suas histórias. O sussurro ganhou voz através da *glasnost* (*glas* significa “voz” e *glasnost*, geralmente traduzido por “transparência”, tem o sentido de “anunciar, deixar claro”). Quando ocorreu a explosão da usina nuclear de Chernobil, não foi permitido que se divulgasse, se falasse sobre o acidente. Foi depois disso que Gorbachev autorizou a livre manifestação de pensamentos. A vida na União Soviética foi silenciosa. Quando havia alguma voz que se rebelasse era manipulada ou calada — dissidência também era instrumento da política americana. A CIA dava corda aos dissidentes que, em muitas das vezes, sentiam-se estimulados em confrontar o governo soviético. Não é difícil imaginar que iam parar na cadeia ou no hospício. A atitude americana sempre foi de domínio — qualquer ação ou opinião que se opunha aos Estados Unidos tornava seu agente *personanongrata*... A atitude soviética também era de domínio — e quem adotasse posição contrária à União Soviética tornava-se um inimigo público. Em suma, o mundo era soviético ou americano e, assim, o século XX foi se escoando na sua mediocridade política e social.

Tenho uma visão terrível da Guerra Fria, mais do que se fala e falou. A imprensa acaba mostrando os Estados Unidos como defensores do bem do mundo — mas, não é isso, o que visam são seus próprios interesses.

O Komintern, Comitê Comunista Internacional, tinha como filiados as seções nacionais dos Partidos Comunistas (Partido Comunista do Brasil, da França, Estados Unidos etc.), que tinham de atuar conforme suas instruções. Luiz Carlos Prestes recebeu dinheiro de Getúlio Vargas para comprar armas para Revolução de 1930 e, na verdade, ele o entregou ao Komintern com a condição de que intercedesse no Partido Comunista do Brasil para o aceitar como membro. E o “ouro de Moscou” foi entregue, em Paris, ao representante do Komintern. A Revolução no Brasil (Intentona de 1935) foi por ele apoiada.

Prestes participou de todos os movimentos revolucionários de 1922, 1923 e 1924. A Revolução de 1930 não o atraiu, pois já sonhava com uma revolução comunista no Brasil. Houve uma efervescência no meio militar, no período que se segue a Proclamação da República — a república não era uma República, era um jogo de poderes estabelecido entre o Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

O general Edgard Soares Dutra, tio da minha falecida mulher Mariazinha, sempre me contava essas histórias das revoluções até chegar 1930. No governo Artur Bernardes, tudo era proibido — governou em Estado de Sítio, não havia direitos constitucionais. Nessa época, o Brasil era pequenininho em todos os sentidos.

Em 1917, no Brasil, havia dezoito milhões de habitantes. A população urbana era de 15%, o resto era rural. Isso significa que 85% da população não tinham direitos. Na população urbana, o trabalhador, se era demitido, o era sem indenização. Os jogos políticos, só jogados por alfabetizados, beneficiavam só Minas ou São Paulo e, por isso, Júlio Prestes perdeu o processo eleitoral, atropelado por Getúlio

Vargas e sua Revolução de 1930. O processo eleitoral, nessa época, era fajuto. Havia listas a serem assinadas pelos eleitores. Todas as eleições eram falsificadas, então Júlio Prestes era um candidato desse esquema.

A Revolução de Outubro encontra o Brasil totalmente desorganizado, do ponto de vista social, com 85% da população rural, isto é, praticamente, sem direitos. Dos 15% urbanos, só os servidores públicos e funcionários do Banco do Brasil tinham direitos. Todo o resto era muito instável. Formou-se um caldo para os que tinham o beabá do marxismo iniciarem movimentos que culminaram com a criação do Partido Comunista do Brasil, subordinado ao Komintern, em 1922.

Nesse tempo, Luiz Carlos Prestes, juntamente com outros tenentes, no Rio Grande do Sul, iniciavam movimentos revolucionários localizados, mas, com a ideia de se tornarem nacionais, até que, a partir de 1925, com o movimento iniciado em Alegrete, Uruguaiana e São Borja, partiram para uma marcha de protesto contra a situação vigente no país, que mais tarde seria conhecida pelo nome de Coluna Prestes. Luiz Carlos Prestes se tornou o Comandante Geral desse movimento, que marchou pelo Brasil percorrendo cerca de 24 mil quilômetros e termina se exilando, parte na Bolívia, parte na Argentina — para onde já fora o Edgar Soares Dutra, e lá, na Argentina, exilou-se, sentiu que a marcha não daria em nada e logo saiu.

Prestes queria fazer um protesto junto ao governo, queria chamar a atenção. Não tinha objetivo muito claro. As pessoas ficavam contra a Coluna — pegavam o gado em troca de “recibos” em que diziam: “Quando ganharmos a Revolução, pagaremos...” E assim o Cavaleiro da Esperança chegou à Argentina, onde se exilou. Na Argentina tornou-se amigo do Secretário-Geral do Partido Comunista, que forneceu-lhe alguns livros sobre marxismo e do próprio Marx e de Lênin. Com essa literatura, ele convenceu-se de que a revolução brasileira deveria ser uma revolução comunista. E daí, procurou ligar-se ao Movimento do Partido Comunista do Brasil, onde não foi aceito por sua origem burguesa.

A minha visão dessas coisas todas é o ridículo. O desvio dessa política é o antiamericanismo e o antissovietismo — passa-se a aceitar tudo em nome do antissovietismo ou do antiamericanismo. Os Estados Unidos têm a imagem de que salvaram o mundo do comunismo e as pessoas passaram a acreditar nisso. Eu sou um revoltado calmo. No tempo da Guerra Fria, a mentira rolava de um lado para o outro. Os soviéticos sabiam disso e davam uma utilidade ao jornal *Pravda*: como não havia papel higiênico suficiente, usava-se as três folhas da *Pravda*, que tinha uma edição diária de dez milhões de exemplares, a propósito, tanto quanto a *Izvéstia*, que tinha o mesmo destino.

O grande produto da era soviética, além da indústria militar, foi a falta de informações sobre fatos em que deve se basear observadores da vida naquele período. As ditaduras atingem a elite intelectual. As ditaduras só atingem diretamente a elite intelectual e política. Num sistema totalitarista, a intelectualidade é esmagada.

Militar não dá golpe sozinho. Os militares procuram civis. O Presidente Castelo Branco se referia às “vivandeiras dos quartéis” (pessoas que vivem em torno dos quartéis). Pessoas muito próximas dos comandos militares, sempre conspirando. Em 1964, a democracia em si não era um valor da sociedade brasileira. O que causava preocupação aos políticos brasileiros era a preservação da propriedade privada.

O VÔMITO SOVIÉTICO

Em junho de 1986, voltei para o Brasil e, em novembro de 1987, fui removido, de novo, para Moscou, e fiquei na Interbras. Os brasileiros que chegavam em Moscou me procuravam. Eu sabia como as coisas funcionavam — tinha prestígio com os soviéticos, era muito equilibrado, achava idiota tanto o antissovietismo quanto o antiamericanismo.

No início dos anos 1980, eu era conhecido e dominava o caminho das pedras da burocracia soviética. Negocie e obtive autorização para abertura de escritório de representação da Interbras, filial da Petrobras para o comércio internacional. A Interbras foi a primeira empresa latino-americana a ter um escritório em Moscou, juntamente com uma empresa privada brasileira e uma argentina.

Acostumado a trabalhar com embaixador, o que me deixava atuar bastante livremente, vi-me confrontado com uma orientação em que a iniciativa não era bem-vista. Procurei caminho e acabei convidado a abrir a representação em Moscou da filial da Petrobras, especializada em comércio exterior. Essa empresa seria massacrada no início do governo Collor, quando eu já estava retornando ao Rio de Janeiro, pois já não aguentava mais ver o intestino apodrecido resultante da Revolução Bolchevique.

Todo dia as pessoas contavam seus dramas e tragédias, destinos que foram destruídos, que foram parar em campos de concentração. As pessoas começaram a sair de seu silêncio.

A sociedade vomitou tudo que havia de podre no sistema soviético. É preciso esclarecer que o stalinismo não morre com o Stalin. Os hospitais psiquiátricos continuaram a receber “enfermos” de alto nível intelectual, considerados loucos, pois discordavam do real socialismo que era “cientificamente superior ao que pensavam e pregavam esses enfermos”. Havia um matemático que teve a pretensão de emigrar para Israel e foi parar em um gulag. Hoje, ele é ministro de Estado em Israel.

Foi uma época psicologicamente terrível. Tomei conhecimento de que os pais de uma funcionária da embaixada tinham sido levados para campos de concentração por serem líderes da juventude comunista. Foram mortos e a filha, Natasha, continuou em silêncio, até esse dia. As pessoas que sofrem essa violência ficam muito parecidas, independentemente da nacionalidade — não falam, a fala é limitada, têm uma trava para falar. Conheço pessoas aqui, no Brasil, também inteligentes, na mesma situação.

A repressão provoca no indivíduo o mesmo efeito, em qualquer lugar do mundo, mesmo nos Estados Unidos, onde o macartismo atingiu tal grau de ação de perseguição enlouquecida que destruiu vidas. Gorbachev teve o avô preso e condenado, sabendo, portanto, dessas coisas todas, mas, esmagado pela força da repressão, achava que o Partido Comunista, poderia ser salvo e eleito. Era o sonho dele. Como Martin Luther King tinha o sonho de ver a igualdade racial nos Estados Unidos, ele tinha o sonho de que o Partido Comunista poderia ser eleito pondo em prática os seus aspectos mais puros. Pura ilusão.

A repressão é exercida por um grupo pequeno, sempre o que caracterizava a repressão na União Soviética era a sua extensão. Era a extensão do aparelho repressor. O ideólogo do Partido traçava as linhas do pensamento a ser transformado em ação. O aparelho repressivo velava para que não houvesse desvios ideológicos na sociedade soviética, em especial nos aparelhos do Partido.

Cada quartirão tinha uma delegacia secreta da KGB, em qualquer cidade. Era uma rede terrível — esse sistema está instalado em Cuba, até hoje. No Brasil, ao final de 1989, já se sentia que o arremedo de autoritarismo ditatorial já tinha se extinguido. Não era mais aquele Brasil do início dos anos 1970. No 1º período (6 anos) eu comecei a estudar russo, tinha aula, mas lia muito. Sabia de gente que era da KGB, aparecia como jornalista, mas que eu sabia que era da KGB. Em uma das viagens ao Brasil, depois do AI-5, no Rio, no aeroporto, um funcionário me mandou sair da fila, porque meu passaporte tinha visto soviético.

Ele me disse: “Você estava vindo da Cortina de Ferro”, e eu lhe disse: “O governo que me paga é o mesmo que lhe paga, portanto, eu não vou sair da fila, não. Acabou chamando o superior dele, que se desculpou (o passaporte era vermelho. Diplomático).

Recebi em minha casa o Chefe do Departamento da América da KGB e aí me dei conta de que o regime estava morrendo, porque já não se escondia mais nada, nem mesmo o agente secreto, já que só o que ele queria era tomar um bom Royal Salute... Percebi que era hora de voltar. Acertei. A Rússia, como sempre, criou uma nova forma de democracia adjetivada — a real democracia, como havia criado o real socialismo. Por seu lado, o Brasil procura a sua estrada para a democracia, mas, como toda construção de estrada, tem que ser levada com a destruição de destroços que impedem a circulação livre das forças políticas sãs, deixando para trás os vícios de mais de duzentos anos de práticas antidemocráticas. Hoje, o Brasil atingiu o grau elevadíssimo de gestão por todas as formas de corrupção, e essa é a nossa luta de hoje.

A Moscou que eu também vivi acabou, derreteu-se. Aparentemente, foi o chamado progresso. Porque Anchieta se desmanchou, só tem asfalto, não tem vaca. Eu só ouço falar de Moscou com grifes, automóveis de luxo. Antes, ruas vazias, poucos carros, com Ladas. E agora, só carros de luxo, Jaguar, Mercedes.

O FIM DO MITO SOCIALISTA SOVIÉTICO

Era uma morte anunciada, com atestado de óbito e tudo. E, quem sabe, assinado por Deus ou, pelo menos, por Nossa Senhora de Fátima.

A União Soviética estava morta e enterrada, foi executada lentamente, na verdade, as sociedades vão se desmanchando e se transformando, mesmo as ditas democráticas, nesse ambiente de mediocridade. Não são resultados de um sistema totalitário, é a crença no reino da maioria. Para se entender o desmonte da União Soviética temos que voltar no tempo e entender seu nascimento.

Marx nasce em 1818 e morre em 1883. Nesse ano, Lênin tinha treze anos, era um ginasiano e virgem em marxismo. As ideias de Marx vão marcá-lo profundamente mais tarde, aflorar quando ele tiver dezoito anos e assistir a seu irmão Alexandre Ulianov ser condenado à morte, enforcado em 1887 por ter participado do atentado ao czar Alexandre III. Em consequência da morte do czar, assume seu filho Nicolau II, por quem Lênin nutrirá um ódio profundo e a seu tempo o mandará para a eternidade...

Não tem nada de grande no surgimento de Lênin. Na história, seu irmão, estudante de química, apenas ajudou a produzir uma bomba que explodiria e mataria o czar. Até então, Lênin era apenas um estudante a mais. Mas essa bomba estourou em sua cabeça, também detonando ideias que seriam atribuídas a Marx, umas verdadeiras e outras surgidas de sua imaginação. Naquela época, havia muitos movimentos revolucionários, terroristas e até democráticos. O que atingiu o czar foi mais um que já tinha por base o pensamento de Marx. Minha preocupação era fazer essa ligação — o jovem Lênin, na verdade não tinha nada a ver com Marx, mas seu irmão sim. O bolchevismo vai surgir no correr do desenvolvimento da social-democracia, liderada por Lênin.

Marx acredita que a história é um processo. E, na verdade, os fatos ocorrem sem controle, são aleatórios. De repente se cai numa rede de fatos grandes ou pequenos que geram perplexidades e muda tudo, como os aviões nas torres de Nova York ou o caso de um pintor frustrado que participa de um golpe, na Áustria, é condenado à prisão e, aproveitando o tempo, escreve um livro em 1922. Em 1939, já ditador da Alemanha, inicia uma agressão militar com base nos ensinamentos expostos naquele livro, que se transformaria na Segunda Guerra Mundial. Se tivessem comprado os quadros de Hitler, se não tivessem enforcado o irmão de Lênin e se a defesa dos Estados Unidos tivesse evitado o ataque às torres, a História teria sido outra.

No caso da União Soviética, houve a revolução ganha por um conjunto de partidos que vão compor os soviets que precedem a revolução bolchevique, que, de fato, inicia-se com um golpe nada diferente dos ocorridos no mundo latino-americano. A forma de governo é baseada em soviets, conselhos, em russo, que são formados por eleições, desde os bairros das cidades e das áreas rurais até o Soviete Supremo, órgão máximo do Poder. Como se vê, trata-se de uma estrutura democrática até no sentido ocidental. Viria a ser vítima de uma das inversões introduzidas por Lênin.

Marx entendia que a mudança da estrutura econômica, no correr do tempo, levaria à extinção da estrutura de poder político que presidia a economia. Marx acreditava que haveria uma transformação natural, pois o capitalismo trazia dentro de si o germe de sua destruição. Marx não profetizou a transformação do capitalismo em socialismo, a caminho do comunismo, via revolução armada. Essa via advém do pensamento de Lênin. Aliás, em 1937, na cadeia, Gramsci, filósofo italiano, ensinava que a transformação socialista se daria pela via democrática. É bom lembrar que Adolf Hitler escreveu o seu livro *Mein Kampf*, base do seu futuro Partido Nazista, na cadeia. Pode ser perigoso prender líderes capazes de pensar...

Já Lênin estava convencido de que mudando o sistema político, por via revolução armada, afastando

a burguesia do poder, levaria a uma nova forma de produção que teria no Estado a sua força produtiva e organizacional. Em suma, o Estado se tornaria ao mesmo tempo a força política dirigente e a força produtiva com a extinção da propriedade privada. Lênin acreditava numa transformação armada. O caminho escolhido por Lênin excluía o indivíduo tanto da política dirigente quanto da economia, substituindo-os pelas decisões do Partido Comunista, única força dirigente do novo Estado.

Interessante que no enterro de Marx havia uns gatos pingados, onze pessoas, no máximo, contando com o coveiro. As pessoas viram mito. Marx era inteligente, sacava uma coisa aqui, outra ali, mas a verdade é que ele não era profeta, ele foi um grande homem sem um grande enterro. Ele teve alguns filhos com a empregada e quem os criou foi Engels, seu eterno admirador. Nota-se como Marx amava o proletariado... Ele criava ideias que Lênin passou a usar, com inversões, e o resultado é o que se viu e o que se vê.

Marx partiu do princípio de que todos os males da sociedade têm como origem a propriedade privada e também a metafísica, como resume sua famosa frase dita no auge dos seus vinte e poucos anos: “A religião é o ópio do povo.” Adam Smith é o criador do pensamento econômico liberal. Ele imaginou duas coisas — se preocupou em saber por que uma nação ficava rica e via a conciliação entre o interesse individual e social através de “uma mão invisível” que combinava conciliava esses dois aspectos.

Havia um descontentamento enorme. Todas as forças políticas abandonam Nicolau II, que se vê forçado a abdicar, pois, por si, não conseguia abdicar de seu absolutismo. Ele não aceitava a ideia de um Parlamento integrando o governo da Rússia. E nomeia um sucessor que abdica. Forma-se um governo provisório. Escolhe-se um primeiro-ministro. Os russos gostam de um ditado que diz: “Lugares santos não ficam vazios.” Substituir um czar por um “fraco” primeiro-ministro constituiu fato primordial da história. Aproveitando esse vazio de poder, o partido de Lênin avança conjuntamente com outros partidos da esquerda revolucionária. Tudo isso foi um processo demorado — a abdicação de Nicolau II dá-se em março de 1917, quando entra o governo Provisório formado por todos os partidos, inclusive o Partido Social Democrata de Lênin. Os partidos formavam os soviets.

A Revolução de Outubro de 1917 é feita por todos os partidos. Como é que o poder se transformou da Rússia Imperial ao Sistema Totalitário de Stalin, que não era um ideólogo? Ele era pragmático e dominou o aparelho na base do terror — a Revolução Francesa teve como base o terror (um grupo corta cabeça de quem estava no poder, esses mesmos têm suas cabeças cortadas por outros que chegaram ao poder). Stalin só consegue chegar ao governo de terror pleno em 1937, quando ele institucionaliza o seu sistema de poder, julgando e condenando à morte e ao exílio tudo que para ele representasse qualquer forma de oposição ou crítica.

Stalin não contava que a Alemanha invadisse a União Soviética. Tinha até assinado com Hitler um acordo de não agressão. A traição de Hitler deixou Stalin profundamente perplexo e possivelmente deprimido, tanto que se recolheu, para não se sabe onde, por mais de uma semana, sem dar qualquer notícia do seu paradeiro. Como diz a canção soviética: É a Guerra na Pátria — é a Guerra Pátria. Não se tratava de uma simples guerra de agressão, mas sim de uma guerra de destruição total da Pátria. Não há mais margens para qualquer tipo de discussão: trata-se de vencer o inimigo implacável e para isso todos os métodos são válidos, inclusive o terrorismo elevado à sua mais alta potência — as ideologias, as religiões, os pensamentos matam. É terrível. O certo é que os soviéticos se meteram em brios e passaram a lutar com garras redobradas. No fim das contas, a superioridade do patriotismo saltava aos olhos. Era uma questão de tempo. Ao lado dessas forças estranhas, não havia escrúpulo que limitasse a ânsia de Stalin por manter-se no poder, isto é, salvar a pátria soviética. Stalin faz-se sinônimo de União Soviética.

Stalin se sente traído pela Alemanha Nazista e é obrigado a reagir ao fato de a guerra que não tinha nada de marxista unir todos os habitantes da Velha Rússia para um só fim — a derrota das forças nazistas. Esses nazistas executavam oficiais por congelamento para servir de exemplo. Eles colocavam os condenados amarrados em pé e jogavam a água das mangueiras neles até formar um bloco de gelo. Os

oficiais morriam literalmente congelados. Já a população das aldeias soviéticas era reunida nos galpões, fechavam-se as portas e punham fogo. O povo morria queimado. Para se ter uma ideia do grau de crueldade que um ser humano pode atingir.

Quando o front de Moscou e Leningrado estavam em ameaça máxima, Stalin percebeu que não era um chefe militar profissional e disfarçada e discretamente cedeu a chefia militar para os profissionais, sem fazer declarações. Enquanto isso, Hitler insistiu em manter-se no comando militar da guerra e deu no que deu — um tiro nas têmporas de Eva Brown e nas suas próprias. Hitler repete o erro de Napoleão. Tenta invadir a União Soviética esquecendo que ela “só tem” 10 mil quilômetros de profundidade e 5 mil quilômetros de altura, uma população profundamente patriótica, com aviões e tanques daqueles tempos, isso configurava uma aventura insana, uma verdadeira Intentona.

Imagine a loucura de Napoleão, que não tinha nenhum veículo motorizado, nem ferrovia. Era realmente um verdadeiro “Napoleão de hospício”. Aí vem a complexidade da guerra toda. Há as batalhas desde Stalingrado até Leningrado. As lutas se estendem pelo front inteiro — se usa o método chinês de transformar pontos fracos em pontos fortes. Kursk era, por exemplo, um front em que os alemães estavam em território firme, e deixavam para os soviéticos enormes manguezais. Jukov mandou cortar pinheiros e os espalhou sobre os manguezais, criando um verdadeiro aterro de troncos (quem sabe, um natal antecipado...). E lançou suas colunas de tanques, que surpreenderam os nazistas, esmagando-os, criando assim a maior batalha de tanques da história da humanidade.

Outro caso é Stalingrado — também foi terrível. Os nazistas dominaram a margem do rio Volga, invadiram a cidade e tentavam desesperada e sistematicamente tomar o que restava de Stalingrado. Um verdadeiro punhado de guerrilheiros soviéticos mergulhou nos esgotos da cidade e não deu trégua às forças nazistas, levando-as à derrota e ao aprisionamento de milhares de homens que foram conduzidos até Moscou, onde ficaram (os que sobraram) aprisionados em campos até o final da guerra. Essas tropas eram comandadas por Von Paulus, que pacientemente aguardou a liberdade em Zavidova, que lá está até hoje e que foi usada posteriormente como área de casas de campo (datchas) para uso dos diplomatas. Eu lá estive em vários invernos, esquiando pelo rio Volga.

Quanto ao mito do “General Inverno”, inventado por Napoleão e repetido pela imprensa livre ocidental e falsos historiadores no após Segunda Guerra Mundial, é preciso ter em conta que o frio não respeita fronteiras. Napoleão fica estacionado em Moscou do fim do verão em 1812 até o outono do mesmo ano sem conseguir avançar para São Petersburgo nem tão pouco ser recebido pelo czar Alexandre I. Quando o inverno se aproxima, Napoleão inicia a retirada e é batido por Kutuzovzki em inúmeras pequenas batalhas que vão dizimando seu combalido exército, então ele percebe que estava abandonado à própria sorte.

Napoleão não tinha como abastecer seu exército, pois todas as vilas e cidades por onde passara tinham sido queimadas pelos russos, inclusive Moscou, que estava reduzida a uma população que não atingia a 10 mil pessoas. Só havia de vivo as gralhas com seus gritos tenebrosos, pois as populações haviam sido retiradas para as florestas. O russo tem uma capacidade de sobreviver nelas, coisa que os outros povos não têm. Parte das forças reduzidas de Napoleão atravessa a ponte de Minsk. Kutuzovisk manda destruir a ponte e o resto da tropa francesa fica sem alternativa. Muitos voltam até São Petersburgo, onde se tornam ótimos cozinheiros, barbeiros e alfaiates, o que fez muito bem a modernização do Império Russo. Até hoje se come melhor em São Petersburgo do que em Moscou... Quanto a Napoleão, restou-lhe, ao olhar para o horizonte, vislumbrar que sua alternativa era entrar por um cano retumbante...

Com Hitler, a coisa foi diferente. A indústria militar soviética havia sido transferida para além dos Urais (Sibéria), onde se produziam milhares de tanques T-34, até hoje conhecidos pela sua fama de resistência, e milhares de aviões com pouca preocupação aerodinâmica com suas placas planas, nominalmente feitos à mão em galpões improvisados em um trabalho heroico que só os russos são

capazes de realizar. Note-se que o russo é capaz de se alimentar com folhas e sopas feitas com gorduras escoadas de luvas. Era contra esse soldado patriota que os nazistas tinham que lutar. Vá lá e tente ganhar da Rússia ainda hoje...

Detalhe: o uniforme do russo inclui casacos feitos com peles de cordeiro invertidas, pelo para dentro, botas de feltro terminadas com galochas de borracha. Na cabeça, chapkas também de peles de lobos, cachorros e gatos, coelhos, qualquer bicho peludo. O frio é o mesmo para ambos os lados. Mas, saber sobreviver ao frio é uma arte totalmente dominada pelos russos e que foi desprezada tanto pelos franceses de Napoleão como pelos nazistas de Hitler. E, há mais um fator — os patriotas russos, mesmo perdendo 27 milhões de vidas entre militares e civis, continuaram guerreando e guerrilhando até vencerem em Leningrado, cercada há três anos — Moscou, Kursk e Stalingrado. Dessas cidades conheço Moscou, Leningrado e ainda Kiev, capital da Ucrânia, outra cidade heroica.

O teste de qualidade dos tanques T-34 era percorrer as distâncias entre os Montes Urais e o Front Ocidental e chegar inteiro. Aliás, quando vai terminando a União Soviética, mercadores, contrabandistas de armas enviavam tanques modernos e metralhadoras e demais armas para países que os revendiam para países em convulsão — na Ásia, na África, onde fosse preciso e houvesse demanda. O filme *Senhor das Armas* é só uma amostra da tragédia que se seguiu ao fim da União Soviética. Esses “bandidos saqueadores” se tornaram milionários se apropriando da economia soviética, inclusive da economia militar, tomando fábricas de tanques e metralhadoras e formando verdadeiros exércitos próprios.

Os quartéis estavam mal abastecidos pelo governo e esses bandidos passaram a fornecer alimentos, armamentos e munições em troca de fidelidade e da defesa de seus interesses. São esses os que constituem os “novos inimigos do povo”, na Rússia de Putin. Esses bandidos tiraram partido do caos, como todos os bandidos e vândalos em qualquer país.

Para colocar a Rússia de novo nos trilhos, não foi e não é fácil. Não é com beijo na boca dessas três meninas cantoras da Catedral do Salvador de Moscou, que, por si, representa um ato heroico do novo povo russo, que a reconstruiu das cinzas. A Rússia é explosiva. Ninguém sabe, na verdade onde está o estopim, nem o que é estopim e aí, a repressão insana come...

A União Soviética esgotou-se. As coisas aconteceram lenta e gradualmente. Entre 1917 e 1939 o mundo foi se transformando. Os Estados Unidos sofreram a maior crise do século XX, que destruiu a base da economia mundial, enquanto isso, a Rússia Soviética, aos trancos e barrancos, foi vencendo seu atraso industrial, inclusive promovendo uma violenta industrialização especialmente pesada. A Alemanha sofre um violento processo inflacionário que vai levar Hitler ao poder e em via de consequência à Segunda Guerra Mundial. Nesse ambiente, os soviéticos sofreram todas as violências imagináveis, mas Stalin manteve o seu regime de ferro.

Acabada a Guerra, a União Soviética, apesar de sua população dizimada pela guerra e por Stalin, continua o seu papel de líder na Europa, especialmente a oriental. É preciso ter em mente que a União Soviética tinha o domínio dos Partidos Comunistas da Itália, da França e mesmo de algumas regiões da Alemanha. Baseado nessa força, Stalin tratou de fortificar suas fronteiras impondo regimes ditos comunistas em toda a Europa Oriental, inclusive em parte da Alemanha. Esses países não eram socialistas em suas raízes. No correr dos anos, sempre se identificava movimentos internos que procuravam libertar-se da União Soviética (na Hungria, na Polônia, na Tchecoslováquia). Mesmo na União Soviética o sistema se tornou tão repressor que foi perdendo paulativamente o respeito do seu povo.

A União Soviética não acabou só por razões econômicas, mas principalmente por falência política e filosófica do decadente regime soviético. A primeira tentativa de mudança ocorrera em 1965, quando Brejnev nomeia o Primeiro-Ministro Kossiguin, que veio com ideias de dar maior autonomia às unidades de produção, tanto industriais quanto agrícolas. Infelizmente, o medíocre do Leonid Ilitch Brejnev, que já o era naqueles tempos, não apoiou nenhum dos esforços de Kossiguin, jogando-o às feras do Partido.

Mais adiante, ele veio a falecer de maneira um tanto estranha, “meio afogado” em um dos canais do rio Moscou.

A segunda tentativa foi com Iúri Andropov, sucessor de Brejnev, que passou a combater e a usar métodos extremamente violentos no combate à corrupção que havia se aprofundado no longo período de Brejnev. Para se ter uma pálida ideia do que ocorria, Galina, filha de Leonid Ilitch, era casada com um diretor do Circo de Moscou (isto parece pouco mas tal situação propiciava extensas viagens ao exterior). Galina aproveitava suas excursões e reduzia os estoques de diamantes da empresa Almazov, monopolista na produção e comercialização de diamantes. Note-se que a União Soviética era e continua sendo a segunda maior produtora de diamantes do mundo, só suplantada pela África do Sul. Com a morte de Brejnev, seu genro foi repousar em um gulag para prisioneiros comuns. Agora, não adianta chorar o leite derramado, virou um morto de fome...

Ao lado dessas medidas, Andropov introduziu métodos que tenderiam a melhorar as condições de produção. Ele morreu pouco tempo depois, vítima de doença renal que o paralisou dentro do Kremlin, onde passava o tempo todo em diálise. Restou a expectativa de uma mudança mais profunda no Poder do Partido, com uma profunda modernização do seu aparelho, modernização essa já iniciada por Andropov ao trazer do norte do Cáucaso o então jovem Mikhail Sergueivich Gorbachev. A morte prematura de Andropov atrasou a sua chegada ao cume do poder soviético. Foi necessário ainda esperar a morte do sucessor Tchernenco, que ocorreria onze meses depois.

Em uma jogada de mestre articulada por Gromiko, Tchernenco teve o cuidado de falecer quando todos os opositores ao nome de Gorbachev, membros do Politburo, mais alto órgão do Partido Comunista, estavam em missões em longínquos países, desde Cuba ao Vietnã, passando por Camboja e, coincidentemente, os aviões de todos eles mostraram pequenos defeitos, A reunião extraordinária se realizou sem a presença daqueles senhores e Mikhail Sergueivich foi eleito por unanimidade Secretário-Geral do Partido, cargo máximo do poder.

Em russo, a unanimidade não é a reunião de todos, mas sim daqueles que conseguem estar presentes. Eleito, Gorbachev surge vindo dos Montes Urais, de Stravopol. Iéltsin que era Primeiro Secretário da região dos Urais, importante área industrial, especialmente militar e tornou-se Primeiro Secretário da prestigiosa região de Moscou. Iéltsin inicia a implementação de uma série de inovações administrativas, inclusive de estilo de governar — dispensou a limusine oficial e passou a usar transporte público. Permitiu a abertura de cooperativas de produção, inclusive restaurantes. Para uma economia em que só o Estado podia “barbear” os seus cidadãos, ter restaurantes e pequenas fábricas representava uma verdadeira revolução. E assim, começou a era Gorbachev/Iéltsin. Por seu lado, Gorbachev dedicou-se a abrir politicamente o regime permitindo a livre expressão de todo o povo por todos os meios de comunicação. Não há ditadura que resista a isso...

As tragédias individuais passaram a ser conhecidas por todos, passaram a ser a tragédia do povo soviético. Ver e ouvir a televisão soviética passou a ser um circo dos horrores. Esse comportamento de Gorbachev contamina toda a Europa Oriental e os regimes que eram frágeis desmoronaram ao peso da tragédia. Na Hungria, há tempos, um grupo de políticos oficialmente partidários, mas que na verdade não o eram, fingiam que eram comunistas, chegou ao Poder Central ocupando os altos cargos do Partido e do Governo. É preciso ressaltar que esses políticos agiam em combinação com Gorbachev que em 1989, em visita à Paris dera uma entrevista à televisão em que perguntado sobre a hipótese da queda do Muro de Berlim, respondeu: “Tudo que é sólido se desmancha no ar”... E deu uma boa gargalhada...

O novo governo húngaro, leia-se, do grupo de falsos partidários, desliga o sistema de eletricidade das fronteiras. Todos os fios de arames que cercavam a Hungria ficaram sem energia. E assim, a população pôde fugir para a Alemanha Oriental. Por seu lado, a Alemanha Oriental derruba o Muro de Berlim ao mesmo tempo, em novembro de 1989. Como se vê, não foi surpresa para Gorbachev, nessa altura do campeonato, a queda do Muro...

Gorbachev e Iéltsin foram fundamentais na mudança pacífica dos regimes em todo o Leste Europeu. Se Cuba não soube desmontar o seu arremedo de regime totalitário é por que seus dirigentes políticos são profundamente incompetentes. Até o Vietnã estabeleceu uma nova forma de gestão para sua economia e para sua política. A única manifestação violenta que houve no processo de desmonte do Poder foi o fuzilamento do casal Tchiautchesku, dirigente da Romênia e que era odiado por todos pela repressão e pelos assassinatos que havia cometido pelos longos anos de poder totalitário. Assisti pela televisão soviética a execução desse casal romeno, vejo-os até hoje, caindo após os tiros. Até hoje, me lembro dessa cena macabra. E também da notícia curta e grossa da execução de um amigo soviético com quem costumava tomar uísque no bar da embaixada, Vladimir Smieliakovsky.

Seria impossível a manutenção do poder totalitário do regime patrocinado pelo Partido Comunista da União Soviética. Iéltsin percebeu isso e tratou de forçar Gorbachev a reformar a Constituição, revogando o seu artigo VI, que concedia ao Partido o monopólio do Poder. Por outro lado, haviam sido realizadas eleições realmente livres em todas as 15 Repúblicas com a legitimação de seus novos dirigentes. O Presidente da União Soviética, que era Gorbachev, não havia sido eleito por ninguém. Não havia legitimidade no seu poder. Iéltsin fez com que dissolvesse a União Soviética e o Poder Real fosse passado aos novos presidentes legitimamente eleitos, inclusive ele mesmo. E, assim, a bandeira soviética foi retirada do Kremlin e em seu lugar foi içada a bandeira da República Federativa da Rússia. E o Estado Soviético erigido por Vladimir Ilich Lênin extinguiu-se e os Estados burgueses continuaram vivos como sempre... Viva a burguesia! Apesar disso, Lênin não morreu... O seu fantasma continua assombrando o que resta dos partidos comunistas.

Tudo isso atingiu fortemente o orgulho russo, afinal eles eram referidos como superpotência e perderam esse status. Vladimir Putin vem apelando a esse sentimento retornando à melodia do antigo hino soviético, mais patriótico do que a melodia adotada pelo hino russo, logo após o desmanche do Império Soviético, tratando com muito cuidado o destino final do corpo de Lênin, promovendo o crescimento das forças armadas e a pesquisa espacial, orgulhos do povo russo. Esperem a Grande Rússia...

O já referido grupo húngaro formou-se em acordo com Gorbachev. Sabia muito bem que a União Soviética não ia interferir na Hungria. Quando Gorbachev disse em Paris que “tudo que é sólido se desmancha no ar”, ninguém deu importância, nenhum órgão de imprensa. Sem Gorbachev os fatos não ocorreriam. Deve-se ter a capacidade de usar o poder. E ele sabia usá-lo desde o tempo em que fora Secretário do Partido em uma cidade no Cáucaso. A sorte maior dele foi que Andropov, quando chefe da KGB, passava dias ali e conversava com o jovem Secretário Gorbachev e via no seu trabalho muitas iniciativas positivas na administração da economia. Aprendeu muito com Andropov, que passou a gostar dele por sua seriedade e honestidade na direção do Partido, não era aproveitador de suas funções, nada disso.

Se Gorbachev não tivesse tido a atitude que teve, de abertura política (glasnost) e a reforma econômica (perestroika), permitindo a livre discussão política, o povo soviético se tornaria crescentemente dissidente. Naturalmente retardaria o processo, mas acabaria acontecendo. Na época do golpe, que mais tarde, tentou derrubar Gorbachev, Iéltsin foi fundamental na restauração do poder de Gorbachev, não só depôs os golpistas a tiros de canhões de tanques, como também garantiu a volta de Gorbachev ao poder e a normalização da vida política na Rússia.

A CATEDRAL, ENFIM

Quando cai o Império Soviético, que pretendia construir a Catedral do Comunismo, não se entende como uma mão invisível (quem sabe, a mesma de Adam Smith) faz reconstruir-se a Catedral do Salvador em pleno centro de Moscou. Onde Stalin e Khrushchov tentaram construir, primeiro, um monumento à Terceira Internacional e, depois, o Grande Centro para o Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Nada disso foi possível, pois, as águas do vizinho canal Moscou impediam as construções, tornando-as inviáveis, porque destruíam os alicerces. Em seu lugar, foi construída uma grande piscina pública de águas aquecidas, onde minhas filhas, Carla e Cláudia, costumavam nadar.

Finalmente, a piscina foi destruída e no seu lugar reconstruída pedra a pedra, tijolo a tijolo, ícone por ícone, a Catedral do Salvador, que havia sido construída em homenagem à vitória da Rússia sobre Napoleão, em 1812.

Apesar de eu nunca ter entrado nessa Catedral, talvez seja ela a única razão que me leve, um dia, a voltar a Moscou. Essa é a minha Catedral, Símbolo da Liberdade do povo russo. Encontrar uma Catedral onde as pessoas estão livres, e não numa Catedral onde as cerimônias eram silenciosas, não por respeito, mas por medo, quase terror.

O ateísmo é uma forma de religião que prega a inexistência de Deus. A religião do Império Brasileiro era a católica apostólica romana, a do Estado Soviético era o ateísmo. Lá como cá, quem fosse contra o pensamento religioso tinha as portas fechadas para a sociedade.

Hoje, o povo russo conquistou algum grau de liberdade, inclusive religiosa. A liberdade religiosa na Rússia, agora, é exercida dentro de um quadro legal que a permite em determinadas formas de religião. No tempo do czarismo, a Igreja Ortodoxa tinha um quadro de padres cantores — muitos desses padres (os que não foram mortos) tornaram-se cantores profanos, inclusive no teatro Bolshoi de Moscou e no teatro Marinski de Leningrado, hoje, São Petersburgo.

Essa Catedral se tornou um dos símbolos do cristianismo russo. Parece-me muito interessante ver um antigo ateu, ex-alto-membro da KGB com ação na Alemanha e quem sabe, em todo mundo, persignar-se com o sinal da cruz (benzer-se) em forma contrita, sair dali, entrar no seu carro oficial e voltar ao Kremlin, onde exerce o poder sobre todas as Rússias, ou seja, o de Presidente da Rússia, Vladimir Vladimirovitch Putin.

Certamente, se eu entrar nessa Catedral, verei pessoas profundamente diferentes das que eu via no passado soviético, pois expressariam livre e espontaneamente sua fé sem nenhum temor de o fazer. Tendo vivido 20 anos da vida soviética, eu também serei atingido pela força espiritual que toma conta da nave e impregna todos os altares, os ícones pintados com fé por servidores, e não pintores profanos da Rússia, servidores religiosos.

Os ícones são pintados por servidores de Deus, e representam sempre a mesma imagem. O que nós chamamos de pintor, em russo se diz *khudósnik*: pintor comum de quadros. Já *slujítel*, servidor, é o pintor de ícones. Pintar ícones é um serviço sagrado, não pode ser improvisado. É preciso ser reconhecido pela Igreja Ortodoxa.

As demais igrejas tinham se transformado em museus, mas, a Catedral do Salvador renasceu, não das cinzas, mas das águas, isto é, da vida, e isso é emocionante para uma pessoa como eu, que aprendeu a amar a Rússia como segunda pátria.

Eu me imagino de pé, como é o costume nas igrejas ortodoxas em todo o mundo, frente ao altar, e sinto a força emanante da fé que brota do ícone Salvador. O ícone olha para o crente, olha diretamente. É uma troca de olhares em que o olhar do ícone transmite aceitação e o olhar do crente transmite a

esperança de ser salva.

Toda magia que vem da Igreja Ortodoxa vem da voz, do canto espontâneo do povo.

Talvez, se o sonho se realizar, eu me sinta salvo por ter encontrado a minha verdadeira Catedral. Ela é única e será única na história da Rússia — simboliza o ressurgimento da religião ortodoxa russa. Os escombros dessa igreja foram reutilizados, na verdade, eles estavam guardados. Pessoas, correndo risco, esconderam esses materiais por anos. Isso é muito russo. As igrejas do Kremlin não foram destruídas, apenas fechadas e depois usadas como museus e, agora, reabertas.

Por um momento, sinto seu olhar chegando ao meu e sinto a sensação de uma forma de beleza que até então nunca deslumbrara. É quase uma epifania de fé nascida da conversão definitiva ao cristianismo, como havia sido revelado a Lúcia nas aparições de Nossa Senhora de Fátima. Durante anos se rezou três Aves-Marias ao final da missa para conversão da Rússia Soviética ao cristianismo.

Em 1943, Stalin percebeu que só as forças políticas do Partido Comunista não conseguiriam juntar a Rússia, então ele chamou o Patriarca de Moscou e pediu, (de fato ordenou), que a Igreja se unisse ao Estado para vencer o inimigo diabólico, representado pela Alemanha Nazista. A partir de então, a Igreja deixou de ser perseguida, os cultos permitidos, os sacerdotes ortodoxos passaram a gozar de liberdade para suas viagens internacionais e a Igreja Russa pôs-se a campo e foi combater através da fé, o grande inimigo da humanidade — o nazismo. Vale lembrar que Stalin, um ex-seminarista, nunca soube lidar bem com a perseguição à Igreja, ordenada por Lênin.

Não sou de ter sonhos marcantes e muito menos de me lembrar de detalhes, como certas pessoas. Mas, vai se entender o subconsciente... O famoso bordão — Freud explica... Sonhei, outro dia, que estava em Moscou, caminhando pelas ruas, quando me aproximei da Catedral do Salvador — tive a sensação de que, em poucos minutos, iria entrar num templo proibido. Entrei lentamente com passos firmes, com um estranho sentimento, como se o mundo fosse um palco onde o que importa, somos nós e os nossos desejos. Observei tudo aquilo como nunca antes observara, o altar, as imagens, os ícones. Todos me devolviam olhares e apareciam como ícones que nunca vira antes.

Ainda sou o menino da escola pública, na frente da minha mãe, com o ditado cheio de erros na mão. Quando partimos para um destino distante, para uma missão sem limite no tempo, sentimos nossas raízes soltarem de nossas circunstâncias. E isso dói. É uma dor que não passa nunca, após muitos anos, a dor está lá, até que chega o momento em que tomamos a decisão de abandonar aquela nova circunstância que criamos nesse tipo de exílio. E aí, acrescenta-se outra dor resultante de deixarmos uma circunstância onde não criamos raízes profundas, mas criamos raízes afetivas, que a biologia vai tratando de apaziguar. A morte vai impossibilitando o reencontro com as relações deixadas, anulando os vínculos com a terra moscovita.

Quando se deixa a pátria não se tem remédio, a não ser o retorno. No meu caso, a minha Moscou não existe mais. Foi tomada por um grande número de pessoas que em sua maioria não aprenderam nada de solidariedade humana. São os novos milionários e bilionários assaltantes do bem público da antiga União Soviética.

Um dia, olhando a janela de meu escritório, vi a branca paisagem de Moscou de janeiro tão diversa do janeiro do Rio e me perguntei: “O que estou fazendo aqui?” Naquele momento percebi que estava na hora de voltar. Aquilo acabara. Tudo que estava acontecendo em 1990 só me atingia como ser humano. Afinal, eu não queria ter lembranças da vida política passada daquele país, sintetizada no depoimento de um carrasco da KGB, que no curso de seu trabalho, perdeu a conta de quantas pessoas havia executado. Ele só lembrava da mancha de sangue que escoava para o rio Moscou, do esgoto das câmeras de execução. Era o fim do caminho, era o fim da estrada sem Catedral.

Ainda sou o menino me despedindo de meu pai, aos dezesseis anos, rumo a Porto Alegre, rumo à formação militar. Imagino que meu pai se sentiria orgulhoso de ver seus dois filhos formados, bem-sucedidos, com horizontes que talvez quisesse ter alcançado um dia.

Afinal, me faça a pergunta:

Para que serve o caminho se não leva à Catedral?

Essa pergunta, para mim, refere-se à própria Revolução de Outubro de 1917, que percorreu uma estrada que não levou à Catedral, isto é, construir o mundo do futuro, a nova sociedade, o novo homem. E não construíram nada. Construíram, sim, um arsenal atômico, um mundo que não se fixou, se autodestruíu. Deixando para o lixo da história milhares de inúteis ogivas nucleares, que só servem para ameaçar um mundo dominável por terroristas, e milhões de mortos.

Ainda sou o menino diante da Catedral, encantado com sua beleza, imponência, seu fascínio. Com o silêncio do sagrado invadindo minha alma, essa dor que eu conhecia, de tão familiarizada com ela, era quase uma amiga. Com os cânticos dos religiosos me fazendo mergulhar nos pensamentos, ouvindo a melodia da Catedral renascida. Com a força dos ícones que evocam e remetem à fé russa. Agora, entendia a dor contida na simplista e impactante frase de John Lennon, quando se dissolveram os Beatles: “O sonho acabou.”

Há um momento em que há paz

É quando a voz quente da mulher entoava uma canção de ninar junto ao leito do filho

Cessam lá fora todos os canhões de guerra, só a canção ressoa

Cessam os gritos, as angústias, os medos

Há um momento em que há fé

É quando a voz terna da mulher murmura uma prece pela paz do menino, de todas as crianças, homens, de toda humanidade

Rogai por nós, pecadores

Rogai por nós, mulher, Mãe Maria, porque nossa força tem sustentado o mundo, entendido nossa dor e desejado nossa paz

Há um momento em que há esperança

É quando a mulher embala ainda dentro de si esse ciclo de uma nova vida.

Bendito é o fruto do vosso ventre, mulher, Mãe, Maria, principalmente quando o vosso filho nos traz a grande esperança da Paz.

Talvez se o sonho se realizar, eu me sinta salvo por ter encontrado a minha verdadeira Catedral.

Ainda sou o menino perplexo com o diagnóstico da tuberculose e o estigma da doença. Há a cumplicidade com outros doentes que não precisam se preocupar que os colegas de leito irão discriminá-lo e a leve hostilidade com os médicos. Regras e condutas próprias. É uma experiência completa. Com dor, mas com possibilidade de cura — com a intocabilidade do mundo dos sãos e a negação do seu mundo de doente. Ser perigoso para quem você ama ajuda a compreender situações conflitantes. É uma percepção muito interna da complexidade dos nossos sentimentos e das nossas emoções.

A morte é uma grande mestra. E rigorosa demais. Morrer é a despedida e ninguém tira de letra a vida. Gostaria de poder contar que, através da tragédia descobri algum princípio absoluto, desconhecido e impactante que pudesse transmitir. Não foi o que aconteceu.

A tragédia é pessoal. Ela fica gravada na alma. A gente deixa de ser feliz, mas se transforma numa pessoa melhor.

Jamais seremos iguais em nossa essência, no tecido intrínseco de nossa personalidade, em nosso pensamento, modo de reagir, ver e interpretar os fenômenos da existência. O sonho da igualdade só cresce no terreno do respeito pelas diferenças.

Não somos todos iguais.

Os soviéticos lutaram muito para criar uma sociedade de iguais, onde não caberia ter inveja do vizinho. Neste mundo, mesmo na União Soviética, sempre há o que se invejar, uma coisa que você não tem.

Um sorriso, uma amizade

Sempre haverá ricos e pobres

Ricos de talento, pobres de talento

Ricos em amor, pobres em amor

Roberto Campos dizia que os seres humanos são desiguais até por razões teológicas. “Se Deus

quisesse fazer todos os homens iguais, teria feito... Afinal, Ele é onipotente.”

Quanto a mim, não fiz uma simples troca de cidade, mudei de continente, mudei de sociedade, mudei de cultura e as grandes mudanças, para darem certo, precisam ser elaboradas, o que não foi o meu caso... Se o novo destino acabar sendo agradável e receptivo, terei fortes argumentos para consolidar minha escolha.

O inevitável de toda viagem é a volta, momento no qual o viajante, agora de cabeça fria, vai avaliar sua experiência. Às vezes, tem a felicidade de confirmá-la, o que foi o meu caso, outras não resistem à prova do tempo e fracassam. É impossível prever seu desfecho, por isso, uma vez iniciada a travessia, é prudente contar com um plano de desembarque, que, sem estragar a viagem, não impeça um eventual retorno à vida anterior.

Mas, eu sabia que seria um caminho sem volta. Afinal, quando eu subia na minha mangueira, ainda menino, ficava imaginando o que se ocultava atrás da Serra Azul de Gericinó e dos morros que me limitavam o horizonte. E, era para lá que eu iria um dia, longe, muito longe...

Sei onde começa e termina o horizonte — no mesmo lugar... já que a questão não é geográfica e sim da dimensão de pensamento. Na verdade, o mesmo lugar pode suportar pontos de vista do mesmo observador, no correr do tempo com as consequentes mudanças de circunstâncias.

ESPALHANDO O TOTALITARISMO

Em 1905, o Império Russo sofre a sua primeira derrota, para o Japão, na guerra naval, depois entra para a Primeira Guerra Mundial e perde novamente — vem a Revolução de Outubro, o Estado se torna um “Estado Poderoso” militar — terra, água e mar. A Rússia soviética era um Estado de Defesa e assim permanece. Termina o poder soviético e a Rússia continua sendo um Estado de Defesa. Ela tem uma indústria militar pela sua posição geopolítica e a história parece justificar essa posição, pois o seu território sempre foi invadido no correr do tempo.

Hoje, a Rússia tornou-se inexpugnável, tanto que os Estados Unidos atacam os fracos — Iraque, Irã, Afeganistão, mas nunca tiveram coragem de invadir a Rússia ou de ameaçá-la. O furo da concepção ideológica marxista-leninista é ter tentado criar uma sociedade com base tão somente no materialismo, substituindo a metafísica pela ideologia dita marxista, contrariando o próprio Marx.

A partir da obra de Marx, principalmente *O capital*, os políticos de então passaram a ver a sua sociedade como capitalista, em contraposição ao pensamento de Marx, que mais expressaria uma sociedade socialista materialista. Toda sociedade precisa de um ópio, mesmo que ele venha em forma de sonhos, utopias e religiões. A sociedade que se desenvolveu, em contraposição ao socialismo marxista-leninista hoje, é chamada de capitalista. A sua base deixou de ser a indústria para ser a financeira que, ganhou vida e via próprias, em muito desvinculada da produção material e da ideologia religiosa.

Hoje, as fortunas nascem do conhecimento tecnológico aplicado, sem indústria material. Naquele tempo, a sociedade em construção em oposição ao socialismo totalitário tinha como base a defesa da propriedade privada dos meios de produção, o seu limite foi a tentativa de construção da sociedade mundial nazifascista. Mas a ideologia religiosa transformou-se em sustentação política, não é mais inerente à metafísica. Foi-se o ópio do povo, agora, tem-se vigência o consumismo como ideal social.

Todas as estradas traçadas a partir de Marx e Lênin levaram ao abismo, não à Catedral. Uma boa parte da esquerda brasileira acreditava e continua acreditando que a Revolução Cubana, por ser antiamericana, estaria na direção certa para resolver os problemas sociais, não só no Brasil, mas em toda América Latina e “quem sabe do mundo”. Até hoje, essas pessoas olham para a “Cuba socialista” com respeito apenas pouco menor do que olham para Fidel Castro e o fantasma Che Guevara.

O que se tinha era uma Revolução Cubana vitoriosa que influía na juventude brasileira de forma fulminante. A liderança estudantil sempre é de um grupo mas, nesse caso, esse grupo foi tomado por uma esperança — o que havia contra essa esperança era a política americana, que não se livrava do macartismo, que via em qualquer preocupação social o fantasma do comunismo, como escrito por Marx e Engels no seu *Manifesto* de 1848. No Brasil, essa ideologia de direita tinha Carlos Lacerda como representante e, para muita gente, empresa estatal era o primeiro passo para o socialismo. Falar em planejamento econômico era “coisa de comunista”. A discussão ideológica era muito extremada, tanto à direita quanto à esquerda radical, e era minoria. A Escola Superior de Guerra foi criada no espírito do anticomunismo, tendo como modelo a Escola de Defesa dos Estados Unidos. Era uma maneira de gerar uma doutrina de Segurança Nacional livre dos perigos do comunismo. E assim foi feito, com a assistência americana através da área de contrainformação da CIA.

A tomada do poder em Cuba por Fidel Castro e seu grupo de revoltosos foi recebida com júbilo, afinal, Fugêncio Batista era um ditador tipicamente latino-americano que mandava aniquilar qualquer movimento que almejasse criticá-lo. O governo americano, ainda sob o impacto do lançamento e domínio espacial soviético, vinha há anos vigiando os governos e as sociedades latino-americanas.

Naqueles anos, podia-se identificar, nas salas de aula das universidades brasileiras, a presença dos

agentes da Ordem Política e Social, preocupados com possíveis “comunistas e subversivos”. Testemunhei essa vigilância, pessoalmente, como aluno da Faculdade Nacional de Ciências Econômicas e presidente do seu diretório acadêmico, onde o surgimento repentino de um novo aluno, um tanto velho, chamou a atenção e foi facilmente identificado como agente da já existente Dops. Vale lembrar que isso ocorria nos tempos do democrático, mas não muito, governo de JK, Juscelino Kubitschek.

Enquanto isso, os americanos se mostravam como defensores da propriedade privada, a qualquer custo. Nesse ambiente, no dia 26 de abril de 1958, a revista *Manchete* publicava o artigo “Boca de fogo fala em Cuba”. E afirmava: “O mandato de Batista (duas vezes ditador, anteriormente) termina em 1959. Depois de uma ação frustrada contra Batista-ditador, em 1953, Fidel Castro, jovem advogado, refugiou-se em Nova York, onde, em outubro de 1955, fundou o Movimento 26 de Julio, que aglutinou as outras organizações de exilados nos Estados Unidos. A 2 de dezembro de 1956, Fidel Castro, com 82 companheiros, invadiu Cuba, desembarcando do iate *Gramma* na Playa Colorada, sob fogo cerrado, ganhando a Sierra Maestra, na Província de Oriente, onde iniciou sortidas guerrilhas. E assim com a simpatia de setores políticos norte-americanos e da opinião pública latino-americana, no dia 1º de janeiro de 1959, Fidel Castro derrubava Fulgêncio Batista e formava um governo liberal, integrado por toda oposição.”

Nesse ambiente, os Estados Unidos forçavam Fidel Castro a realizar eleições para legitimar o seu governo. Fidel sabia que Fulgêncio Batista, como todo ditador populista, poderia facilmente ganhar tais eleições, caso fosse efetivado o desejo americano. Exemplos não faltavam, como havia acontecido com os ditadores Getúlio Vargas, Peron, Hitler, Stalin, Franco, Salazar e outros tantos, que foram extremamente populares. As ditaduras só atingem diretamente a elite intelectual e política, o resto é massa de manobra...

Muito do que precede foi-me relatado por Vasco Leitão da Cunha, que havia sido embaixador em Havana nos anos em que se realizava a tomada do poder por Fidel Castro.

Hoje, em Cuba, não existe o livre direito de ir e vir e de expressar o pensamento. As primeiras vítimas das ditaduras são a liberdade e a verdade. No Brasil da ditadura, os passaportes, mesmo os diplomáticos, levavam um carimbo de “não é válido para Cuba”. Isso me fazia mal. Era um carimbo ocioso, pois os passaportes só têm validade para os países com que se têm relações diplomáticas. Quando não se tem tais relações, o cidadão não tem a quem recorrer para qualquer forma de apoio ou assistência.

Voltando para a União Soviética, todo grão, fundamentalmente o trigo e o milho, pois alimentam tanto o homem quanto o animal, era o fiel da balança da economia soviética. A falta deles era sinônimo de crise, sem direito a protestos...

A produção de grãos para não se ter crise girava em torno de 200 milhões de toneladas e quando esse nível não era atingido havia duas saídas: uma, era importação dos Estados Unidos, Canadá e Argentina; a outra alternativa era deixar uma boa parte da população e do gado à míngua, sem direito a protestos...

Por isso, ser membro do Partido Comunista era um plus, uma espécie de varinha de condão que produzia pães a partir do nada, eis o milagre soviético... Uma coisa seja dita, a nomenclatura, de uma certa forma, mantinha a discrição. Não comiam produtos importados do mundo ocidental, dito livre, nem tão pouco tomavam bebidas alcoólicas ou não, vindas daquele mundo decadente, nem mesmo champanhe, que nunca substituiu o *shampanskoe* soviético.

Quanto ao rublo, é um caso à parte, a moeda, em geral, já é uma mágica. Acredita-se que um pedaço de papel, uma fotografia, um número, um número de série e um número que indique uma quantidade de moeda, destituída de qualquer vinculação real, possa comprar bens e serviços, os mais variados. O rublo soviético era mais mágico ainda — não tinha poder de compra livre, já que não havia mercado. Havia um espaço onde os produtos eram expostos, cada produto tinha um “preço” fixado e invariável. O

“comprador” chegava com uma quantidade de rublos e recebia, em troca, o produto que não era uma mercadoria, pois, o seu “preço” fora fixado pelo órgão de planejamento e não pelo resultado da oferta e da procura, isto é, do mercado.

Quem tivesse rublos, no valor correspondente aos preços, poderia levar o produto. Os produtos, na sua diversidade, eram limitados aos padrões e quantidades decididos pelos planejadores do Estado. A moeda rublo era não conversível — não havia câmbio. O que havia era o câmbio de moeda estrangeira conversível para o rublo praticado exclusivamente através do Banco do Comércio Exterior. Por exemplo, se eu quisesse trocar 100 dólares, receberia 90 rublos e, se não gastasse, azar meu...

Nossos bons escritores Jorge Amado e Guilherme Figueiredo eram “ricos em rublos”, mas não tinham onde gastar os direitos autorais que lhes eram pagos... A nossa querida “anarquista” Zélia Gattai tinha matriochkas e lenços de todas as cores trazidos de Praga e Moscou (era o que se podia trazer). Afinal, que lhe adiantava ter uma montanha de ouro, sem liberdade para gastar um mísero tostão?

Vi há pouco tempo um documentário sobre o 9 de maio, dia da Vitória sobre o nazismo, de 2012, em que o desfile militar na Praça Vermelha, em Moscou, deixa evidente que o poderio militar russo continua nos mesmos níveis dos que pude observar pessoalmente, nos tempos soviéticos, só que agora muito modernizados.

Na verdade, como disse De Gaulle em sua visita a Moscou, em 1967, ao Chefe do Protocolo da União Soviética, que o corrigira ao se referir a União Soviética como Rússia Soviética: “C’est La Russie Sovietique, toujours La Russie.” A Rússia é sempre a Rússia, independentemente dos adjetivos, no passado — Soviética, hoje, Democrática — E viva a Rússia!

Quando assistia aos desfiles na Praça Vermelha, ouvia a saudação do Comandante dirigida à tropa: “*Da sdrastievui! Tovarich!*” E a tropa respondia: “*Ura! Ura! Ura!*” Saudações, camaradas — e hoje, continuam dizendo a mesma saudação; a alma dessa saudação é a mesma, é a alma do patriotismo que respira e inspira o orgulho de ser russo. Os nazistas sentiram na pele o que é enfrentar esse patriotismo.

Minhas filhas Carla e Cláudia e eu falávamos russo a partir da alma. Não éramos estrangeiros falantes da língua de Pushkin, nós procurávamos pensar a partir dos valores russos. Quando, hoje, os russos veem minha filha Carla falando russo, aprendido desde o jardim de infância em Moscou, gostando de pão preto e pirozhky, um salgado à la russa, e sorvete de creme, ficam encantados. Ela atinge os russos na alma. Cláudia deve ter, hoje, sua alma meio russa, pois faleceu.

As culturas que mais se aproximaram dos russos foram as francesas e italianas porque ambas conseguiram moldar-se ao gosto russo. Explicar o que isso significa demandaria uma enciclopédia de estudos — basta viver a cultura russa não como estrangeiro, mas como alguém que tenta entender a sua alma. Vejam um balé russo dançado por russos e veja o mesmo dançado por estrangeiros, no mínimo, faltarão gestos russos, definitivamente russos. Veja um palácio em Moscou e em São Petersburgo e verá o traço mais russo em Moscou do que na antiga capital, cuja construção sofreu forte influência italiana. Em Moscou, vamos encontrar a influência francesa especialmente em seus teatros. O teatro russo nasce com o teatro francês, com o balé, com a ópera. A sua cultura fica impregnada pelas outras, mas permanece russa. Tudo se russifica na Rússia. Até a democracia, daí o estranhamento ainda existente dos chamados “cientistas políticos ocidentais” em relação à Rússia de hoje, a Rússia de Putin e Miedieleiv — os democratas que se revezam na presidência, enquanto a biologia o permitir. Isso é a democracia, vista como Democratsia em russo.

De uma forma sintética, pode-se entender o mecanismo das transformações decorridas da queda total do sistema soviético. Tudo brota de dentro dele mesmo.

Havia uma juventude comunista, às vezes não tão jovens, organizada de forma profissional. Jovens capazes de administrar coisas e se aproveitarem da ideia dos bônus de 10 mil rublos distribuídos para cada cidadão soviético, como indenização da construção do produto material da economia, tudo propriedade dos Sovietes, desde prédios até armazéns, estoques, refinarias de petróleo, em suma, todo o

PIB. Foram os membros da juventude comunista, principalmente, que comprando tais bônus, a valores altamente depreciados, inclusive da população idosa, com isso se adonando de toda produção, trataram de criar bancos especializados pelas atividades econômicas, herdados da velha estrutura financeira, e juntamente, com as organizações criminosas já existentes, dos tempos soviéticos, se tornaram os novos “magnatas”, na verdade, a nova máfia russa que, com o correr do tempo, se tornaria, igualmente, os novos milionários e bilionários russos, que hoje mandam na Rússia Moderna. Na área política, igualmente, essa mesma “juventude comunista” expulsou os velhos comunistas e tratou de assumir a estrutura do poder real da Rússia e aí estão eles no novo poder político russo, e hoje, procuram perpetuar-se na direção política da nova sociedade. Mas tudo isso sem abandonar o patriotismo herdado do czarismo, do totalitarismo e continuaram a construir uma Rússia militarmente poderosa. Essa é a real democracia russa que substituiu o real socialismo soviético, que, por sua vez, havia substituído o absolutismo czarista. Razão tinha Dostoiévski referindo-se à Rússia quando dizia: “Isto não é uma sociedade — é uma experiência”.

A FALÊNCIA IDEOLÓGICA

“Do século XVI ao XIX, o inumano sistema comprara seres humanos de pele negra como se fossem animais e os encerrava nos porões funestos e fétidos dos navios, transportando-os como escravos para lugares distantes como a Europa e as Américas — atrás deles, ficaram os amigos, os filhos, a esposa, a liberdade. À frente deles estava o futuro amedrontador, a dor, o trabalho forçado e uma saudade incontrolável. Nos tempos atuais, o sistema parece ter fabricado novos escravos, só que lhes paga salários altos e dá-lhes uma série de benefícios. Atrás deles têm ficado os filhos, a esposa, os amigos, os sonhos. À frente deles está um futuro incerto, volátil, competitivo, apreensivo e um trabalho mental forçado. Como nos tem dito o vendedor de ideias — a história é cíclica.”

Augusto Cury, *O vendedor de sonhos*.

Somos todos espectadores de uma mudança assustadora, quase sem controle, nessa nova era.

Não existe um sistema, por não existir ideologia e sim um modo de produção e distribuição de mercadorias e serviços. O que existe é a política democrática e a democracia assume formas diversas, mas sempre baseada na liberdade de criação e de pensamento. Sem isso, não há nada. A teoria econômica era montada em parâmetros a partir das forças de mercado — a oferta e a procura resolviam tudo, era quase uma religião e o seu deus, a lei de mercado — a realidade provou que esse deus não é onipotente. E a prova disso é o estado de crise social da Europa, cujo maior índice, o que mais avança, é o desemprego, principalmente entre jovens.

Existe o mistério da fé e existe o mistério da economia... Será que não existe mistério? Antigamente, inventava-se locomotivas cada vez melhores, que transportavam passageiros ou mercadorias, em velocidades crescentes. Agora, se cria softwares que permitem a pronta comunicação, desde programas pela melhor organização dos embarques e desembarques até as palavras de forma instantânea para uma quantidade ilimitada de interlocutores, mesmo que esse falar seja vazio e não remova montanhas, a montanha da miséria crescente.

Tudo é o transporte. Transporta-se objetos, palavras, frases, ordens. A informática levou ao infinito a velocidade de execução dessas tarefas. Dalai Lama diz que nós, ocidentais, transportamos lixo nos bolsos — o lenço. Carregamos o sentimento da tristeza e que a alegria é construída a partir de encontros (principalmente virtuais...).

O mundo da publicidade, hoje, deu corpo à velha fábula “Rana rupta et bos” (A rã explodida e o boi), de Esopo, escravo romano — não se fazem mais escravos como antigamente, que contava: a rã e o boi estavam à margem de um riacho bebendo água, quando a rã perguntou ao boi como é que ele ficara tão grande e ela tão pequena. E ele respondeu que assim quiseram os deuses... A rã, inconformada, disse que ia ficar do tamanho dele. Dito isso, levantou a cabeça e começou a engolir ar sem parar. O ar engolido foi se expandindo dentro do corpo da rã. De vez em quando, a rã perguntava ao boi se ela já estava do tamanho dele. O boi respondia que não, que ainda faltava muito. E assim foi — continuou o diálogo à procura do impossível, até que a rã explodiu, feito uma enorme bolha.

É isso que estamos vivendo. A União Soviética tinha embaixo de si um sistema que seria a salvação, não da lavoura, mas do mundo, mas que revelou-se na sua integralidade falido, como dizia o seu filósofo criador — foi-se para o lixo da história, como o boi da fábula.

A China, na verdade, nunca havia entrado no sistema, o que vigia lá era uma escravatura de Estado que parcialmente já foi para o lixo da história, mas passou para a forma de um “capitalismo de Estado”, isto é, uma forma de neofascismo ou nazismo, como querem alguns.

A diferença entre fascismo, criado por Mussolini, e o nazismo, imaginado por Hitler, era a explicitação do racismo que informava o nazismo, ausente no fascismo original. Mussolini, quando pensou o fascismo, preocupava-se em dar organicidade à fragmentada Itália. O símbolo prático do fascismo era o horário dos trens. Aqui no Brasil, dizia-se que as ferrovias exibiam seus horários só para

saber o tamanho do atraso da circulação efetiva dos trens... Nos países civilizados até os ônibus têm horário e obedecem. Aqui, no Rio, só se fala no intervalo — não se fala no horário dos ônibus...

O capitalismo visto por Marx foi tão equivocado quanto seu socialismo, porque de fato, não existe nem socialismo, nem capitalismo e, muito menos, comunismo. A estrutura socialista marxista, por sua natureza, é rígida — ela só pode ser mudada através das mudanças introduzidas no seu plano geral de funcionamento. Não é naturalmente dinâmica, como o é a sociedade dita capitalista, para o bem ou para o mal ou para o crescimento da crise.

Marx tinha imaginado que a eliminação da propriedade privada, “raiz de todos os males”, levaria a uma distribuição justa. Aí, que estava o engano dele. Porque não é verdade. A verdade, o que interessa numa sociedade, é a dignidade de vida das suas classes mais baixas monetariamente e a mobilidade de suas diversas camadas, significa que as novas gerações não precisam necessariamente repetir e pertencer à mesma classe social de onde se originaram.

Volto à frase de minha mãe: “Se não der para o estudo vai ser um operário honesto...”
Definitivamente, não era isso o que eu queria para a minha vida!

Na Alemanha Nazista, tinha-se que pensar de acordo com a ideologia ditada e adotada pelo Estado. Na produção capitalista há liberdade de criação, a iniciativa é livre. Um exemplo é a internet, que nasce de uma estrutura fechada de comunicação, a intranet, que foi usada entre militares e depois entre universitários.

A partir do Iluminismo, fim do século XVIII, início do XIX, passou-se a acreditar que seria possível construir uma sociedade cientificamente organizada — por um lado, Marx e Lênin levaram isso ao pé da letra e, ao extremo; uma sociedade materialista em que a propriedade privada dos meios de produção e a liberdade individual foram banidas; por outro lado, Mussolini e Hitler criaram o fascismo e o nazismo, nos quais a propriedade privada foi preservada, desde que o proprietário do capital não fosse judeu, comunista ou socialista. A liberdade individual foi condicionada às diretrizes dos partidos fascista e nazista. Anteriormente, só as religiões pretendiam “organizar” o pensamento da sociedade. Voltaire não era contra a fé. Ele era anticlerical, isto é, contra a fé organizada como poder político.

A raiz de tudo está no Poder Político, no Poder de gerir a sociedade, e isso que é difícil — gerir a sociedade. Esse Poder pode ser totalitário ou difuso, isto é, democrático. No Poder Totalitário, o centro determina a ação de todos os níveis da sociedade e até mesmo os níveis da sociedade em si. O ideal totalitário é o comportamento das formigas, das abelhas e do “cada macaco no seu galho...”.

Hoje, tenho consciência do equívoco das teorias econômicas que me atribuíram o título de economista. Com o fim da possibilidade de existência de uma sociedade dita socialista, cujo objetivo seria o bem do ser humano, restou a sociedade baseada na liberdade de criação e produção, cujo objetivo central é o lucro crescente. Marx, na sua análise do capitalismo, pontificou que esse sistema trazia no seu cerne o germe de sua destruição. Continuasse a política estruturalmente rígida, o capitalismo hoje estaria se destruindo. Mas, como a estrutura política tem se mostrado flexível, pode-se ter esperança no surgimento de uma nova prática política que se constitua no caminho de saída da profunda crise em que mergulhou a partir do ano de 2008 e que ainda persiste em provocar sofrimentos em grande parte da sociedade mundial.

O que está mudando é o conteúdo da palavra produção e do capital. No princípio, produção era de alimentos, matéria concreta: aço, produtos químicos, máquinas, bens de capital e bens de consumo. O capital eram máquinas a serem acionadas de forma complementar pela força humana, os operários. Hoje, a produção passou a incluir matérias aparentemente abstratas, os programas e algoritmos cuja matéria-prima é a massa cinzenta, tornando a produção quase imaterial, com suas máquinas vivas capazes de repetir de forma automática movimentos que vão produzir outras máquinas e mercadorias. É melhor que escravos, servos e operários, substituídos por movimentos em sua maior parte programáveis a partir da massa cinzenta e aplicados por dispositivos autônomos, os robôs. A palavra robô tem sua origem no

eslavônico — *raby* — isto é, escravo...

A propósito, Charles Chaplin teria que atualizar o seu famoso filme *Tempos modernos*. Aquele homenzinho, que é engolido pelas engrenagens, desaparece no processo de produção. Agora, ele está sentado diante de um painel computadorizado, imaginando como movimentar ferramentas virtuais de produção, como criar novos algoritmos, novos programas para computadores. Por outro lado, o bancário que anotava cheques, pagava dinheiro, anotava movimento das contas etc. foi substituído pelo próprio cliente do banco, que diante de uma máquina mágica, entrega-lhe dinheiro, transfere valores de sua conta para outras contas, faz pagamentos. Só que os mágicos, proprietários dessas “máquinas”, continuam se chamando banqueiros e capitalistas... Será que ainda o são?

Aliás, falando em Chaplin, lembrei-me que só encontraram em toda vida de Stalin um momento de ternura — ao fim de um filme do genial artista, diretor e produtor, em que ele vai se afastando para o fundo da tela, Stalin lembra-se do pai e deixa rolar uma lágrima. Ai daquela lágrima se rolasse sem a sua permissão... Ele via esse final repetidamente, em solidão, e tinha sempre aquela mesma reação... A propósito, lembro-me também de história contada por veterano sobrevivente de um gulag, segundo a qual só um filme era entregue a cada ano para ser visto na unidade prisional. O mesmo filme era passado na aldeia próxima. Resultado, tanto na aldeia quanto no gulag, as pessoas viam aquele mesmo filme inúmeras vezes — a diversão era observar o maior número de detalhes em cada cena. A alternativa era pior...

Melhorou-se a forma de explorar o ser humano, não mais por sua força e habilidade braçal, mas pela sua capacidade cerebral. Um antigo banqueiro, ao propiciar a circulação das riquezas materiais, via ali um meio de ganhar dinheiro, financiando a produção e transporte dessas mercadorias. O banqueiro moderno vê no transporte do próprio dinheiro o meio de fazer dinheiro. Hoje, o banqueiro faz dinheiro com as variações das taxas de juros dos empréstimos e da movimentação dos valores, criando um mercado das mudanças do primeiro acréscimo sobre o valor do capital, representado pelos juros, isto é, a variação do ritmo das mudanças das taxas de juros passa a ser também objeto de outro mercado, cria-se a coisa mais etérea até o momento do surgimento do capitalismo — o mercado de derivativos. O objetivo dessa nova economia é tão somente o lucro. O ser humano é apenas um detalhe e só desperta interesse como consumidor. O mercado financeiro sobrepôs-se ao mercado da produção, circulação das mercadorias e dos serviços.

Eu sou adepto da cosmologia. Quando vejo a Terra no contexto cósmico, sinto-me reduzido a uma simples partícula de um imaginário átomo minúsculo com meu movimento quase quântico, pois nada sei da minha vida. Não sei onde estou, não sei para onde vou, não sei por que estou aqui. Mas, sei que não existem sistemas e soluções definitivos, acabados, científicos. A ciência que é sinônimo de saber — muda e muda sempre, como dizia o filósofo grego Heráclito — nada mais permanente do que a mudança. Hoje, poderia-se dizer: a ciência opera de forma derivativa e o lucro pode surgir quando essa mudança tem aplicação tecnológica, isto é, no aumento ou na criação da produção. No mercado derivativo não há qualquer aumento ou criação de riqueza — é apenas a acumulação da especulação sobre a mudança financeira.

EPÍLOGO

Esse livro é feito de fragmentos de memórias e lembranças. Memórias vagas, era pensar num país, não numa cidade. Poderia ser uma prisão ou uma terra congelada sem fim, mas o gelo representa a matéria em transformação, a corrida contra o tempo, malabarismo no gelo. A estrada da minha vida sou eu comigo mesmo.

A estrada da democracia é um caminho em permanente construção e, quando parece estar pronta deixa de ser o caminho, torna-se apenas uma estrada, a ser sempre modernizada para permitir o crescente fluxo de novas ideias. Quando criança, vi a foice e o martelo no muro do cemitério, em Ricardo de Albuquerque (Anchieta, o subúrbio de onde eu vim, era tão pobre, que nem lugar para enterrar seus mortos, tinha). Aquela imagem sempre foi a fantasia de transformação do mundo e do sonho em delírio, a imagem da minha lembrança revela-se o que já se percebeu, uma mera utopia. Mas, em mim, aquela imagem causou estranheza pelo desrespeito a um campo santo, porém, mal sabia eu, que anos depois, seria essa imagem, o início do meu caminho.

O destino, se existir, não pode fazer tudo sozinho. É preciso que se construa aquela ponte para encontrá-lo. Até que, para quem saiu de Anchieta, com sua falta de perspectiva, na verdade, com aquela mediocridade em volta, com seus terrenos baldios e suas cabras vadias, como dizia Nelson Rodrigues, cheguei bastante longe. Eu via as oportunidades e as aproveitava. Não tinha medo de mudar. É uma estrada complicada. Se a estrada não leva a uma grandeza, não tem sentido. A vida tem que ser vivida. Se você substitui estrada por vida, você está no caminho certo, isto é, da Catedral. Vi além de Gericinó e, o que vi não me impressionou nem de um lado, nem de outro. Sinto a necessidade que se continue a busca do caminho que leve à Catedral do conhecimento. Isso é a vida.

Foi então que aquela pergunta do início da minha caminhada retornou com força total — Para que serve o caminho se não leva à Catedral?

Percebi que ao invés do que eu imaginara, a coragem nunca me faltou e que a ousadia é a mola mestra para criarmos o longo caminho da nossa existência. Desde aventurar-se em terras distantes até deixar um país que não atenda mais a nossos anseios. Mudar o rumo da minha vida se preciso fosse.

Não me faltou coragem quando menino cheguei em casa arrasado com o ditado cheio de erros e me matei de estudar porque sabia que esse era o caminho.

Não me faltou coragem quando fui obrigado a deixar a carreira militar por causa de uma tuberculose e mais uma vez fui estudar porque sabia que esse era o caminho.

Não me faltou coragem quando fui trabalhar na URSS e mais uma vez fui estudar porque sabia que esse era o caminho.

E não me falta coragem, agora, para dar meu testemunho de vida, sem grandes emoções e aventuras, mas sempre com coragem nesse recuo solitário.

A única coisa que nunca mudou, agora vejo, foi meu conceito de coragem. Se nos caminhos sofrermos acidentes de percurso e nos desviamos da Catedral, é para nos fortalecermos e seguirmos em frente com ousadia por caminhos diferentes e descobrir o que existe do outro lado da vida. O que existe além da Serra de Gericinó. A verdadeira Catedral. É pé na estrada e pé na tábua, com coragem sempre.

Após sete meses de viuvez, conheci, em reunião social, chez Paulo de Assis, amigo fraterno de longa data, Maria Esther, dezenove anos mais jovem, encantadora, culta e capaz de expor sempre com clareza e sinceridade os seus pensamentos. Com ela viria a me casar, mais adiante, o que trouxe e vem trazendo, amor, alegria e companheirismo a minha vida, inclusive a paciência de ouvir minhas lembranças e conseguir delas pinçar momentos que lhe pareciam interessantes, reunindo-as de forma

muito competente neste livro, que espero agrade ao leitor. Seu estilo, lembra-me o de seu pai, o jornalista Augusto Rodrigues, que conseguia juntar, com talento, fragmentos aparentemente díspares em uma peça oratória ou literária, perfeitamente coerente. A sua forma de analisar os fatos transparece a inteligência de sua mãe, Dulce Paes Barreto Rodrigues, única mulher a se formar em Direito em 1939, em Vitória, ES, ao saber destacar do contexto, o fundamental. Aos talentos de seus pais agregou o seu jeito pessoal de ver e escrever sempre com seu sentimento positivo, o que deu às minhas lembranças, às vezes amargas, uma imagem de esperança sintetizada em seu estilo inigualável e agradável de ler.

Só posso agradecer de forma profunda à Maria Esther, o carinho e o amor com que se dedicou a essa difícil tarefa de dar importância aos meus retalhos de vida, fazendo deles uma peça coerente e harmoniosa. Na verdade, Maria Esther conseguiu construir com eles um espelho que bem reflete parcelas inesquecíveis de minha vida e que possam despertar no leitor a curiosidade sobre o mundo materialista soviético e o seu desaparecimento, como obra de um milagre, quem sabe, de Fátima.

Nosso casamento mostra como o amor tardio pode lançar raízes tão fortes que resistem ao tempo e gerar fruto inesperado como este livro que será a única marca de minha vida que deixarei. Hoje, parece-me inviável viver sem Maria Esther e sua querida família que me acolheu e me acolhe com todo o carinho. Agora, só tenho netos adoráveis, em número ainda incerto, graças a ela. Muito obrigado, querida Maria Esther, espero que continue me amando como eu te amo e amarei para todo o sempre.

Obertal Obertalovitch

STALIN

“Atrás de um problema há sempre um homem. Eliminado o homem elimina-se o problema”. Stalin

Após a Revolução de Outubro, seguiu-se uma guerra civil na Rússia. O novo governo tinha de lidar com a fome da população, a contrarrevolução, as regiões que queriam sua independência e mesmo ataques de países ocidentais na I Guerra Mundial. A muito custo, os bolcheviques venceram, e daí nasceu o Estado Socialista batizado de “União Soviética”. O Império Russo é transformado na União Soviética, na verdade, “Império Soviético”, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (CCCP). Cada uma das províncias foram transformadas em repúblicas que, ao final do processo de transformação, eram no número de quinze. Então, a forma política resultante era constituída pela União Soviética e as 15 Repúblicas. O poder se concentrava na União. Aí vem a grande mentira: a União é, na verdade, o único poder real. As repúblicas oficialmente independentes eram subjugadas ao Poder Central, concentrado na União. Em 1928, sem Trótski para atrapalhar, o poder de Stalin tornou-se total. Era hora de colocar em prática o “socialismo em um só país”, que envolveria imensa industrialização às custas do trabalho no campo através das fazendas coletivas. Enquanto isso, o ditador passava a ver inimigos em qualquer companheiro que se destacasse, e acabava com todos que pudessem lhe tomar o poder. Era o Terror Stalinista. Às vésperas de explodir a II Guerra Mundial, Stalin assinou um pacto de não agressão com Hitler. Mas, com o decorrer da Guerra e a ocupação de quase toda a Europa, o líder nazista decidiu romper o acordo e atacar a União Soviética. O final dessa história é conhecido: a Alemanha perdeu a Guerra e a URSS saiu dela como potência mundial, apesar de sua situação precária. Stalin surgia como um líder notável, ao lado de Truman e Churchill. Se há um dado louvável da administração Stalin é seu grande desenvolvimento econômico. De um país basicamente agrário, ele transformou a URSS na segunda maior potência do mundo, tendo desenvolvido mesmo o poder nuclear. Em 1949, o líder soviético fez explodir a primeira bomba atômica russa. Outro ato imensurável de valor realizado pelos soviéticos foi a vitória contra o nazismo. Hoje, olhando para seu legado, há algumas conclusões das quais não há como escapar: Stalin industrializou e transformou a URSS em uma potência mundial, mas sob um alto custo humano, que envolveu milhões e milhões de vidas.

Stalin até chegar a ser Stalin, o “homem de aço”, foi em criança chamado de Sosso por sua mãe Keké que imaginava para ele o destino de ser um padre ortodoxo, em contraposição a Visarion, seu pai, que proclamava “Você quer que meu filho seja padre. Se engana. Eu sou sapateiro e o meu filho será sapateiro como eu”. Keké protesta, ele a mói de pancada e leva Sosso com ele. Keké com apoio dos padres da escola faz com que Visarion ceda perante aliança eclesiástica. E assim, Sosso voltou à escola dos padres, alfabetizou-se, estudou georgiano, que era sua primeira língua, foi encaminhado ao seminário de Tbilisi, onde aprendeu russo, mas, continuou a ter em sua língua materna a sua principal forma de comunicação. Mais tarde, só usaria o russo para dirigir-se aos companheiros de Partido vindos de Moscou e das demais partes do Império Russo.

Stalin foi sempre um estudioso, lia tudo que conseguisse alcançar. Cedo ainda no seminário percebeu o que significava a terrível desigualdade da sociedade. Todos os seus colegas eram ricos, ele por ter sido sempre um bom aluno, nos tempos anteriores aos do seminário, gozava de uma bolsa de estudo que só seria concedida caso ele mantivesse a excelência no seu aproveitamento escolar. Além de teologia, Stálin estudou grego e latim, e bem. Nesses tempos, começou a procurar caminhos para lutar contra essa desigualdade: descobriu Karl Marx e mais tarde, Wladimir Lênin e em consequência das suas atividades políticas foi expulso do seminário. Muito habilmente aliou-se a Lênin desde o princípio e assim foi até conhecer Trótski de quem tornou-se inimigo à primeira vista. Note-se bem – inimigo e não adversário. Ele identificou em Trótski o seu principal concorrente no ciclo de ação de Lênin. Ele estava certo, Lênin usava Stálin para questões práticas enquanto que com Trótski tratava de assuntos de política organizacional e de ação. Trótski criou e foi chefe da diplomacia e da defesa soviética, o famoso Exército Vermelho. Além disso, há de se registrar que a Troika de Poder era constituída por Lênin, Kameniev e Zinoviev. De forma dissimulada, Stálin instalou-se no cargo de Secretário Geral do Partido com o apoio da Troika. Nessa época, essa posição tinha um sentido meramente burocrático. Stálin cuidadosamente foi elevando o seu poder, trazendo ao seu cargo de Secretário, funções operacionais de forma crescente. Lênin observava de forma atenta o estilo grosseiro de Stálin trabalhar e, já doente, tratou de alertar o Comitê Central do Partido sobre a inconveniência de levar tanto Stálin quanto Trótski a sucedê-lo após sua morte. Stalin sequestrou essa correspondência escondendo-a zelosamente até a sua própria morte.

É preciso ter em mente que, com a morte de Lênin, em 21 de janeiro de 1924, Stalin manobrou para que essa notícia só chegasse a Trótski após o sepultamento do seu ilustre chefe. Seu inimigo encontrava-se, convenientemente, no Cáucaso. Nesses tempos, uma viagem de Tbilisi a Moscou demandava cerca de uma semana. Enquanto isso, a chefia suprema do Poder Soviético passou a ser ocupado pelo dissimulado Stalin, sob o olhar estupefato de Nadiezhda Krupskaya, mulher e secretária de Lênin, que bem conhecia o seu juízo sobre Stalin. Apesar do aparente poder formal, Stalin era consciente do seu real papel na condução dos destinos da já União Soviética. Foi morosamente esquentando a água do caldeirão no qual estava todo o povo do antigo Império Russo, até que em 1936 sentiu-se forte bastante para aprofundar a eliminação de todos os seus inimigos, a começar por aqueles que eram mais próximos de Lênin: Kameniev e Zinoviev que compunham a antiga Troika. O braço auxiliar da política totalitária de Stalin passou a ser composto pelo NKVD e seu serviço secreto ou OGPU, mais tarde KGB e hoje, Serviço de Segurança da Federação Russa – SSFR. Com os julgamentos, então iniciados, são mandados para o exílio e executados milhões de pessoas. É o Terror que só seria amainado com sua morte em 1953, mas que continuaria a vigir até o fim da URSS em dezembro de 1991, e pouco a pouco vai sendo retomado no atual Regime Democrático, ora vigente, na Rússia. A influência de Stalin é persistente, seus sucessores, mesmo aqueles como Nikita Khrushov que tentou, após sentir-se mais forte, em 1961, abrir o regime permitindo um certo grau de liberdades, inclusive aos escritores soviéticos, com a publicação de poesias e mesmo romances, até então proibidos e exibição de filmes que, como se dizia lá,

“estavam nas prateleiras”, foi obrigado a retroagir e finalmente, expulso do poder e tornou-se praticamente prisioneiro na datcha para onde foi mandado em outubro de 1964. Khrushov agradeceu a Deus, em público, por ter saído do Poder e ter permanecido vivo. O Stalinismo estava de volta com uma intensidade menor, mas os sussurros referidos por Orlando Figes permaneciam na forma de comunicação oral pelos cidadãos soviéticos. A morte de Stalin foi sobreposta por revelações de um regime cruel e totalitário, que surpreenderam até mesmo os mais fanáticos dos comunistas. Seus herdeiros, cientes disso, passaram a governar em vista da Guerra Fria e buscaram desmontar parte do aparelho burocrático erguido por ele.

Nos anos 37 a 39, Stalin preocupava-se profundamente em extirpar da sociedade e do governo soviético todos os seus inimigos, os inimigos do povo. Quem eram esses inimigos? Desse mesmo tempo, o povo soviético sofria todas as consequências da ação dessa gente. O custo de vida. A grande dificuldade era identificar esses inimigos e só contorcendo o próprio cérebro era capaz de extrair de suas próprias entranhas esses indivíduos e transferi-los para aqueles que julgava capaz de identificá-lo como o inimigo do povo. Era uma coisa tortuosa. Stalin não percebia que ele mesmo era o inimigo do povo e pior ainda, nem mesmo o povo via em Stalin, o seu inimigo. Essa é a tragédia kafkiana da sociedade soviética sob o jugo do marxismo-leninismo criado por Lênin e aperfeiçoado por Stalin com sua forma totalitária. A corrupção, o servilismo, a intriga, as informações ocultas, as diferenças salariais entre os cidadãos comuns e os membros do Partido, em especialmente daqueles que ocupavam os cargos mais altos da hierarquia, também eram os inimigos do povo.

PROJETO MOTOR

Agradecemos aos leitores que tornaram possível este livro, por meio da Edição Social da [plataforma MOTOR](#)

Adriana Tanus • Alessandra Rodrigues Santiago • Ana Maria de Paula Barros • Ana Paula Ohanian Monteiro • André Antunes • Angela Maia Ohanian • Antonia Maria Cezar de Andrade • Augusto Falcão Rodrigues (in memoriam) • Bernardo Ohanian Monteiro • Carla B Mantovanelli • Cristiana Tourinho • Cristina Mendes • Dulce Paes Barreto Rodrigues • Eduardo Barreto Dantas Motta • Elza Barreto Dantas Motta • Elza Rezende Dantas Motta • Ezequiel Gielman • Henrique Rodrigues Santiago • Irene Dantas Motta Gomes • João Paulo Rodrigues de Carvalho • Joselita Bodart • Leila Rodrigues de Carvalho • Maili Cairo • Marcelo de Castro Rangel • Maria Alice Nova Guimarães • Maria Cecília Nova Alves • Maria Elizabeth Dias Bastos • Maria Helena Machado Serra • Maria Rodrigues • Maria Teresa P. B. Baptista • Mário Rodrigues de Carvalho • Mitzi Bergalo • Murilo Vieira Machado Serra • Nadja Chaves • Nelson Henrique Costa Santiago • Noemia Paes Barreto Brandão • Obertal Mantovanelli Netto • Ormy Paes Barreto (in memoriam) • Paulo de Assis • Priscilla Rodrigues Santiago Nogueira • Renata Rodrigues Orofino • Ricardo Rodrigues Orofino • Rita Vieira • Roberta Orofino Couto • Roberto Patrício Netuno Vitagliano • Sergio C Livramento • Sergio Barreto Dantas Motta • Sonia Teresa Rodrigues Orofino